



**ISPA** | INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

***BONDING* E PREMATURIDADE: ESTUDO DO  
ENVOLVIMENTO PATERNAL PRECOCE NUM  
CONTEXTO DE INTERNAMENTO**

Nuno Luís Duarte Saldanha

**Nº 15538**

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Isabel Leal, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia da Gravidez e da Parentalidade conforme a Portaria n.º 842/2005, publicada em Diário da Republica 1ª série de 19 de Setembro, 2005.

## ***Bonding* e Prematuridade: Estudo do Envolvimento Paternal Precoce num Contexto de Internamento**

### **Resumo**

A família moderna nasceu em torno de duas figuras, a mãe e a criança. Ao mesmo tempo, mas em paralelo, foi delineada a figura do pai. No entanto, este processo revelou-se menos explícito e linear do que o da mãe, e com um conteúdo pouco definido. O parto pré-termo representa um momento específico de crise familiar, cujo impacto ao nível da relação pai/filho permanece insuficientemente explorado. Assim, através de uma análise qualitativa, pretendemos investigar os sentimentos relacionados com a paternidade e com o envolvimento parental num contexto de internamento por prematuridade. Neste sentido, foram entrevistados cinco homens, pais de um bebé prematuro internado numa unidade de cuidados intensivos neonatais. Os critérios para a inclusão dos participantes neste estudo foram: indivíduo do sexo masculino pai de um bebé prematuro (24-35 semanas), com um mínimo de três visitas ao bebé até à data da entrevista. Foi utilizada uma entrevista clínica, semi-estruturada, de forma a avaliar o envolvimento emocional dos pais com os seus filhos. Na decomposição e no tratamento das entrevistas foi utilizado o método de análise de conteúdo. Os resultados revelaram que parecem estar reunidas as condições necessárias para que os pais entrevistados possam estabelecer uma relação de proximidade e de envolvimento com seus bebés pré-termo. O envolvimento estabelecido foi posteriormente classificado de forma positiva. Assim, a condição de internamento por prematuridade parece evidenciar-se como uma situação que embora se apresente difícil e sôfrega para os progenitores, oferece também possibilidades de contacto e envolvimento do pai com o recém-nascido.

**Palavras-chave:** Pai, Prematuridade, *Bonding*, Envolvimento, Relação Precoce

## **Bonding and Prematurity: Study of Early Paternal Involvement in a Hospitalization Context**

### **Abstract**

The modern family was born out of two figures, the mother and the child. At the same time, but in parallel, the father figure was also sketched out. However, in regards to his role, the process was less explicit and less linear than the mother's, with a poorly defined content. The situation of preterm delivery is a specific time of the family crisis, whose impact on the parent/child relationship still hasn't been fully explored. Therefore, through a qualitative analysis, we intend to investigate the feelings regarding fatherhood and the parental involvement in a context of hospitalization for prematurity. For that, we have interviewed five men, all fathers of premature babies hospitalized in a child intensive care unit. The criteria for including them were: male, father of a premature baby (24-35 weeks), with a minimum of three visitations with the baby until the interview. We used a clinical interview, semi structured, to evaluate the emotional involvement of the parents with their children. In the analysis and treatment of the interviews, we used the content analysis method. The results revealed that there are favorable conditions to make parental involvement possible and beneficial. The involvement was subsequently classified as positive in this research. The condition of hospitalization for preterm birth seems, therefore, to be a situation that although apparently hard and anxious for the parents, also offers possibilities for contact and father involvement with the newborn.

**Keywords:** Father, Prematurity, Bonding, Involvement, Early Relationship

## Índice

Introdução.....	1
Revisão da Literatura.....	2
Perspectiva Histórica e Evolutiva do Conceito de Família e do Papel do Pai.....	2
O Actual Papel do Pai.....	4
O Envolvimento Paterno.....	6
O Envolvimento Paterno Precoce.....	10
A Prematuridade e o Envolvimento Paternal.....	13
Objectivos.....	19
Objectivo Geral.....	19
Objectivo Específicos.....	19
Método.....	20
Desenho de Investigação.....	20
Participantes.....	20
Caracterização da Amostra.....	21
1º Caso.....	21
2º Caso.....	22
3º Caso.....	23
4º Caso.....	24
5º Caso.....	24
Procedimento.....	25
Material.....	26
Apresentação dos Resultados.....	28
Matriz de Apoio.....	28
Sentimentos e Reacções Anteriores ao Nascimento do Bebê.....	29
Sentimentos e Reacções Posteriores ao Nascimento do Bebê.....	31
Envolvimento com o Bebê.....	33
Reflexão Final.....	37
Discussão dos Resultados.....	38
Limitações do Estudo.....	46
Investigações Futuras.....	46
Referências Bibliográficas.....	47

Anexos.....	55
a) Materiais.....	55
Guião de Entrevista.....	57
Entrevistas.....	59
1ª Entrevista.....	59
2ª Entrevista.....	65
3ª Entrevista.....	77
4ª Entrevista.....	88
5ª Entrevista.....	95
Quadro Síntese das Entrevistas aos Pais.....	101
Quadro Sumário das Respostas dos Pais (Resultados) .....	110

## Introdução

A presença constante das mães como cuidadoras primárias promoveu, até recentemente, o implícito pressuposto de que a relação pai/filho teria pouco impacto sobre o desenvolvimento infantil (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2000). Valorizado sobretudo pelo seu suporte financeiro e instrumental, o homem tem sido frequentemente remetido para o papel de *segundo objecto* ou *primeiro estranho* (Gomez, 2005). Apesar do foco de investigação, quase exclusivo, na relação mãe/criança, o papel do pai enquanto prestador de cuidados e as singularidades do seu envolvimento físico e emocional com a criança têm despertado, nos últimos anos, particular interesse, tanto na comunidade científica, como na sociedade em geral (Lamb, 1992). Não existe, no entanto, apenas uma definição de paternidade de sucesso e/ou ideal. O envolvimento do pai é diversificado e tem obrigatoriamente de ser contextualizado.

Na opinião de Fegran, Helseth e Fagermoen (2008), o nascimento pré-termo e a consequente hospitalização têm um grande impacto emocional nos progenitores e são disruptivos do processo de vinculação e de envolvimento com o bebé. Apesar destas dificuldades, o homem parece estar preparado para o envolvimento e para a interacção com o filho desde o nascimento. Consequentemente, assistimos a sentimentos de ambivalência face aos primeiros contactos do indivíduo com o recém-nascido.

A situação de parto pré-termo representa, deste modo, um momento específico de crise familiar, cujo impacto ao nível da relação pai/filho permanece ainda insuficientemente explorado/investigado. É, pois, necessário incrementar em Portugal a investigação na área da prematuridade, especialmente no que diz respeito ao envolvimento paterno precoce.

Com este trabalho de investigação, assente numa metodologia de estudo de caso, pretendemos aprofundar conhecimentos relativamente ao envolvimento paterno precoce, num contexto de internamento por prematuridade. Tendo por base a noção de que ambas as figuras parentais são sensíveis às características e competências dos filhos, sendo capazes de ajustar os seus comportamentos e interacções às necessidades apresentadas pela criança, ambicionamos, através de vários construtos e teorias de cariz relacional, estudar o envolvimento paterno através das respostas dos pais a uma entrevista semi-estruturada. A posterior análise dos dados recolhidos será efectuada segundo a metodologia da análise de conteúdo (Bardin, 2008).

Este trabalho de investigação ambiciona assim ser uma útil contribuição para o estudo e para a divulgação da paternidade activa, num contexto de internamento.

## Revisão da Literatura

### Perspectiva Histórica e Evolutiva do Conceito de Família e do Papel do Pai

Para abordarmos a evolução da parentalidade, em particular da paternidade, temos primeiro de nos debruçar sobre a unidade de base sobre a qual este sistema de relações se constrói. A família afigura-se, deste modo, como ponto de partida na elaboração deste trabalho de investigação, permitindo perceber e esclarecer a evolução/alteração dos vários papéis e funções dos seus intervenientes.

As primeiras definições de família são, maioritariamente, sintéticas remetendo-nos para a importante coesão de grupo da parentela, fortalecida pelos laços de sangue e, principalmente, para os papéis e responsabilidades dos adultos sobre os filhos. Estas primeiras definições abordam, sobretudo, uma vertente prática e funcional de produção económica, não sendo valorizados factores emocionais nem feita qualquer alusão ao papel participativo do pai no desenvolvimento e na educação dos filhos. A criança era considerada um importante capital e era percebida pelos seus pais como mão-de-obra essencial para o cultivar dos campos (Faria, 1995; Silva & Piccini, 2007).

Após a Revolução Industrial, com a separação física entre família e trabalho e com a introdução de factores que se revelaram a médio prazo responsáveis pela alteração e nova concepção da dinâmica familiar, foi natural a passagem de uma estrutura maioritariamente operante para algo mais do domínio do emocional e do afectivo. O filho deixou de ser um capital meramente económico, passando a ser sobretudo um capital afectivo e narcísico (Faria, 1995). Com os crescentes movimentos de igualdade de direitos entre homens e mulheres, começou também a registar-se uma maior interacção e participação do pai com os filhos. No casal de relações mais igualitárias, ocorreu uma redefinição das funções “tradicionais” de maternidade e paternidade (Segalen, 1999).

Em Portugal foi a partir de 1970 que a família começou a registar alterações profundas na sua estrutura e dinâmica. A prática do controlo dos nascimentos, a que corresponderam novas formas de encarar o casamento e o lugar dos filhos, o aumento da escolaridade feminina e a presença das mulheres no mercado de trabalho são alguns dos factores que catalisaram o início das metamorfoses da família a que chamamos hoje de tradicional (Almeida, Guerreiro, Lobo, Torres & Wall, 1998).

Por consequência directa destes e outros factores, registou-se uma acumulação de papéis por parte das mulheres, abrangendo vários domínios: profissional, doméstico, maternal e matrimonial (Mendes, 2004; 2007). Por conseguinte, a dinâmica da família alterou-se, dando lugar a novas concepções dos papéis familiares que exigiram, gradualmente, um maior envolvimento e uma maior responsabilidade parental por parte do

pai. A fragmentação baseada no género foi, deste modo, diluída surgindo um novo ideal de co-parentalidade em que ambos os pais partilham responsabilidades e tarefas a vários níveis: financeiro, doméstico e relativo aos cuidados da criança (Tamis-LeMonda & Cabrera, 1999; Monteiro, Veríssimo, Santos & Vaughn, 2008; Wang & Bianchi, 2009). A definição do papel do homem, no que toca às interações familiares e laborais, ganha uma importância acrescida, visto que homem e mulher são simultaneamente profissionais e membros integrantes de uma família (Cabrera et al., 2000; Mendes, 2007).

À medida que os laços familiares pareciam perder toda a função social, a afectividade surgia como a principal característica da família moderna (Saraceno, 1992). A dimensão afectiva parece ter sido valorizada e determinada, em grande parte, pelo processo de privatização da própria instituição, pela realização e pelo bem-estar pessoal no contexto familiar, bem como pela igualdade entre os sexos sem se abdicar da ideia de ter filhos (Torres, Mendes & Lapa, 2006).

A família contemporânea é, pois, aquela na qual a chegada de um filho é frequentemente programada, sendo objecto de um forte investimento afectivo (Segalen, 1999). Entre o casal de relações mais igualitárias ocorre a conseqüente redefinição das funções tradicionais de maternidade e paternidade, verificando-se um enfraquecimento dos papéis sexuais tradicionais e uma maior participação do homem, quer no exercício de tarefas domésticas, quer na relação afectiva com os filhos (Torres & Silva, 1998). De acordo com Pleck e Masciadrelli (2004), o factor género exerce actualmente menor influência sobre o envolvimento paterno do que em décadas passadas. No entanto, de acordo com Relvas e Lourenço (2001) e Bornholdt, Wagner e Staudt (2007), por mais igualitária que seja a anterior organização da vida de um casal, o nascimento de uma criança parece diferenciar os seus papéis, impulsionando-os a assumir uma posição mais tradicional. Neste período de transição, tanto os pais como as mães experienciam mudanças emocionais, funcionais e de percepção da relação conjugal (Moura-Ramos, Araujo, Oliveira & Monteiro, 2005). Porém, segundo Jones (1999), os padrões das famílias de origem são a principal influência exterior no seio da família nuclear, e detêm mais força do que os padrões individuais. As influências externas à família e as expectativas/estereótipos sociais têm, contudo, sofrido alterações ao longo do tempo. Estas mutações parecem contribuir para o que Camus (2000) chama de “desigualdade razoável”, e permitem atingir alguma complementaridade de funções em várias famílias.

Este trabalho de investigação adoptou o pai como o principal objecto de estudo numa família que está, deste modo, em constante transformação. Tal como referem Torres et al. (2006), a família não está em crise. O que parece ter mudado foram os modelos familiares e as representações e modos de investimento na família. Segundo Cabrera et al. (2000), os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres estão a mudar rapidamente, criando novas

expectativas, crenças e atitudes sobre o que pais e mães devem fazer no contexto familiar. Assistimos assim, à evolução do conceito de pai que passou de um progenitor meramente provedor, autoritário e distante na relação, para um pai envolvido a nível emocional e participativo nos cuidados a prestar à criança.

### O Actual Papel do Pai

Na década de 70, grande parte dos cientistas e dos investigadores sociais demonstravam ter sérias interrogações relativamente à influência do pai nas experiências e desenvolvimento das respectivas crianças. A relação estabelecida entre um homem e o seu filho era concebida de forma redutora, percebida como tendo apenas uma influência ténue e secundária no desenvolvimento da criança (Cabrera et al., 2000). No entanto, a partir da publicação de alguns estudos considerados revolucionários, foi possível despontar um interesse efectivo nesta questão, e iniciar com rigor o estudo do tema da paternidade (Lamb, 1992; Camus & Frascarolo, 2003).

De acordo com Lamb e Tamis-LeMonda (2004), têm sido realizadas, nos últimos 30 anos, várias investigações empíricas com o objectivo de explorar, elucidar e actualizar vários conceitos teóricos: paternidade, relação pai/filho e papel paternal. No entanto, segundo Ford, Nalbone, Wetchler e Sutton (2008), a imagem do pai tem sido representada de uma forma imprecisa/ambígua, distorcida por vários estudos em que a relação e o envolvimento paternos são avaliados por teorias originalmente concebidas para estudar a relação entre mãe e criança.

Saraceno e Naldini (2003) consideram que a paternidade se encontra envolvida no processo de transformações das relações geracionais, apesar de, não existirem até à data, pesquisas aprofundadas sobre o tema. Camus e Frascarolo (2003) salientam, todavia, que a disciplina que mais contribuiu para o estudo empenhado da paternidade não foi a sociologia ou a história, mas sim a psicologia do desenvolvimento.

Segundo Lamb (1992), o papel do pai está, desde há vários anos, em mutação, parecendo abranger actualmente vários aspectos como os cuidados directos à criança em qualquer nível etário. Para Lindberg, Axelsson e Ohrling (2008), a paternidade é um conceito que mudou drasticamente nas últimas décadas. Segundo os autores, os pais estão, actualmente, mais próximos dos filhos, revelando-se interessados e fortemente activos na educação e na interacção com as suas crianças. Para Brazão, Pais e Baptista (1995), o pai reveste-se actualmente de uma importância psicológica considerável. Registou-se, deste modo, a passagem de uma relação mais funcional, envolvida primordialmente no sustento económico da família e na disciplina e no controlo dos filhos mais velhos, para algo do domínio do psicológico e das emoções. Constitui-se, desta forma, a noção de pai como co-

responsável pela prestação de cuidados e pelo envolvimento físico e emocional com os filhos (Lamb, 1992; Camus & Frascarolo, 2003). Segundo Falceto, Fernandes, Baratojo e Giugliani (2008), a participação na prestação de cuidados passou também a ser desejada pelo pai quando este descobriu o prazer de compartilhar a intimidade de seus filhos.

Lamb (1992) salienta, no entanto, que na sociedade pluralista em que vivemos coexistem inúmeras e diferentes concepções do papel paterno. Embora exista alguma igualdade entre a parentalidade exercida pela mãe e pelo pai, as diferenças encontradas no desempenho diário dos papéis de mulher e homem são ainda fortemente influenciadas por uma perspectiva de género. O poder destas estruturas parece exercer influência no que respeita à expressão da paternidade. Almeida, Torres, Machado e Capucha (1995) destacam que há, nitidamente, uma confusão entre características biológicas e características de proveniência marcadamente sócio-cultural. Para os autores, a premissa de que todas as diferenças entre homens e mulheres podem ser atribuídas à genética é falsa, e não resiste a uma análise um pouco mais meticulosa. Ainda assim, a partir de diferenças biológicas reais entre homens e mulheres têm sido, desde sempre, construídos, a nível social, sistemas de legitimação e de interditos.

Num estudo realizado por Torres, Silva, Monteiro e Cabrita (2005) observou-se que, no que diz respeito à participação do homem no trabalho doméstico e na família, existe ainda um evidente domínio de uma visão tradicionalista. Apesar de tudo, a relação entre trabalho e vida familiar revela alguma moderação e evolução. Ao compararmos gerações actuais com gerações anteriores, é possível descrever um enfraquecimento dos papéis sexuais tradicionais e uma maior participação do homem, quer no exercício de tarefas domésticas, como também nas funções familiares (Torres & Silva, 1998; Bornholdt et al., 2007). Tal como dizem Monteiro et al. (2008), os novos papéis dos pais estão finalmente aptos a serem negociados.

No entanto, e embora o pai esteja actualmente mais próximo dos filhos do que alguma vez esteve, partilhando as tarefas e os papéis educativos com a mãe, parece ser ainda privado das bases jurídicas e sociológicas que fundamentam a sua autoridade. Segundo Martine Segalen (1999), não é de surpreender a confusão dos pais, cujos comportamentos evidenciam as dificuldades de adaptação a uma situação de mudança. Por consequência, a imagem do pai torna-se imprecisa e difícil de definir.

## O Envolvimento Paterno

O interesse pelo estudo do papel do pai e pela importância que este tem no desenvolvimento de uma criança é, segundo Silva e Piccinni (2007), relativamente recente no que diz respeito à Psicologia. No entanto, a partir de algumas investigações relativas ao efeito e às consequências da paternidade, foi possível começar a observar e a descrever o comportamento dos pais com as suas crianças. Segundo Parke (1996), foi a partir destas investigações que surgiu o primeiro conceito de envolvimento paterno. Este conceito tem sido, contudo, caracterizado de diferentes formas pelos vários estudiosos que o abordaram ao longo dos últimos anos. Falta, deste modo, uma definição consistente e unificadora que permita a standardização deste conceito científico (McBride, Dyer, Liu, Brown & Hong). Porém, e de acordo com Monteiro et al. (2008) e McBride et al. (2009), grande parte dos estudos e das investigações relativas ao envolvimento paterno pecam pelo uso excessivo de relatos da mãe e pelo insuficiente contacto directo com o pai e com as suas narrativas e experiências. Para Lamb (1992) e Camus (2000), existem ainda poucos dados acerca das mudanças do envolvimento paterno ao longo do tempo.

Uma das definições aceites e mais utilizadas na literatura foi proposta por Lamb et al. (1985). Esta definição foi também empregue, mais tarde, por Cabrera et al. (2000). Os autores sugeriram três aspectos de avaliação do envolvimento paterno: interacção (contacto directo com o filho), acessibilidade (disponibilidade física e psicológica para a criança) e responsabilidade (papel exercido pelo pai). De acordo com Lamb (1992), a discrepância entre pai e mãe é particularmente saliente na área da responsabilidade, em que os pais basicamente não assumem todos os encargos inerentes ao envolvimento de uma forma igualitária em relação à mãe. Para Cabrera et al. (2000), a responsabilidade poderá ser a componente mais importante do envolvimento parental. Apesar de nas últimas duas décadas o envolvimento paterno ter vindo gradualmente a aumentar, em termos absolutos esse crescimento parece ainda encontrar-se distante do envolvimento adoptado pelas mães (Lamb, 1992; MacBride et al., 2009). No entanto, o actual papel adoptado pelo pai distingue-se como único na história da humanidade. Apesar do pouco crescimento quantitativo, verifica-se presentemente um maior desejo de participação dos pais no crescimento e no desenvolvimento dos seus filhos (Silva & Piccinni, 2007).

Segundo Bouchard, Catherine, Asgary e Pelletier (2007), o envolvimento paternal é determinado por diferentes razões. De acordo com Lamb (1992) e Camus e Frascarolo (2003) existem, actualmente, quatro factores que parecem condicionar o envolvimento do pai com os filhos:

1. **Motivação:** até que ponto o pai quer estar envolvido;
2. **Competências e autoconfiança:** a questão chave é o desenvolvimento da confiança, visto que as competências são adquiridas através da experiência de contacto com os filhos. Deste modo, nenhum dos pais está instintivamente predisposto a cuidar melhor dos filhos e ambos os progenitores parecem adquirir as competências e a capacidade para o fazer no dia-a-dia com a criança (Lamb, 1992; Monteiro et al., 2008);
3. **Apoio:** proveniente da família, especialmente da companheira e da vontade que esta demonstra ter em relação ao envolvimento do homem. Lebovici (1987) destacou a importância da presença do pai no discurso da mãe com os seus filhos, quando este é caracterizado de forma positiva. O bom relacionamento do casal pode determinar que o pai esteja psicologicamente presente para os seus filhos através do discurso materno (Silva & Piccinni, 2007). A mãe pode, desta forma, facilitar ou dificultar o envolvimento do pai com a criança (Camus, 2000; Bornholdt et al., 2007);
4. **Práticas institucionais:** barreiras e entraves institucionais ao exercício do papel do pai *versus* flexibilidade e compreensão por parte das mesmas instituições.

Devem existir condições favoráveis a cada um destes níveis para que o envolvimento paterno seja possível e benéfico. A plena conquista deste direito revela-se uma tarefa árdua e morosa mas, ao mesmo tempo, imperativa para o pai “moderno” da relação afectiva e do amor incondicional para com os filhos.

No entanto, para Canavarro e Pedrosa (2005), a Abordagem Ecológica do Envolvimento reconhece a parentalidade como um todo, não atendendo em particular às diferenças de género dos pais. Segundo Levy-Shiff (1994, cit. por Gomez, 2005), a grande diversidade de variáveis familiares e ambientais interage na determinação do comportamento paterno. O comportamento paterno é, por conseguinte, multifacetado e multideterminado, sendo influenciado por diferentes variáveis, em que nenhuma parece exercer uma influência predominante.

Segundo Nkwake (2009), a confiança, a motivação, o acesso a uma licença de paternidade, a existência de um horário de trabalho mais reduzido, a harmonia na relação conjugal e um nível de educação superior são alguns dos factores que exercem uma influência positiva no despontar e proliferação do envolvimento paterno. Segundo Levy-Shiff e Israelashvili (1988) e Moura-Ramos et al. (2005), um dos factores mais importantes e influentes no envolvimento paternal é a relação conjugal. Para Moura-Ramos et al. (2005), um pai satisfeito com a sua relação conjugal poderá envolver-se mais por se sentir seguro e competente na relação directa com a sua criança. As características da personalidade

parecem, deste modo, influenciar o envolvimento paterno, e os factores contextuais facilitam ou inibem esse mesmo envolvimento.

Para Tamis-LeMonda e Cabrera et al. (1999), o envolvimento paterno é provavelmente influenciado por um sistema de múltiplas interações de que fazem parte a saúde mental do pai, as expectativas, as relações familiares, as redes de suporte, a comunidade e a cultura, as próprias características da criança e até as políticas institucionais de apoio à paternidade. As barreiras institucionais são, para Lamb (1992), um dos factores mais difíceis de contornar.

De acordo com Freeman e Newland (2008), as crenças do pai exercem também uma forte influência no envolvimento paterno. O mesmo autor salienta a importância destas mesmas crenças considerando-as mais importantes do que o contexto familiar no exercício do envolvimento paterno activo. Por outro lado, Halme, Astedt-Kurki e Tarkka (2009) reforçam que a estrutura familiar está associada ao envolvimento paterno e é, muitas vezes, responsável pelo envolvimento de um pai com o seu filho. Segundo Falceto et al. (2008), existe uma norma social que diz que quando a mulher tem todo o seu tempo dedicado a cuidar do filho, há menos necessidade e menos espaço para o envolvimento do pai. Neste caso, a mãe, como cuidadora primária, pode, em caso de conflito, dificultar o acesso e o envolvimento do pai com a criança.

Segundo Hofferth (1996), a questão do envolvimento paterno poderá ter por base uma questão geracional. Com base nas suas experiências, homens com pais envolvidos e participativos no seu desenvolvimento revelaram-se também eles mais envolvidos e motivados para participarem e se envolverem no desenvolvimento dos seus próprios filhos.

Um estudo realizado em Itália revelou que a relação com os filhos é, não só aceite mas também em parte reivindicada pelos pais mais jovens que habitam em meio urbano e têm um alto nível de instrução. Deste modo, a expressão da afectividade e o envolvimento em algumas actividades de cuidados relativamente aos filhos já não são vistos como inadequados, quando não ameaçadores para o papel paterno – masculino. É de salientar a importância de algumas modificações, quer na cultura dos especialistas e nas práticas de serviços, como também em algumas legislações nacionais que indicam, e ao mesmo tempo encorajam, esta possível transformação (Saraceno & Naldini, 2003).

Através do seu trabalho de investigação “À procura de novos pais: representações e atitudes perante a Paternidade”, Rita Mendes (2007) concluiu que os resultados obtidos vão no sentido de uma vivência mais efectiva e afectiva da paternidade. Existe vontade dos pais em estarem presentes no crescimento e no desenvolvimento dos filhos, embora esta tendência não seja regular (Monteiro et al., 2008), dependendo principalmente da idade e da posição sócio-económica dos homens em questão. De acordo com o trabalho de investigação de Cooney et al. (1993, cit. por Moura-Ramos et al., 2005), pais com níveis de

educação mais elevados estavam mais envolvidos com os seus filhos mas menos satisfeitos com o seu papel parental. Para estes pais parece ser mais difícil o equilíbrio entre o papel parental e o papel profissional. No entanto, segundo Falceto et al. (2008), é alta a prevalência de famílias em que o pai não tem ainda um envolvimento activo na prestação de cuidados ao filho. As causas apontadas pelas autoras para esta situação são a relação conjugal problemática e a ausência de trabalho remunerado por parte da mãe.

Segundo Griswold (1993), ao longo do século XX o pai foi encorajado a participar no contacto e no desenvolvimento dos filhos. A partir da década de 70 começou a ser aceite a noção de que os pais podem, à semelhança das mães, desempenhar um grande número de papéis significantes (companheiros, prestadores de cuidados, protectores) e que, ao contrário do que era referido na literatura, não desempenham apenas um papel universal e unidimensional no seio da sua família (Falceto et al., 2008). De acordo com Lamb e Tamis-Lemonda (2004), várias investigações salientam o papel multidimensional de interacção paterna realçando a sensibilidade do pai para com a criança. Através da sua investigação, Wagner, Predebon, Mosmann e Verza (2005) verificaram que a maioria dos pais da sua amostra constituída por 100 famílias assumia de forma conjunta com as mães o exercício da disciplina, a educação básica em termos de higiene, o compromisso com a escola e o sustento económico da família. McBride et al. (2009) concluíram, através dos seus estudos, que pais e mães podem assumir diferentes papéis ao longo do crescimento e do desenvolvimento da criança. Na opinião de Lamb (1992), Brazão et al. (1995) e Bowlby (2002), o pai funciona actualmente também como uma importante referência de suporte à figura materna, assegurando um clima harmonioso e propício ao desenvolvimento da criança.

De acordo com a investigação de Monteiro et al. (2008) foi possível aferir que o envolvimento do pai com a criança varia consoante o contexto e as actividades a desenvolver. Os pais podem, deste modo, ter uma ampla participação na vida dos filhos não restringindo o seu envolvimento ao sustento financeiro, a passeios e/ou brincadeiras. A partir deste estudo foi igualmente possível registar a satisfação e a auto-avaliação dos pais como “bons pais”, presentes e próximos dos seus filhos.

Através dos seus trabalhos de investigação, Falceto et al. (2008) e McBride et al. (2009) salientaram que a forma como os pais se envolvem com os seus filhos, e consequentemente, o tipo de actividades que realizam com eles é também influenciado pelo nível de envolvimento das suas parceiras com as mesmas crianças.

Segundo Diehl (2002) e Premberg, Hellstrom e Berg (2007), actualmente a paternidade é vivida de forma ambivalente pelos homens – papel tradicional *versus* papel efectivo e afectivo no contacto e no cuidado dos filhos. Para Lamb (1987, cit. por Monteiro et al., 2008; 1992), é um erro assumir que um maior envolvimento paternal tenha sempre consequências

positivas para a criança (Cabrera et al., 2000). Segundo Falceto et al. (2008), a participação na prestação de cuidados à criança não garante o envolvimento efectivo e afectivo do pai, não contribuindo tão-pouco para a qualidade da relação estabelecida. É pois necessário que os pais não sejam forçados a assumir responsabilidades pelos cuidados a prestar aos filhos.

Rita Mendes (2004) ressalva, no entanto, que os homens, à semelhança das mulheres, também lutam contra a desigualdade. Se as mulheres procuram os mesmos direitos e as mesmas oportunidades no que concerne ao mercado de trabalho, alguns homens desejam um papel de pai mais activo e, por conseguinte, uma “integração” no domínio do privado. Segundo a autora, assistimos presentemente, ao início de um equilíbrio entre sexos no que se refere aos dois domínios sociais: o público e o privado. No entanto, para Torres e Brites (2006) este processo está longe de ter terminado.

De acordo com Lamb (1992), as atitudes das mulheres face ao envolvimento paterno têm também mudado muito nos últimos anos. Contudo, o autor alerta que, apesar do envolvimento paterno ser globalmente importante e desejável num número cada vez maior de famílias, um maior envolvimento paterno pode também colocar em perigo a dinâmica fundamental de poder dentro da família.

### O Envolvimento Paterno Precoce

Grande parte da literatura psicanalítica e da vinculação salienta a importância da relação precoce e as consequências negativas para a criança quando o envolvimento parental é insuficiente/precário (Campos, 2000). No entanto, segundo Reis (2003), muito se tem escrito acerca da importância da figura materna esquecendo-se e subvalorizando-se o papel e a importância do pai no desenvolvimento do bebé. Fegran et al. (2008) realçam que, apesar da literatura disponível abordar preferencialmente a relação da mãe com o bebé, em termos da afectividade, esta é comparável à relação estabelecida com o pai. Para Harris (1983, cit. por Reis, 2003), reconhecer o lugar do pai não é torná-lo idêntico ou em competição com a mãe, mas sim conferir-lhe um relevo único e importante na vida de cada criança. No entanto, e de acordo com Moehn e Rossetti (1996), as experiências de pais e mãe são diferentes. Moura-Ramos et al. (2005) concluíram, através da sua investigação, que a adaptação paterna à transição para a parentalidade é mais positiva do que a adaptação materna no momento do pós-parto. Deste modo, poderemos, desde já, conjecturar que o pai poderá estar mais disponível para a relação e para o envolvimento precoce com o seu bebé do que a mãe.

De acordo com Camus (2000) e Monteiro et al. (2008), desde os primeiros meses de vida do bebé pai e mãe apresentam estilos parentais distintos, nomeadamente no que diz respeito à interacção. Segundo Cabrera et al. (2000), o contacto com ambos os pais com

distintos estilos de interacção poderá ser futuramente benéfico para a criança. A componente mais saliente na interacção da mãe com o bebé é a prestação de cuidados enquanto que a componente mais saliente na interacção do pai é a lúdica. Segundo os autores, as mães são também mais imprevisíveis do ponto de vista físico do que os pais. No entanto, e de acordo com Brazão et al. (1995), a interacção pai/bebé tem um carácter mais estimulante do que a interacção mãe/bebé que provoca na criança um estado de vigília e atenção intensos. Apesar das evidentes diferenças entre pai e mãe, Lewis e Lamb (2003, cit. por Monteiro et al. 2008) e Falceto et al. (2008) referem que ambas as figuras parentais são sensíveis às características e às competências dos filhos, sendo capazes de ajustar os seus comportamentos e interacções às necessidades apresentadas pela criança. A partir das suas investigações, Monteiro et al. (2008) concluíram também que os comportamentos de base segura das crianças se organizam de forma semelhante em torno das duas figuras parentais.

De acordo com Maldonado, Dickstein e Nahoum (1997), a partir da década de 80, através de pesquisas e da observação do comportamento dos recém-nascidos, foi possível demonstrar que o bebé possui a percepção do pai desde os primeiros dias de vida.

Segundo Coutinho e Morsch (2006), a presença do pai é fundamental desde o início de vida de toda a criança, contribuindo de forma positiva para o seu desenvolvimento biopsicoafectivo. O termo *bonding* foi empregue pela primeira vez por Klaus e Kennell em 1976, tendo sido utilizado para descrever um vínculo único, específico e duradouro que se estabelece nos primeiros contactos entre a mãe e o bebé. Actualmente tem sido descrito como um processo gradual de envolvimento afectivo dos pais com o filho, que se estabelece/constrói a partir da gravidez mas, fundamentalmente, no parto e nos primeiros momentos que se seguem ao nascimento. Os poucos estudos realizados com a figura paterna demonstram um impacto positivo no envolvimento emocional e na qualidade de interacção dos pais com os filhos quando existe um contacto precoce com o bebé. (Figueiredo, 2005; Fegran et al., 2008). Para Camus (2000), o pai pode e deve estar presente nas primeiras semanas e nos meses que se seguem ao nascimento. De acordo com Goulet et al. (1998, cit. por Fegran et al., 2008), a proximidade física/corporal é essencial para o desenvolvimento da ligação entre pais e filhos e antecede o estabelecimento de uma relação. Segundo os autores, as diferenças nos processos de *bonding* de pai e mãe poderão ser explicadas pela quantidade, qualidade e altura/*timing* do contacto precoce. Klaus, Kennel e Kalous (2000, cit. por Coutinho & Morsch, 2006) referiram que o pai possui um potencial inato de relação e envolvimento com o bebé, que se desenvolve no momento do nascimento e que parece ser estimulado pelo contacto físico. A esta ligação entre pai e filho os autores deram o nome de *engrossment*.

Através das investigações de Lopes e Tudge (2004, cit. por Silva & Piccinni, 2007), verificou-se também um expressivo envolvimento dos pais com os seus filhos desde o período de gestação (Estêvão, 1995). De acordo com Sá (1993), o pai também engravida e vive um conjunto de processos característicos desta altura. A participação na gravidez parece traduzir-se numa maior disponibilidade para perceber os sinais precoces do bebé, o que poderá implicar um maior envolvimento paterno no futuro (Sá, 1993; Coutinho & Morsch, 2006). Este envolvimento foi caracterizado tanto em termos emocionais, como comportamentais. Segundo Estêvão (1995), os pais começam a desenvolver uma ligação/vínculo com o filho não nos primeiros dias de vida, mas, muitas vezes, no momento do parto ou ainda antes quando o fantasiam, ainda no ventre materno. A partir da sua investigação, Bornholdt et al. (2007), concluíram que todos os homens participantes no estudo imaginavam o crescimento e desenvolvimento dos respectivos filhos desde a gravidez. Foi também possível verificar que todos os sujeitos manifestaram o desejo de uma proximidade e participação activa no futuro desenvolvimento das suas crianças.

Deste modo, é manifesto que o pai entra e é percebido, desde muito cedo, na vida do seu bebé. No entanto, Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes e Tudge (2004), referem que muitos pais apresentam dificuldades de envolvimento com o filho durante a gravidez. Este facto poderá ser explicado pelos obstáculos inerentes ao contacto físico do homem com o bebé e, conseqüentemente, pelas dificuldades em perceber e sentir a criança em formação como palpável/real. A importância do envolvimento paterno nos primeiros dias de vida do recém-nascido torna-se, desta forma, essencial para a materialização de um bebé que representa uma incógnita, uma dúvida, e que apenas existe no universo onírico do pai. Segundo Falceto et al. (2008), os primeiros meses de convivência apresentam-se como cruciais no estabelecimento da relação e da função paterna, visto que, de acordo com Lamb (1992), tanto o pai como a mãe passam mais tempo a cuidar e a brincar com criança quando esta é mais pequena. No entanto, e apesar de, de acordo com Palkowitz (2002, cit. por Bouchard et al., 2007), um significativo número de homens procurar actualmente uma relação íntima e emocional mais próxima dos seus bebés, alguns pais ainda se demonstram ausentes/não envolvidos, recusando assumir qualquer tipo de responsabilidade pelas suas crianças (Parke, 2002).

A paternidade parece ser, deste modo, vivida de forma ambivalente pelos homens – papel tradicional *versus* papel efectivo e afectivo no contacto e no cuidado dos filhos. Para facilitar a transição de um modelo tradicional para um modelo mais afectivo e participativo é necessário convidar os pais a entrar na esfera mais feminina, de contacto próximo com o recém-nascido (Premberg et al., 2007). É, pois necessário uma maior e mais consistente exposição da criança ao pai, uma vez que quanto mais experiências de interacção social a criança e o homem tiverem, mais relevantes elas se tornam (Figueiredo, 2005; Monteiro et

al. 2008). As experiências na interação social podem também facilitar o modo como os pais interpretam e respondem aos sinais das crianças (Monteiro et al. 2008). De acordo com McBride et al. (2009), a quantidade de tempo que os pais passam com os seus filhos influencia fortemente a relação afectiva/emocional entre os dois intervenientes. A partir das mesmas investigações foi também possível concluir que o padrão de envolvimento paterno precoce influencia o estabelecimento de padrões similares ao longo do crescimento e do desenvolvimento da criança.

A partir da sua investigação do envolvimento activo do pai nos cuidados de crianças de quatro meses, Falceto et al. (2008) concluíram que 13% dos pais não tinham qualquer tipo de contacto com os filhos. Entre as famílias em que os pais coabitavam, 33% relataram não participar activamente nos cuidados prestados aos filhos. Segundo os mesmos autores, esta premissa está associada principalmente a dois factores: a uma relação conjugal problemática, e ao facto de a mãe estar em casa e, conseqüentemente, passar mais tempo a sós com o bebé. Lamb (1992) salientou, no entanto, que em famílias em que a mãe se encontra a trabalhar os níveis de envolvimento paterno são substancialmente mais elevados.

Com base nas suas investigações, Gouveia et al. (1991) concluíram que o pai actual valoriza a sensibilidade, a compreensão, o diálogo, a partilha de responsabilidades com a mãe, e a disponibilidade/presença na vida do seu bebé durante o primeiro ano de vida. Por outro lado, Monteiro et al. (2006, cit. por Monteiro et al., 2008) concluíram, através das suas investigações na perspectiva de mães e pais portugueses com crianças entre um e seis anos de idade, que é quase sempre a mãe a responsável pela realização das actividades relacionadas com as rotinas de cuidados à criança, assumindo o pai um papel secundário de suporte. Deste modo, e apesar das diferenças e alterações reais no papel e envolvimento precoce do pai verifica-se que, na prática as diferenças entre o envolvimento parental dos dois sexos tendem a permanecer. Segundo Monteiro et al. (2008), a mudança é mais modesta do que as crenças populares poderiam eventualmente indicar. A representação da paternidade e do envolvimento paterno parece assim alternar entre uma perspectiva modernista e uma perspectiva conservadora.

### A Prematuridade e o Envolvimento Paternal

De acordo com Justo (1994), seja qual for o resultado de uma gravidez, na vida da mulher, do homem, e/ou do casal, nada volta a ser como antes. A gravidez e o nascimento de um filho representam, desta forma, transições significativas na vida dos indivíduos e das suas famílias (Cowan & Cowan, 1995). Segundo os autores homem e mulher apresentam contudo trajectórias distintas no que diz respeito a esta transição. A transição masculina

parece processar-se de forma mais lenta, ao longo do tempo, formando-se, a pouco e pouco, a ideia de si próprio como figura cuidadora. A transição feminina, por outro lado, envolve mudanças físicas e emocionais mais radicais, num curto espaço de tempo. Apesar de ser considerado um acontecimento normativo, a transição para a parentalidade é também frequentemente acompanhada por condições de risco e de stresse (Boss, 2002). Para Teixeira e Leal (1995) a adaptação na transição para a parentalidade pode também ser perturbada por problemas associados à gravidez ou ao parto, tais como a ocorrência de um parto pré-termo.

De acordo com vários autores, a gravidez não desejada demonstra ter uma estrita relação de causalidade com a paragem do processo gravídico e com a consequente ocorrência de parto prematuro. Outras situações como o baixo estatuto socioeconómico, a prematuridade repetida, o consumo de álcool e tabaco, a gravidez múltipla, a placenta prévia, as anomalias fetais e os factores iatrogénicos constituem factores de risco, embora não possam ser considerados como etiológicos. Por outro lado, várias investigações centram-se especificamente nos aspectos psicológicos que podem influenciar o parto prematuro. A ansiedade, o stresse, as tendências psicopatológicas e as atitudes negativas face à maternidade são descritas como influentes em várias situações obstétricas, tais como a precipitação do trabalho de parto e a ameaça de parto prematuro (Campos, 2000).

De acordo com Justo (1997), os bebés que necessitam de cuidados intensivos neonatais representam um problema inadiável da sociedade moderna actual, quer se trate de bebés prematuros, de bebés pré-termo, ou de bebés de muito baixo peso. Graças à evolução dos cuidados médicos, a sobrevivência destas crianças é hoje muito mais provável do que era há alguns anos. Ainda assim, o parto prematuro continua a contribuir significativamente para a mortalidade e para a morbilidade infantil (Pedrosa et al., 2005). A relação que estes bebés estabelecem com os pais pode estar repleta de dificuldades, e a prematuridade, por si só, é prejudicial ao estabelecimento de uma relação precoce, devido ao impacto negativo que tem nos pais (Campos, 2000). De acordo com Brazão et al. (1995), esta relação é marcada pela perduração da representação mental investida de outra pessoa não correspondente ao bebé real, prematuro.

Os bebés prematuros sofrem de um atraso na organização do seu comportamento e enfrentam conseqüentemente várias dificuldades na aquisição das aptidões sociais. Estes bebés demonstram ter também problemas na responsividade sensorial e no temperamento, evidenciando comportamentos defensivos face à estimulação e um temperamento difícil, o que prejudica o estabelecimento da relação com os pais (Case-Smith, Butcher & Reed, 1998). Eckerman et al. (1999, cit. por Campos, 2000) salientou também que os níveis de arousal positivo são mais baixos e que os níveis de arousal negativo são mais altos em

bebés prematuros de muito baixo peso, do que em bebés de termo que nasceram saudáveis.

No entanto, para Lebovici e Lamour (1991, cit. por Brazão et al., 1995) e Adamson-Adamson-Macedo e Attree (1994), o bebé prematuro interage de forma constante com o ambiente que encontra ao seu redor, num processo de ininterrupta mudança. Deste modo, o bebé modifica e é modificado pelo meio circundante, revelando-se as experiências precoces extremamente importantes para o seu desenvolvimento físico, psicológico e social. Na opinião dos autores, o contacto corporal nos primeiros tempos de vida não pode, e não deve ser negligenciado.

Independentemente dos factores que motivam a prematuridade e do percurso desenvolvimental do bebé, o seu nascimento antecipado provoca uma perturbação da relação habitual dos pais com o seu recém-nascido, com consequências negativas na adaptação parental (Talmi e Harmon, 2004). Na opinião de Fegran et al. (2008), o nascimento pré-termo e a consequente hospitalização têm um grande impacto emocional nos pais e são disruptivos do processo de vinculação e de envolvimento com o bebé. O parto pré-termo representa, deste modo, um momento de crise familiar, cujo impacto se pode estender muito além do período pós-natal imediato (Pedrosa, et al., 2005). Os progenitores reagem emocionalmente ao parto prematuro através de sentimentos de medo, impotência e/ou cólera. O forte impacto, associado ao estereótipo da prematuridade, pode também provocar uma percepção negativa e influenciar consequentemente a interacção dos pais com o bebé (Campos, 2000) através do envio de mensagens contraditórias e de contactos/interacções inconsistentes (Fegran et al., 2008). De acordo com Jotzo e Poets (2005), um trauma psicológico não resolvido pode levar a uma patologia de stresse pós-traumático que poderá ter, a longo prazo, efeitos negativos no bem-estar parental, nas atitudes e no comportamento dos pais. A forma como os pais lidam com o trauma de um nascimento prematuro poderá também determinar a posterior relação dos pais com o bebé. Um parto com sofrimento poderá, à partida, e na opinião de Campos (2000), determinar uma relação mãe/bebé conturbada.

Os pais parecem ser particularmente sensíveis ao aspecto físico do bebé, demonstrando-se frequentemente insatisfeitos e surpreendidos ao contactarem com o filho pela primeira vez (Fegran et al., 2008). Apesar das condições médicas iniciais do bebé, tais como a idade gestacional e o peso ao nascer, não parecerem ter influência no stresse percebido e na reactividade emocional dos pais, estas podem ter efeitos nocivos no processo de adaptação parental (Pedrosa et al., 2005).

As interacções corporais, visuais e vocais são portanto, e de acordo com Brazão et al. (1995), poderosas formas de comunicação que os pais poderão utilizar para se aproximarem do bebé prematuro. O contacto contíguo com os bebés parece ter um impacto

positivo na forma como os pais se sentem relativamente à sua contribuição e influência, atenuando também as preocupações relativas à situação e ao bem-estar do bebé. O suporte/incentivo da mãe parece também ser importante e encorajador do envolvimento do pai com o bebé prematuro. Por outro lado, a ausência de contacto e a não participação nos cuidados a prestar ao bebé, contribuem para o despontar de sentimentos de incerteza e sofrimento (Fegran et al., 2008).

Após o parto pré-termo e o consecutivo internamento numa unidade de cuidados neonatais, o pai é, na maior parte das vezes, o primeiro a acompanhar e a cuidar do bebé num ambiente altamente tecnológico e especializado. É também ele quem estabelece os primeiros contactos com a equipa médica, assumindo conjuntamente a ajuda e o suporte à sua companheira que se encontra fragilizada e em recuperação. Durante esta fase, verifica-se frequentemente, por parte do homem, a necessidade de adopção de um papel mais tradicional, de distanciamento e optimismo, em relação à situação de internamento. Este comportamento adaptativo tem como objectivo o suporte à respectiva companheira, acabando por dissimular o verdadeiro estado emocional do pai relativamente ao nascimento prematuro. Após garantir que a companheira está bem de saúde, o pai redirige a sua atenção para o bebé (Fegran et al., 2008). Além destas tarefas, é também necessário conjugar o internamento do bebé e da companheira com o desempenhar de uma actividade profissional (Coutinho & Morsch, 2006). Na opinião de Coutinho e Morsch (2006), o conceito de *paternidade prematura* pode ser descrito como um funcionamento adequado à situação experienciada pelo homem que foi impedido de completar a gestação psicológica e biológica do seu bebé.

A partir das suas investigações com pais e mães de bebés pré-termo, Pedrosa e seus colaboradores (2005) concluíram que no que toca à percepção do stresse não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois progenitores. Relativamente à reactividade emocional, os autores concluíram que no que se refere à dimensão felicidade existem diferenças significativas, sendo os pais aqueles que apresentam valores mais elevados. O nascimento de um bebé prematuro parece ter, deste modo, um impacto distinto sobre a mãe e sobre o pai, principalmente ao nível da reactividade emocional que ambos manifestam. Nos primeiros dias após o parto, os homens apresentam um maior grau de emoções positivas. O pai parece apresentar, segundo os estudos de Pedrosa et al. (2005), uma melhor adaptação à transição para a parentalidade, manifestando um menor grau de stresse (embora não estatisticamente significativo), um menor grau de emoções negativas e um maior grau de emoções positivas. De acordo com Fegran et al. (2008), os pais experienciam o nascimento prematuro como um choque mas estão, no entanto, prontos para se envolverem de imediato com o bebé de forma a iniciar a construção de uma nova relação. Apesar da dificuldade/relutância inicial em compreender e interagir com o recém-

nascido, na opinião de Fegran et al. (2008), o contacto precoce com o bebé é experienciado de forma positiva pelos pais. O mesmo não parece acontecer com as mães que se encontram debilitadas física e psicologicamente. Para os autores, o envolvimento paternal precoce poderá ser igualmente considerado uma importante forma de suporte à mãe.

Através de um estudo realizado por Lindberg et al. (2008), foi possível aferir que pais de bebés pré-termo (internados numa unidade de cuidados intensivos neonatais) usufruíram de mais oportunidades para conhecer profundamente os seus filhos do que pais com filhos de termo (não internados). Desta forma, foi possível a estes homens perceber os comportamentos dos seus filhos e ajustar a sua intervenção e interacção de acordo com o que tinham observado. Ao contrário dos pais com filhos de termo, estes revelaram um ajustamento superior à tarefa da parentalidade. Segundo os autores, esta investigação demonstra a importância do tempo no contacto e na interacção próxima entre o pai e os seus filhos. De acordo com as investigações de Fegran et al. (2008), o contacto físico precoce com o pai poderá também explicar por que razão a relação do pai com a criança é experienciada de forma mais positiva do que a relação estabelecida pela mãe. Premberg et al. (2007), a partir da sua investigação, sugerem que a relação pai/filho é facilitada, tanto pelo compromisso de amor, como pelo tempo passado a sós com a criança. De acordo com Coutinho e Morsch (2006), a partir da sua experiência profissional e consequente investigação, o pai encontra-se muitas vezes mais envolvido do que a mãe do bebé internado. O homem manifesta-se preocupado com o desenvolvimento do seu bebé fragilizado, mas também sensível às necessidades apresentadas pelo filho, capaz de reconhecer as suas necessidades físicas e afectivas.

Após a exposição destes dados relativos ao envolvimento paterno numa situação de internamento por prematuridade, revela-se capital incrementar em Portugal a investigação na área da prematuridade de forma a ser possível no futuro perspectivar intervenções multidisciplinares que possam prevenir e minorar os problemas decorrentes do nascimento prematuro e/ou internamento precoce. Para Jotzo e Poets (2005), a utilização de programas de intervenção com os pais após o nascimento prematuro (intervenção na crise, suporte psicológico ao longo do internamento do bebé e suporte em alturas críticas) reduz os sintomas de trauma relativos a esta situação adversa.

É também fundamental, para Coutinho e Morsch (2006), criar condições para que o pai possa participar nos cuidados ao bebé desde a sala de partos, de forma a facilitar a relação e o envolvimento com o filho em todos os momentos do internamento. O contacto e a interacção com o bebé parece acelerar o processo de envolvimento e de estabelecimento de uma relação (Fegran et al., 2008). De acordo com Paul (1992), Canavarro (1999) e Jotzo e Poets (2005), verifica-se que o meio ambiente familiar que rodeia a criança prematura nos primeiros anos de vida altera significativamente o seu desenvolvimento, enquanto os

factores médicos não predizem quais das crianças virão a ter problemas. Segundo Lau e Morse (2003, cit. por Pedrosa et al., 2005), muitos dos estudos do impacto de um nascimento prematuro nos progenitores focam-se apenas nas experiências maternas, desconsiderando por completo as vivências e a adaptação paterna. Assim sendo, torna-se imperativo redireccionar a atenção dos investigadores para o estudo do envolvimento do pai com o bebé, especialmente no que diz respeito às situações de nascimento pré-termo e de internamento precoce.

Com este estudo de carácter exploratório, não se pretende confirmar ou infirmar hipóteses, mas sim explorar o tema do envolvimento paterno de uma forma espontânea e consciente. Deste modo, ambicionamos investigar as especificidades do envolvimento paterno num contexto ímpar, de internamento por prematuridade.

Pretende-se analisar de que modo se desenvolve e expressa o envolvimento paterno, tentando dar resposta a várias questões: Num contexto de internamento por prematuridade, será possível caracterizar o envolvimento emocional entre um pai e o seu filho? Que importância atribuem os pais ao envolvimento emocional precoce pai/filho? Que importância atribuem as mães ao envolvimento emocional precoce pai/filho? Quais os factores que determinam o envolvimento do pai? Existe uma predominância de factores intrínsecos ou extrínsecos?

Por conseguinte, os nossos objectivos são:

#### Objectivo Geral:

- Investigar a especificidade do envolvimento de um pai com o seu filho num contexto de internamento por prematuridade.

#### Objectivos Específicos:

- Avaliar o nível de envolvimento emocional do pai com o bebé num contexto de internamento por prematuridade;
- Analisar e compreender a particularidade do envolvimento emocional do pai com o bebé, tendo por base os quatro factores condicionantes do envolvimento paternal, identificados por Lamb (1992);
- Apurar as concepções que os pais têm a respeito do envolvimento paternal;
- Apresentar as convicções que os pais têm a respeito do seu próprio envolvimento;
- Apurar as atribuições que as mães fazem a respeito do envolvimento paterno precoce;
- Comparar as opiniões que pai e mãe têm relativamente ao envolvimento paterno precoce.

## Método

### Desenho de Investigação

O estudo efectuado será **não experimental**, visto que não se pretende introduzir modificações ao longo da recolha de dados; **de carácter exploratório**, pois não se pretende confirmar ou infirmar hipóteses, mas sim recolher dados sobre a plausibilidade eventual do problema; e, por fim, **transversal**, uma vez que analisa os dados num determinado momento temporal. A presente investigação é baseada na metodologia de estudo de caso.

Foi eleita esta metodologia visto ser a que melhor se adequa ao estudo aprofundado de uma problemática específica sob uma perspectiva relacional, permitindo assim, o estabelecimento de uma relação de confiança, facilitadora da própria investigação e que permitirá um melhor e mais aprofundado conhecimento do sujeito. Para Isabel Leal (2000), a metodologia de estudo de caso é o instrumento nobre da clínica que, pode ter, para além de um fim clínico, uma aplicação direccionada para a investigação de uma problemática específica, psicológica ou situacional, da qual o indivíduo é apenas uma amostra.

Para facilitar a recolha da amostra foi utilizada uma entrevista semi-estruturada. A entrevista em questão abrangeu o estudo exploratório e qualitativo de vários aspectos relacionados com o envolvimento paterno, e foi efectuada a homens, pais de um bebé prematuro internado numa unidade de cuidados neonatais. Para a decomposição, discussão e interpretação das conversações obtidas a partir das entrevistas, foi utilizado, nesta segunda fase da investigação, o método da análise de conteúdo. O método da análise de conteúdo pode ser descrito como um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Este método de exploração e análise trata-se de um instrumento marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, que funciona segundo procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens (Bardin, 2008).

### Participantes

Os critérios para a inclusão de participantes neste estudo foram os seguintes:

- a) Indivíduo do sexo masculino, pai de um bebé prematuro (24-35 semanas). De acordo com Nowicki (1993, cit. por Pedrosa et al., 2005), são prematuros os bebés nascidos antes das 35 semanas de gravidez. No entanto, segundo a Organização Mundial de

Saúde, são decretados como prematuros os bebés nascidos antes das 37 semanas de gestação;

- b) Um mínimo de três visitas ao bebé até à data da entrevista. Este critério de inclusão foi sugerido pela enfermeira chefe da unidade de cuidados neonatais, na medida em que, tal como dizem Jotzo e Poets (2005), o nascimento prematuro e consequente internamento numa Unidade de Neonatologia, pode ter um efeito traumatizante sobre os pais. Segundo vários autores, os sintomas intensos de perturbação tendem, no entanto, a diminuir com o passar do tempo e são mais intensos nos primeiros dias de visita ao bebé (Brooten et al., 1988, cit. por Talmi e Halmon, 2004). Deste modo, a utilização deste critério permitiu evitar o contacto com os pais numa primeira fase de adaptação, encarada como a mais intensa e traumática. Este preceito tinha também outro objectivo: que os progenitores abordados possuíssem já, na altura da entrevista, algumas experiências de contacto e de envolvimento com o bebé pré-termo.

### Caracterização da Amostra

Para a realização deste trabalho de investigação foram entrevistados cinco homens, pais de um bebé prematuro internado numa unidade de cuidados intensivos neonatais. Os critérios de inclusão dos participantes neste estudo foram bastante latos, pelo que os pais entrevistados, que vieram posteriormente a integrar o presente projecto de investigação, constituem uma amostra rica, mas também bastante heterogénea e diversificada. Torna-se, deste modo, imperativo que seja realizado o enquadramento de cada indivíduo e respectiva situação.

### 1ª Caso

Nuno tem 29 anos, é natural de Lisboa, e é solteiro. O seu agregado familiar é constituído pela sua companheira, com quem detém uma relação há 13 anos e partilha uma habitação há cerca de dois anos. Apesar de se considerar católico, o pai admite não ser praticante das suas crenças religiosas. Trabalha actualmente como comercial na zona de Lisboa e encontra-se a finalizar o último ano do Curso Superior de Arquitectura.

Nuno foi entrevistado no dia 20 de Fevereiro de 2009, seis dias após o nascimento do filho, Diogo. O bebé nasceu no dia 14 de Fevereiro de 2009 com 34 semanas e cinco dias e o seu índice de apgar à nascença foi classificado de 8/9. Diogo é o primeiro filho, resultado também da primeira gravidez do casal, e apesar de não ter sido planeado foi muito desejado

pelos seus pais. O bebé nasceu de parto eutócito com epidural, tinha, à nascença, 3,85kg e foi de imediato internado no serviço de Neonatologia. Durante o internamento, o Diogo, desenvolveu também uma infecção que foi tratada com antibióticos. Em relação à mãe do Diogo, não se verificaram complicações durante a gravidez, imediatamente antes ou após o parto.

Ao ser abordado na Unidade de Cuidados Neonatais, e após lhe ter sido explicado o âmbito do projecto, Nuno demonstrou-se de imediato interessado e motivado a participar na investigação. Ao longo da entrevista abordou com profundidade os temas propostos, tendo aparente facilidade em expressar as suas emoções e opiniões relativamente ao internamento de Diogo e às condições específicas de envolvimento paterno.

## 2ª Caso

Carlos tem 34 anos e é natural de Sintra. É casado e o seu agregado familiar é constituído pela sua esposa e uma filha com sete anos. Exerce actualmente o cargo de Marceneiro Mecânico, tendo completado os seus estudos até ao 6º ano de escolaridade. Apesar de se considerar católico e acreditar em Deus, refere não frequentar a igreja regularmente.

Carlos foi entrevistado no dia 22 de Fevereiro de 2009, 110 dias após o nascimento do filho, Miguel. O bebé nasceu de cesariana no dia quatro de Novembro de 2008 com apenas 24 semanas e seis dias, e foi de imediato internado no serviço de Neonatologia. Pesava 710 gramas e o seu índice de apgar foi de 4/6. Esta segunda gravidez do casal foi, ao contrário da primeira, gemelar mas o outro bebé, Fábio, acabou por falecer no dia 8 de Novembro de 2008, quatro dias após o nascimento. Apesar de os bebés não terem sido planeados foram ambos muito desejados pelos seus pais após a notícia de gravidez. Ao longo do seu internamento, Miguel teve de ser operado por duas vezes: a primeira a uma artéria no coração que não fechou durante o primeiro mês de vida; a segunda aconteceu já no mês de Fevereiro e implicou uma operação aos olhos devido à existência de uma retinoplastia. Estas duas intervenções contribuíram de forma capital para o aumentar da ansiedade e do receio dos pais face à delicada situação do bebé. No que se refere à mãe do Miguel, existiram a partir das 22 semanas complicações com a gravidez que a obrigaram a realizar repouso absoluto e conseqüentemente conduziram ao nascimento prematuro das duas crianças.

Carlos foi abordado na Unidade de Cuidados Intensivos quando estava com o seu filho ao colo. Apesar de alguma reticência inicial em participar no presente estudo de investigação, o pai demonstrou-se motivado e interessado em ajudar, após lhe ter sido explicado o âmbito da presente investigação. Ao longo da entrevista, ficou patente por um

lado, o sofrimento causado pelo falecimento de Fábio que ainda hoje suscita sentimentos de tristeza e ansiedade; por outro, a dor e o cansaço de um longo internamento repleto de incertezas e interrogações. Apesar da entrevista ser referente ao seu envolvimento com o filho Miguel foi impraticável, para o pai, abordar as situações dos seus dois filhos em separado.

### 3ª Caso

João tem 28 anos e é natural de Mato Grosso, Brasil. Apesar de solteiro, partilha uma habitação com a sua companheira e alguns amigos há cerca de três anos. Trabalha actualmente como empregado de balcão num restaurante/café, tendo realizado os seus estudos no Brasil (11º ano). No que se refere às suas crenças religiosas, confessa acreditar numa entidade superior apesar de não se considerar adepto/praticante de nenhuma religião organizada.

João foi entrevistado no dia 22 de Fevereiro de 2009, 22 dias após o nascimento do seu filho, Lucas. O bebé nasceu de cesariana no dia 31 de Janeiro de 2009. Com apenas 27 semanas e três dias pesava 774 gramas e apresentava um índice de apgar de 6/8. Lucas é o primeiro filho, resultado também da primeira gravidez do casal, e apesar de não ter sido planeado foi desejado pelos seus pais. Além do internamento imediato por prematuridade, imediato Lucas desenvolveu, durante o período de internamento, uma infecção que teve de ser tratada com antibióticos, apresentou também dificuldades respiratórias e teve ainda de ser submetido, durante o primeiro mês de vida, a uma intervenção cirúrgica de forma a fechar uma artéria do coração. Em relação à mãe do Lucas existiram, a partir das 26 semanas, complicações com a gravidez que obrigaram a dez dias de repouso absoluto e consequente internamento no hospital. Apesar do internamento não foi possível adiar o nascimento prematuro do bebé.

À semelhança dos outros pais, João foi abordado também na Unidade de Cuidados Intensivos Neonatais durante a visita ao filho. Antes de aceitar o convite para a entrevista, o pai foi incentivado pela sua companheira a participar no estudo. João demonstrou-se também interessado em participar no presente trabalho de investigação, abordando com profundidade os temas propostos. Apesar da honestidade apresentada, ficou patente alguma dificuldade em expressar sentimentos e emoções relativas ao período de internamento. João parece ter optado pela racionalização dos acontecimentos abordados como a principal forma de defesa relativamente aos conteúdos mais ansiogénicos. Apesar de alguns aspectos mais defensivos, foi possível aferir o enorme impacto que o nascimento prematuro e internamento de Lucas causaram no casal e, em especial, no pai.

#### 4ª Caso

Paulo tem 39 anos e é natural de Espírito Santo, Brasil. É casado há cerca de seis anos e o seu agregado familiar é composto apenas pela sua companheira. Trabalha actualmente numa empresa de construção, onde é responsável pelo assentar dos pisos, e possui o 12º ano de escolaridade. Acredita em Deus e confessa frequentar a igreja regularmente.

Paulo foi entrevistado no dia um de Março de 2009, quatro dias após o nascimento da sua filha, Paoula. O bebé nasceu de parto eutócito no dia 25 de Fevereiro de 2009, às 33 semanas, pesava 1,830kg e apresentava um índice de apgar de 7/9. Paoula é a primeira filha, resultado também da primeira gravidez do casal, tendo sido planeada e desejada pelos seus pais. Após o nascimento, o bebé foi de imediato internado no serviço de Neonatologia. Durante o período de gravidez verificou-se um deslocamento da placenta às oito semanas, que obrigou a mãe a um período de repouso de cerca de um mês.

Paulo foi abordado na Unidade de Cuidados Intensivos Neonatais e demonstrou-se, após a explicação da temática do trabalho de investigação, muito interessado em participar e debater o nascimento, o internamento e o envolvimento com a sua filha. Apresentou, ao longo da entrevista, facilidade em abordar sentimentos e emoções embora, por vezes, fosse incapaz de traduzir por palavras aquilo que experienciava e estava a sentir. Verificou-se, deste modo, uma nítida sobreposição do lado emocional sobre o racional, o que pareceu impedir o pai de elaborar de forma adequada toda a situação de internamento.

#### 5ª Caso

Pedro tem 38 anos e é natural de Oeiras. É casado há dez anos e o seu agregado familiar é constituído pela sua esposa e dois filhos: um rapaz de seis anos, filho do presente casal, e uma menina de 14 anos, filha biológica de outro homem com quem a mãe foi casada anteriormente. Pedro trabalha como agente da PSP, tendo completado a escolaridade obrigatória (9ºano). No que se refere às suas crenças religiosas, refere considerar-se católico apesar de admitir não ser praticante.

Pedro foi entrevistado no dia um de Março de 2009, sete dias após o internamento do seu filho, Martim. O bebé nasceu de cesariana no dia 22 de Fevereiro de 2009 às 32 semanas, pesava 2,625kg e apresentava um índice de apgar de 7/8. Martim foi um bebé planeado e muito desejado pelos seus pais. Além do internamento por prematuridade, o bebé padecia também de anemia e teve de ser submetido a duas transfusões de sangue. No que diz respeito à mãe do Martim, verificou-se durante o período gravídico, altos índices de tensão arterial e uma ocorrência de diabetes gestacional no final da gravidez.

Ao ser abordado na Unidade de cuidados Neonatais, Pedro demonstrou-se de imediato interessado em ajudar e participar. Foi também incentivado pela sua esposa a dialogar e cooperar na elaboração do presente estudo de investigação. Ao longo da entrevista, o pai revelou-se preocupado com Martim, evidenciando altos índices de ansiedade relativamente à situação de internamento. Apesar da aparente vontade em participar neste trabalho de investigação, o Sr. Pedro revelou-se, por vezes, muito breve nas suas respostas não elaborando de forma adequada os vários temas propostos. A fuga/evitamento de algumas temáticas parece ter sido a técnica defensiva adoptada por este pai na presente entrevista.

### Procedimento

Após a selecção inicial dos participantes através de uma amostra de conveniência, foi realizado um primeiro contacto de apresentação e consequente explicação do âmbito geral do trabalho de investigação.

Posteriormente a este contacto, foi agendada uma entrevista semi-estruturada com os pais que acordaram participar no presente estudo. A entrevista abrangeu o estudo exploratório e qualitativo do envolvimento emocional, da adaptação e satisfação parentais, da motivação/vontade de envolvimento paternal e da interacção de cada indivíduo com o respectivo bebé. Foram também indagadas as atribuições que os pais e respectivas companheiras fazem a respeito do envolvimento paterno precoce.

Após a realização das entrevistas, procedeu-se à sua transcrição completa e integral. Deste modo, foi respeitada a linguagem, as pausas e o estilo comunicativo adoptado por cada um dos pais abordados. Depois da transcrição das entrevistas foi finalmente possível iniciar a análise das conversações seleccionadas. O método de decomposição utilizado foi a análise de conteúdo, visto que se trata de um instrumento marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, que funciona segundo procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens (Bardin, 2008).

A presente análise de conteúdo organizou-se em torno de três fases distintas:

- 1- **A pré-análise** – É a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objectivo tornar operacionais e sistematizar ideias iniciais, de forma a conduzir a um esquema preciso de desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. Esta etapa abrangeu a leitura “flutuante” das entrevistas, o levantamento de questões, a formulação dos objectivos e a preparação do material;

- 2- **A exploração do material** – Esta fase, longa e fastidiosa, consistiu essencialmente em operações de codificação, decomposição e/ou enumeração dos vários elementos previamente detectados e considerados relevantes na primeira etapa da análise de conteúdo;
- 3- **Tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação** – Nesta fase, os resultados em bruto são tratados de maneira a serem significativos e válidos. Através da utilização de quadros de resultados foi possível condensar e pôr em relevo as informações fornecidas pelas duas primeiras fases do processo de análise. Por fim, foi realizada a interpretação, a contextualização e a justificação teórica dos resultados obtidos.

### Material

No presente trabalho de investigação foi utilizada uma entrevista clínica, semi-estruturada, de forma a avaliar o envolvimento emocional dos pais participantes. A entrevista em questão compreendeu o estudo exploratório e qualitativo:

- Do envolvimento emocional paterno;
- Da adaptação parental do pai;
- Da satisfação parental do pai;
- Da motivação do pai para o envolvimento e interacção com o bebé;
- Das atribuições que os pais fazem a respeito do envolvimento paternal precoce;
- Das atribuições que as mães fazem a respeito do envolvimento paternal precoce;
- Das convicções que os pais têm a respeito do seu próprio envolvimento com o bebé.

Para Leal (2000), a entrevista psicológica é um instrumento preliminar de relação social. Pretende-se, através dela, conhecer melhor uma pessoa, um tema ou um assunto. A entrevista é, deste modo, encarada como um processo de obtenção de informação.

A entrevista aberta ou semi-dirigida possibilita, por um lado, obter dados acerca da história pessoal do sujeito, permitindo-nos, em parte, ter acesso à sua problemática; por outro lado, permite também o estabelecimento de uma relação empática. A partir da entrevista é então possível, proceder à recolha de dados relevantes como a identificação, os dados clínicos, a história familiar, os antecedentes pessoais e a história actual.

A disponibilidade do entrevistador durante a entrevista deve ser total, mostrando-se interessado e motivando o sujeito a continuar. No entanto, é necessário não intervir demasiado, de forma a não interferir com a espontaneidade do sujeito. É de extrema

importância aceder à forma como o sujeito entende/compreende a problemática em questão.

Através de uma atitude de neutralidade e de não julgamento, pretende-se simplesmente escutar o sujeito e não tomar qualquer partido. As informações devem ser recebidas de forma compreensiva e empática, de forma a estabelecer uma relação dual. Esta relação facilitará a compreensão do outro e da sua dinâmica relacional. Caso seja necessário, podem ser utilizadas várias técnicas facilitadoras da obtenção de informação como a reflexão, a clarificação, o silêncio, entre outras. Durante a realização das várias entrevistas foi também dada uma especial atenção à linguagem não verbal (mímica, postura, olhar e expressão).

## **Apresentação dos Resultados**

Após a aplicação da entrevista semi-estruturada e posterior início da análise de conteúdo, foi possível agrupar as respostas dos cinco pais entrevistados em cinco temas base que passamos, de seguida, a apresentar e analisar.

### 1- Matriz de Apoio

A relação com a companheira/mãe do bebé foi classificada de muito boa, algo idealizada, pelos cinco pais que responderam à entrevista. Um dos pais, João, declara: “Muito boa... Muito boa mesmo. Diálogo perfeito, trabalho normal, nada de stress, nada de brigas, perfeito... Melhor é impossível”. De acordo com Anton (2000), a imagem idealizada do relacionamento conjugal, pode ter sido sustentada por experiências no período de namoro. A criação de ilusões acerca do amor e da relação conjugal parece gerar uma idealização de que a correlação entre os dois parceiros é de tal ordem, que é capaz de anular as diferenças e fazer com que, posteriormente, nunca ocorram divergências.

Apenas um dos pais, Carlos, identifica a existência de momentos difíceis a partir do nascimento e respectivo internamento do bebé: “A partir daí tivemos momentos muito complicados, de ansiedade, de o que é que iria acontecer... Houve aí uma altura em que andámos um bocadinho confusos e perdidos quase.” Apesar da pouca referência dada pelos pais entrevistados a esta temática, Camus (2000) refere que uma situação de nascimento pré-termo provoca geralmente um traumatismo psíquico intenso em ambos os pais, sendo capaz de alterar o anterior equilíbrio de uma relação conjugal (Pedrosa et al., 2005). Dois dos pais entrevistados referem também que a presente situação contribuiu para a aprendizagem e para o crescimento da actual relação com a companheira: “Acho que com isto tudo aprendemos muito e crescemos” (Carlos); “E agora com a vinda da Paoula então só vem agregar mais um monte de qualidades assim” (Paulo). A situação de crise, determinada pelo nascimento e conseqüente internamento do bebé prematuro, parece também, nestes dois casos, oferecer uma possibilidade de crescimento e mudança, constituindo-se como um elemento agregador do casal.

A relação com a restante família foi classificada, pela maioria dos pais, como boa. No entanto, apenas um dos entrevistados destaca a importância do apoio familiar. Um dos pais entrevistados, Carlos, refere: “A família preocupa-se toda, tentam ajudar no melhor que podem e no que conseguem fazer e nós agradecemos”. Coutinho e Morsch (2006) sugerem que a família pode ter um importante papel de suporte em caso de internamento. É, contudo, necessário que exista, no seio da relação conjugal, um desejo de participação e/ou um pedido de ajuda. Dada a aparente idealização e proximidade da relação conjugal dos

pais entrevistados, não parece existir, no momento, espaço para uma participação mais activa e representativa dos restantes familiares.

Dois dos pais entrevistados abordaram também o distanciamento geográfico como justificação complementar da ausência de uma relação presente, de apoio, continuada no espaço e no tempo. João declara: “A minha família é afastada... a família mora no Brasil... Ela a mesma coisa, ela tem a mãe que mora na cidade dela... que era da Roménia, mora lá também é a mesma coisa...” O isolamento familiar e social caracteriza-se, deste modo, como uma dificuldade à criação de uma matriz de apoio, fundamental no apoio e suporte das necessidades específicas dos pais após o nascimento do bebé prematuro (Coutinho & Morsch, 2006).

A existência de conflitos na família é apontada apenas por um dos pais entrevistados: “Na minha família... eu dou-me bem com todos... mas há... da parte da minha mulher há outros que... não se dão bem uns com os outros” (Pedro). O afastamento em relação à restante família em quatro dos cinco pais entrevistados parece não ser, deste modo, ocasionado por problemas/situações particulares de conflito anteriores ao nascimento do bebé, mas sobretudo pela necessidade de isolamento do casal na sua relação a dois, e/ou por situações de distanciamento geográfico.

## 2- Sentimentos e Reacções Anteriores ao Nascimento do Bebé

Para todos os pais este foi um bebé desejado, mas não planeado para três dos cinco pais entrevistados. Um dos homens abordados, Nuno, refere: “Não foi planeado mas foi muito desejado”. Nos restantes casos (dois), verificou-se também a existência de planeamento da gravidez: “Foi muito bem planeada e desejada também” (Pedro). Tal como diz Segalen (1999), a família contemporânea pode ser descrita como uma parentela em que a chegada de um filho é frequentemente desejada e/ou programada, sendo objecto de um forte investimento afectivo.

O sentimento feliz foi mencionado por todos os pais entrevistados face à notícia de gravidez. Carlos destaca: “Fiquei feliz... muito feliz, muito contente”. Três dos entrevistados enfatizaram também o desejo de serem pais e acompanhar todo o processo gravídico. “Fiquei muito feliz! É o meu primeiro filho, sempre desejei ser pai” (João); “...dali já muda muito o seu pensamento... Tudo o que você pensava para você, e para a sua esposa, já muda. Você já pensa para a sua filha, é tudo para a sua filha, desde o momento da gravidez” (Paulo). De acordo com Gomez (2005), o pai “expressivo” envolve-se desde a gravidez, a nível emocional e a nível comportamental; consciente da importante transição na sua vida, deseja partilhar ao máximo essa experiência e oferecer assistência e suporte emocional. Dois dos cinco pais entrevistados referem igualmente sentimentos de

preocupação face à gravidez. Carlos relata: “Fiquei feliz... muito feliz, muito contente... Ao mesmo tempo ficámos preocupados...” Por fim, um dos entrevistados enfatiza a necessidade de recuperar, o que poderá pressupor a vivência de uma situação de choque: “...e daí para a frente foi recuperar, seguir tudo o que é normal” (Nuno). Segundo Bornholdt et al. (2007), a vivência do período gravídico é também intensa para muitos homens. A ansiedade despontada ao longo deste processo pode estar relacionada com vários factores emocionais, tais como a identificação do pai com a esposa grávida, ou com uma ambivalência em relação à paternidade e a todo o processo de adaptação a esta nova condição.

Quatro dos cinco pais entrevistados abordaram de imediato o desejo de ser pai e o sentimento de felicidade despertado face à perspectiva apresentada: “Festa, alegria total...” (João); “Fiquei muito satisfeito” (Pedro). Um dos entrevistados enfatizou, no entanto, as dificuldades e a ansiedade despertada por esta situação, reforçando a necessidade de uma maior preparação/aprendizagem relativamente à futura tarefa de ser pai. Nuno recorda: “Se calhar um bocado nervoso... por saber que não estou ainda preparado. Ser pai não é só ter o filho nas mãos... Sinto que ainda tenho de aprender muitas coisas...” De acordo com Gomez (2005), a transição para a parentalidade é um processo desenvolvimental, multifacetado e multideterminado que pressupõe a existência de dificuldades e a emergência de várias emoções/sentimentos, como a ansiedade. No entanto, no que se refere à preparação relativamente à tarefa de ser pai, o “talento” parental não é inerente a nenhum dos sexos e as competências parentais são aprendidas no dia-a-dia, através da interacção com o bebé.

Dois dos pais entrevistados abordaram também a sua incapacidade de imaginação do bebé. Um dos pais, Nuno, após alguma insistência, apontou apenas algumas evidências físicas: “Não imaginei. Não... ainda ontem tive essa conversa e na altura imaginava que seria... loirinho ou careca e afinal tem muito cabelo preto... eu não imaginei. Só tinha a certeza que ele ia ter olhos claros. De resto, não criei uma imagem dele.” De acordo com Piccinini et al. (2004), o pai apresenta dificuldades no que diz respeito ao envolvimento com o filho durante a gravidez. Este facto poderá ser um obstáculo à imaginação do bebé e à percepção deste como real.

Nos restantes três pais entrevistados, parece ter-se verificado uma idealização do futuro filho. Em dois dos casos, a idealização é efectuada com base na perspectiva de um filho quase perfeito: “Acho que a gente cria... uma imagem de um filho... que tenha tudo... Sadio, que brinca, que faz de tudo... acho que... um super filho. Acho que todo o pai desejaria isso.” (João); no outro, a idealização do bebé tem por referência a própria idealização da companheira e as semelhanças que o bebé terá com a mãe: “Que ela se parecesse realmente com a mãe... Eu queria que ela fosse exactamente como a mãe dela.”

(Paulo). Para Neder e Quayle (1996), no imaginário do casal são sempre projectadas relações, sonhos e idealizações relativamente ao bebé, apesar das dificuldades inerentes ao envolvimento do pai com o filho durante a gravidez.

### 3- Sentimentos e Reacções Posteriores ao Nascimento do Bebé

Quatro dos cinco pais entrevistados referem sentimentos de felicidade e alegria face ao nascimento do bebé. Carlos, pai de um grande prematuro, recorda: "...um turbilhão de emoções, porque... é lógico que senti-me muito feliz". De acordo com Pedrosa et al. (2005), o pai apresenta um maior grau de emoções positivas, aquando do nascimento de um bebé prematuro comparativamente à mãe da mesma criança. Deste modo, o homem parece revelar uma melhor adaptação à transição para a parentalidade, manifestando também um menor grau de stresse e de emoções negativas.

No entanto, um dos pais abordados, João, expôs de imediato a sua decepção e tristeza face ao nascimento prematuro do seu filho: "Senti triste... porque a fatalidade que aconteceu... senti muito triste... nunca imaginei que acontecesse isso, nem eu, nem ela... chorei muito". Para Coutinho e Morsch (2006), o nascimento de um bebé prematuro impõe ao pai um misto de novas tarefas, novos medos e emoções.

Três dos cinco pais entrevistados manifestaram também sentimentos de apreensão e preocupação relativamente ao nascimento do filho. Pedro relata: "Fiquei preocupado. Queria que corresse tudo bem."

Por fim, a necessidade de superar os problemas e de conformação face à situação de internamento foi também abordada por dois dos cinco pais entrevistados: "...agradeço muito a Deus, aos médicos, por isso, porque ainda tem chance de vida, então a gente está sempre pensando no lado positivo." (João); "...mas é assim a vida e a gente tem de se conformar com isso." (Carlos). Na opinião de Talmi e Harmon (2004), o nascimento antecipado provoca uma perturbação da relação habitual dos pais com o seu recém-nascido, com consequências negativas na adaptação parental. Todavia, e apesar das dificuldades apresentadas, os pais parecem estar disponíveis para a relação com o bebé logo após o seu nascimento (Fegran et al., 2007).

Três dos cinco pais entrevistados abordaram sentimentos positivos face à primeira vez que viram o seu bebé, tais como, felicidade e orgulho. Carlos, um dos pais entrevistados, refere: "Senti um orgulho enorme, como é óbvio, não é... fiquei orgulhoso mesmo..." Para Pedrosa et al. (2005), a reactividade emocional de pais e mães é distinta no que toca à dimensão felicidade. Este parâmetro emocional exhibe, segundo os autores, resultados superiores no pai comparativamente à mãe. Os restantes dois entrevistados enfatizaram sentimentos negativos como a apreensão, a tristeza e a ansiedade. João confessa: "Chorei

bastante eu... porque ele é muito frágil, muito pequenininho, parecia um mosquitinho ali dentro, só tinha olho e mão... por isso fiquei muito triste.” Segundo Fegran et al. (2007), o pai parece ser particularmente sensível ao aspecto físico do bebé, demonstrando-se frequentemente insatisfeito e surpreendido ao contactar com o filho pela primeira vez. Um dos pais sentiu também a necessidade de resguardar os seus próprios sentimentos de forma a poder dar suporte e tranquilizar a sua companheira: “Tinha vontade de chorar mas como a mãe estava um bocado aflita, se calhar aguentei-me ali um bocado e tentei segurar um bocado... Se me desfizesse ali em lágrimas, se calhar a mãe também depois... Senti necessidade de dar um suporte à mãe.” (Nuno). De acordo com O’Leary e Thorwick (2006, cit. por Bornholdt, 2007), muitos homens não se permitem dividir a sua ansiedade e o seu medo durante este período por sentirem necessidade e/ou obrigação de protegerem a sua companheira.

A satisfação e a felicidade são os sentimentos actuais mais mencionados pela maioria dos pais entrevistados (três). A respeito desta questão, Pedro declara como se sente: “Bem... Contente... Contente porque eles está melhor. Satisfeito porque ele está a melhorar... Está tudo a correr bem”. Nos restantes pais (dois), verificou-se ainda, apesar do desejo de recuperação e necessidade de adaptação, alguma apreensão e receio face à situação de internamento e ao futuro do bebé. Paulo, um dos pais entrevistados, confessa: “Actualmente eu estou ainda... a ficha está caindo ainda, eu estou ainda me assentando ainda... perante a situação... mas eu sou pai. Mas ainda não estou assim... parece que você ta um pouco sonhando ainda... é quando você dorme, você... você olha o bebé, vem aqui vem aqui ver o bebé, você, você, eu ainda não consegui assim assimilar essa coisa toda. Estou a adaptar ainda, ainda está um pouco... recente.” De acordo com a sua investigação, Pedrosa et al. (2005) referem que com o passar do tempo se verificam diferenças significativas em todas as dimensões emocionais, à excepção da felicidade que parece manter-se constante. Deste modo, é plausível que o factor tempo possa ser considerado um agente coadjuvante no processo de adaptação dos pais a esta nova situação de parentalidade.

Três dos pais entrevistados referiram ainda estar satisfeitos com o sentimento de paternidade. A partir da investigação de Moura-Ramos et al. (2005), foi possível constatar que quando os pais avaliam positivamente a sua relação conjugal, apresentam uma melhor adaptação a este momento de transição. Um dos pais, apesar de referir que está muito feliz, acrescenta também que está a viver uma fase de adaptação. Relativamente a esta questão, Paulo certifica: “Eu me sinto o homem mais feliz do mundo... eu me sinto extremamente agradecido assim... é difícil de descrever... sentimento é ruim de explicar. Eu acho que só com o passar do tempo assim eu vou estar assimilando melhor para estar respondendo melhor... essas coisas que... acho que está muito recente.” De acordo com Moura-Ramos

et al. (2005), a transição para a parentalidade é considerada um acontecimento normativo que implica, no entanto, um período de reorganização e pode provocar grandes níveis de stresse, ansiedade ou outro tipo de dificuldades.

Os restantes pais (dois), enfatizaram por um lado a incapacidade de estarem completamente felizes na presente situação, e por outro, a inaptidão de se sentirem pais completos e realizados durante o período de internamento: “Quando ele estiver um pouquinho maior e eu puder levar ele para minha casa... que eu tiver a certeza a 100% que não vai agravar nada a situação dele, aí eu posso te falar que é... 100% de alegria... porque eu sei que o meu filho vai sobreviver, vai crescer, vai ficar grande.” (João); “Eu não me sinto muito um pai a sério ainda. Eu estando aqui sou pai dele mas ainda não estou propriamente a tomar conta dele e vou fazendo o que me é possível. Estamos neste momento a trata-lo... a mantê-lo, a manter o contacto e... sair daqui... a preparar o caminho... para tudo o que se passa lá fora e em casa. O que queremos é sair daqui e poder-mos depois iniciar então a tarefa de ser pais.” (Nuno). Segundo Pedrosa et al. (2005), o nascimento pré-termo representa um momento de crise familiar com consequências negativas na adaptação parental. O processo de adaptação e de acomodação dos pais torna-se desta forma mais moroso, dificultando o ajustamento emocional e comportamental dos pais (Moura-Ramos et al., 2005).

#### 4- Envolvimento com o Bebé

Todos os cinco pais entrevistados caracterizaram-se como pais presentes, com necessidade de estabelecer uma relação emocional, de proximidade, com os respectivos bebés. João salienta: “Ah eu vou dar o melhor... sem dúvida... o que eu puder fazer... melhor, eu faço. Pensando no bem-estar dele, sempre... no meu trabalho em casa, onde eu estiver, vou dar o meu melhor para ele.”; Paulo relata: “Estar presente sempre que ela precisar... independente de momento, de horário, do que for.” Com base na sua investigação com pais portugueses, Rita Mendes (2007) refere que actualmente os resultados obtidos vão no sentido de uma vivência mais efectiva e afectiva da paternidade. Parece existir, deste modo, vontade dos pais em estarem presentes no crescimento e no desenvolvimento dos seus filhos (Monteiro et al., 2008).

Quatro dos cinco pais entrevistados referem sonhar frequentemente com o seu bebé. Três destes quatro pais relatam também sonhos durante a gravidez. A vivência da gravidez é, deste modo, intensa para alguns pais que projectam, no seu imaginário, relações, sonhos e idealizações relativamente ao bebé (Bornholdt et al., 2007). Dois dos pais entrevistados têm apenas pesadelos relativamente à situação de internamento/futuro do bebé, um tem apenas sonhos agradáveis em que realiza várias actividades com o bebé, enquanto outro

pai alterna entre pesadelos e sonhos agradáveis. Carlos relata: “Ah sim... já sonhei... bons sonhos, às vezes não tão bons... porque... prontos... talvez derivado de tudo isto... sonho muito, sonho muito. Na altura da gravidez também me lembro que cheguei a sonhar.” O pai que refere não sonhar, Nuno, admite, no entanto, que por vezes acorda assustado durante a noite: “Hoje em dia não é sonhar mas acordo aflito a pensar como é que ele está... se estará tudo bem com ele... Acho que não... Não costumo lembrar-me daquilo que sonho. É muito raro.” Segundo Coimbra de Matos (2003), o sonho é sempre uma revivência de situações reais, imaginárias, ou uma mistura das duas, mais ou menos alteradas/deformadas. Tal como diz o autor, o sonho transforma em pensamento e imagem, o que o corpo sente sem saber que sente.

Todos os pais abordados confessaram ter vontade de interagir e de se envolver com os respectivos bebés. Os cinco pais entrevistados demonstraram intenção de participar em todas as actividades relacionadas com os filhos, tanto ao nível da dinamização de actividades lúdicas, como ao nível da prestação de cuidados. Ficou, deste modo, patente a necessidade de estar presente e intervir: “Sim... até já faço muitas coisas com ele... já brinco já falo, um montão de coisas... tudo.” (João); “Sim, sempre. Em tudo... Seja passear, mudar a fralda, lavá-lo... tudo, tudo, tudo.” (Pedro). Para Coutinho e Morsch (2006), existe no homem uma preocupação e uma vontade de interagir e de se envolver com o bebé pré-termo próximas daquelas experimentadas pela mulher.

Ao nível da interacção com os respectivos filhos, todos os pais responderam de forma afirmativa. Destacaram, deste modo, a realização de actividades/tarefas que alternaram entre funções relacionadas com a prestação de cuidados e acções relacionadas com a necessidade de um envolvimento mais próximo, de carácter emocional. Um dos pais entrevistados, Nuno, refere: “Brincar com ele, dar-lhe biberão, pô-lo a dormir, passear... Neste momento, são todas estas coisas que envolvem todo esse contacto... mas tenho necessidade de mais, mais do que isto, neste momento. Apesar de não poder ser muito mais porque ele é bebé e as respostas neste momento ainda são... pequenas mas mais do que estar ali e tocá-lo apenas através do plástico.” Segundo Camus e Fracarolo (2003), o papel do pai é actualmente multidimensional. No entanto, para Monteiro et al. (2008), o envolvimento do pai com a criança varia consoante o contexto e as actividades a desenvolver.

Dois dos pais entrevistados abordaram também o sentimento de impotência por não poderem fazer mais, enfatizando a necessidade de uma maior proximidade/contacto com o bebé: “... já mudei a fralda, já lhe dei leite... faço...o que me deixarem fazer faço... Agora não posso fazer muito mais... é estar com ele ali um bocadinho... estar ali, dar-lhe um bracinho, a mão, uma festinha, não posso fazer muito mais.” (Carlos). Segundo Pedrosa et al. (2005), os progenitores reagem emocionalmente ao parto prematuro através de

sentimentos de medo, impotência e/ou cólera. O forte impacto associado ao estereótipo da prematuridade pode também provocar uma percepção negativa e influenciar conseqüentemente a interacção dos pais com o bebé (Campos, 2000). Todavia, de acordo com Fegran et al. (2007), o contacto próximo entre pai e filho contribui igualmente para o atenuar da preocupação e da ansiedade relativamente à situação de internamento.

Um dos pais abordados estabeleceu também o paralelo entre a interacção com o filho durante o período de gravidez e a interacção actual, mais “real”. Paulo explica: “Faço como antes mas agora a coisa é mais real.”

O dia típico de visita ao bebé reflecte a interacção realizada pelos pais, com os seus filhos. Existe, desta forma, e em todos os pais entrevistados, uma alternância entre a realização de tarefas de prestação de cuidados e as actividades de carácter mais lúdico e de envolvimento emocional com o bebé. Dois dos pais entrevistados sublinham também a necessidade de pai e mãe dividirem as tarefas a realizar com o bebé. Carlos expõe: “... actualmente eu e a mãe partilhamos, eu faço uma coisa, a mãe faz outra e assim vamos dividindo as tarefas.” De acordo com Monteiro et al. (2008), assistimos actualmente à diminuição da fragmentação baseada no género, e conseqüentemente ao nascimento de um novo ideal de co-parentalidade, em que ambos os pais partilham responsabilidade e tarefas a vários níveis: financeiro, doméstico e relativo aos cuidados da criança.

No que toca à caracterização e ao conhecimento dos seus bebés, a totalidade dos pais opta por fazer referência a características físicas que permitem a identificação com um dos progenitores. A identificação com o progenitor masculino poderá estar relacionada com o desejo de imortalidade e/ou desejo de se duplicar ou ver-se ao espelho (Brazelton & Cramer, 1989, cit. por Gomez, 2005). Carlos relata: “É um bebé lindo, pronto... acho que sai muito a mim, muito ao pai, muito refilão... gosta de muita atenção já... o que é que eu posso dizer mais... É comilão, é como o pai... acho que tem muito a ver comigo.” A identificação com a companheira poderá indiciar um desejo de prolongamento de uma relação idealizada: “É... talvez assim como a mãe, talvez um pouco stressada como a mãe, não stressada no sentido de stresse mas... assim muito... activa, a mãe dela é muito activa.” (Paulo). Três dos pais abordam o grande comprimento dos membros superiores dos filhos como um factor positivo de desenvolvimento. Apenas dois pais mencionam características psicológicas e/ou de personalidade para descrever o seu bebé. Nestes dois últimos casos é dado maior ênfase ao que o bebé não gosta e não pode fazer. Nuno refere: “Não gosta que lhe toquem. Não gosta muito... Agora já está a melhorar mas não gosta que o acordem, que lhe mexam... que lhe troquem as fraldas. Também porque está num estado e não está muito bem... não está a 100% e ainda está com alguma dificuldade em respirar.” Desta forma, é efectivada a diferenciação entre o bebé idealizado e o bebé real. No entanto, e de acordo com a investigação de Coutinho e Morsch (2006), os pais de bebés pré-termo demonstram-

se disponíveis afectivamente para os seus bebés, sensíveis ao olhar dos filhos, e capazes de reconhecer as suas necessidades físicas e afectivas.

Todos os pais entrevistados salientaram que a motivação para interagirem e se envolverem com os respectivos bebés foi a vontade e o desejo de estarem presente e participarem diariamente na vida e no desenvolvimento dos filhos: “A motivação é torná-lo o mais feliz possível e... dar-lhe aquilo que podemos... segui-lo, apoiá-lo, ser muito amigo dele e estar lá quando é preciso. Estar sempre presente.” (Nuno); “A minha motivação é dar... o melhor para ele, quanto mais eu participar mais ele vai sentir-se apoiado...” (Paulo). De acordo com Lindberg et al. (2008), os pais estão, actualmente, mais próximos dos filhos, revelando-se interessados e fortemente activos na educação e na interacção com os mesmos. Dois dos pais entrevistados abordaram também a sua própria maneira de ser/personalidade como responsável pela motivação apresentada. Nuno refere: “Eu acho que sou assim... É difícil de explicar... Tem a ver um bocado com a minha maneira de ser, eu envolvo-me em tudo muito a sério.” Para Moura-Ramos et al. (2005), as características da personalidade influenciam o envolvimento paterno e os factores contextuais parecem facilitar ou inibir esse mesmo envolvimento.

Os restantes três pais apresentaram também razões complementares, distintas entre si para justificar a sua motivação: diferenciação em relação ao modelo perpetuado pelo seu próprio pai, ausente; bebé como fruto do amor de uma relação amorosa, extremamente idealizada; e por fim, como forma de ajudar a companheira. O envolvimento paterno parece, deste modo, ser influenciado por um sistema de múltiplas razões e interacções (Tamis-Lemonda & Cabrera et al., 1999).

Todos os pais entrevistados referem que o envolvimento emocional paterno precoce é muito importante para o desenvolvimento do bebé: “Muito importante. Eu acho que a criança precisa muito de carinho e afecto. Logo nos primeiros dias de vida melhor ainda. Vai dar mais confiança... só vai trazer o benefício da criança...” (João); “É muito importante porque depois o bebé vai também sentir o afecto do pai... daí também é muito importante ele sentir isso...” (Pedro). Um dos pais enfatizou a importância do estabelecimento desta relação também para o seu próprio desenvolvimento enquanto pai: “Eu acho que é muito importante para o desenvolvimento do filho e para o desenvolvimento do pai como pai.” (Nuno). De acordo com Falceto et al. (2008), o envolvimento paterno precoce passou também a ser desejado pelo pai quando este descobriu o prazer de partilhar a intimidade de seus filhos na realização de actividades/tarefas, tais como a prestação de cuidados.

Todos os pais entrevistados relataram que as suas companheiras valorizam também o envolvimento emocional paterno precoce, classificando-o como muito importante: “Ela julga que é preciso, fundamental, ela pensa da mesma forma do que eu.” (Paulo); “A gente divide tudo. Acha que envolvimento do pai é muito importante também.” (Pedro). De acordo com

Lamb (1992), as atitudes das mulheres face ao envolvimento paterno têm mudado muito nos últimos anos. Camus (2000) salienta que a mãe pode facilitar ou dificultar o envolvimento do pai com a criança. O apoio proveniente da família, especialmente da companheira e da vontade que esta demonstra em relação ao envolvimento do homem parece ser, desta forma, fundamental no que diz respeito ao envolvimento paterno precoce.

#### 5- Reflexão Final

Quatro dos cinco pais entrevistados aproveitaram este espaço para fazer uma retrospectiva do internamento do bebé, das difíceis situações por que passaram e dos vários sentimentos experienciados. Nuno confessa: “Esta é uma situação que é nova. O facto de ele estar aqui internado... Aaaa... Nunca pensei... Ninguém pensa.”

Ficou também patente o medo/receio de que algo pudesse ainda acontecer aos bebés, não só durante os respectivos períodos de internamento, mas também após a alta hospitalar. A este respeito Carlos afirma: “Não há nada que nos indique que possa vir a andar para trás, prontos há aqui situações de bebés que um dia estão bem, no outro dia não estão bem.” Por outro lado, foi igualmente evidente o forte desejo de recuperação e alta hospitalar dos bebés: “Eu... o facto de ela estar aqui é... é preciso pelo facto de ela ter nascido prematura, mas ela está bem... e logo logo vai estar connosco em casa e isso é que é importante.” (Paulo). Apesar do parto pré-termo representar um momento de crise familiar (Pedrosa et al., 2005), responsável pelo despontar de sentimentos negativos relativamente à situação do bebé (Campos, 2000), caracteriza-se também como uma plataforma de sonhos e desejos para o futuro. Desta forma, é possível deduzir que apesar das dificuldades registadas inerentes ao período de internamento, todos os pais entrevistados se revelaram confiantes e optimistas em relação ao destino das suas crianças. A inclusão dos respectivos bebés no agregado familiar efectuada pela totalidade dos homens abordados, poderá também ser reflexo desse mesmo optimismo.

O restante indivíduo entrevistado optou por focar o seu discurso na elaboração do seu papel enquanto pai, não abordando a situação de internamento: “Faço porque quero fazer e porque me dá satisfação. É sempre o nosso filho que estamos a criar e a cuidar, não é como um estranho, quanto mais próximos estivermos melhor para ele, mais saudável ele cresce, menos, menos problemas de cabeça ele tem.” (Pedro). De acordo com Bornholdt et al. (2007), verifica-se actualmente nos homens uma carência de serem ouvidos expressa, tanto pela necessidade de falarem sobre o que os preocupa, como também pela disposição em participar em pesquisas relacionadas com a temática do envolvimento paterno.

## Discussão dos Resultados

Apesar de ser considerado um acontecimento normativo, o nascimento de um filho implica mudanças e reorganizações importantes, com desmedido impacto na vida pessoal e familiar dos indivíduos intervenientes (Canavarro & Pedrosa, 2005). Deste modo, seja qual for o resultado de uma gravidez, na vida da mulher, do homem e conseqüentemente do casal, nada volta a ser como antes.

O parto pré-termo representa uma transição particular, e muito peculiar, para uma nova situação de parentalidade. Consiste num momento de crise familiar, com elevados riscos ao nível da perturbação da adaptação parental (Pedrosa et al., 2005) e, naturalmente, ao nível da capacidade de envolvimento dos pais com o bebé prematuro (Fegran et al., 2008).

Neste trabalho de investigação sobre o envolvimento parental, elegemos como principal objecto de estudo o homem, frequentemente denominado de *progenitor esquecido* (Ross, 1979) na literatura. Abordámos, desta forma, a estruturação e o desenvolvimento do seu envolvimento enquanto pai de uma criança diferente da idealizada, prematura, com carências físicas e emocionais específicas e conseqüente necessidade de internamento numa unidade de cuidados especializados.

Através da análise das respostas dadas pelos pais entrevistados, foi possível organizarmos a discussão dos resultados em torno de dois eixos principais: os quatro factores que, de acordo com Lamb (1992), parecem condicionar o envolvimento do pai com os filhos; e os três aspectos de avaliação do envolvimento paterno enunciados por Lamb et al. (1985). A exploração de outras temáticas, enunciadas anteriormente na apresentação dos resultados, será também alvo de uma concludente reflexão. No presente capítulo será não só abordada a investigação das tendências da amostra, como será também realizada a análise individual, de cada um dos casos, sempre que se justifique.

A partir da decomposição das entrevistas realizadas foi possível aferir que existia desde cedo, nos pais abordados, um forte desejo de parentalidade, embora este nem sempre estivesse associado ao planeamento da gravidez. Revela-se, no entanto, fundamental salientar que as reacções de felicidade e contentamento face à perspectiva de paternidade apresentada parecem ter conduzido o homem para o envolvimento precoce com o seu bebé. De acordo com Figueiredo (2005), o envolvimento afectivo dos pais com o filho é construído a partir da gravidez. Apesar da existência de um forte desejo de paternidade parece também ter-se verificado alguma incapacidade de imaginação do bebé por parte de dois dos pais entrevistados. Este processo criativo parece ter sido dificultado pelas contrariedades que alguns homens experienciaram no envolvimento com o bebé durante a gravidez (Piccinni et al., 2004). Nos restantes pais abordados parece ter-se verificado a

idealização de um filho quase perfeito, sem qualquer tipo de dificuldade e/ou problema de saúde. Apesar das dificuldades inerentes ao envolvimento do pai com o filho durante a gravidez, no imaginário do casal são sempre projectadas relações, sonhos e idealizações relativamente ao bebé (Neder & Quayle, 1996).

Por outro lado, a perspectiva de paternidade parece também ter despontado sentimentos de dúvida e receio nos homens entrevistados. A transição para a parentalidade parece constituir-se, desta forma, como um período ambivalente pautado pela emergência de sentimentos/emoções contraditórias. De acordo com Gomez (2005), a transição para a parentalidade é um processo desenvolvimental e multifacetado que pressupõe a existência de dificuldades e antagonismos.

Segundo Bouchard et al. (2007), o envolvimento paternal é determinado por diferentes razões. Deste modo, a análise dos quatro factores que parecem condicionar o envolvimento do pai com os filhos, enunciados por Lamb (1992), torna-se imperativa de forma a compreender o seu impacto ao nível de uma situação específica de internamento por prematuridade.

O primeiro factor é a **Motivação** e representa até que ponto o pai quer estar envolvido com o filho. Através da decomposição das respostas dos homens abordados foi possível verificar que existe motivação para a interacção e para o envolvimento, embora esta não seja homogénea. Existem, deste modo, diferentes razões pelas quais os pais se dizem motivados para se envolverem. Apesar das diferenças registadas, sobressai a necessidade de estar presente de forma incondicional e contribuir, desta forma, para o rápido desenvolvimento do bebé.

As **Competências** e a **autoconfiança** foram o segundo factor enumerado por Lamb (1992). De acordo com o autor, a questão chave é o desenvolvimento da confiança, visto que as competências são adquiridas através da experiência de contacto com os filhos. Apesar do registo de algumas inseguranças e sentimentos de impotência que poderão ser atribuídos à particular condição dos bebés, todos os pais entrevistados se demonstraram confiantes e interessados na interacção e no envolvimento com os respectivos filhos. Apesar da confiança demonstrada, um dos pais salienta a necessidade de um maior treino e aprendizagem, em contexto real: “Sinto-me um bocado nervoso... por saber que não estou ainda preparado. Ser pai não é só ter o filho nas mãos... Sinto que ainda tenho de aprender muitas coisas” (Nuno). De acordo com Monteiro et al. (2008), nenhum dos pais está instintivamente predisposto a cuidar melhor dos filhos e ambos os progenitores parecem adquirir as competências e capacidade para o fazer no dia-a-dia. No entanto, segundo um estudo comparativo entre homens pais de bebés de termo e homens pais de bebés

prematturos publicado por Lindberg et al. (2008), o internamento numa unidade de cuidados neonatais possibilita aos pais de bebês pré-termo mais oportunidades para conhecer profundamente os seus filhos. Deste modo, foi possível a estes homens perceber os comportamentos dos seus filhos e ajustar a sua intervenção e interacção de acordo com o que tinham observado. Para os autores, esta investigação demonstra igualmente a importância do tempo no contacto e na interacção próxima entre o pai e os seus filhos. Apesar das adversidades e dificuldades de um internamento precoce, a situação de hospitalização parece oferecer ao homem possibilidades de contacto e envolvimento com o filho, visto que de acordo com Fegran et al. (2008), o pai é, na maior parte das vezes, o primeiro a acompanhar e cuidar do bebê na unidade de cuidados neonatais.

O terceiro factor é o **Apoio** proveniente da família, especialmente da companheira e da vontade que esta demonstra em relação ao envolvimento do homem. De acordo com Camus (2000), a mãe pode facilitar ou dificultar o envolvimento do pai com a criança. Através das entrevistas aos pais foi possível aferir a opinião das suas companheiras relativamente ao envolvimento paterno precoce. Todos os pais abordados salientaram a existência de uma relação conjugal de apoio e incentivo à participação paterna. Em dois dos pais abordados foi também possível assistir a atitudes de incentivo à participação no presente estudo por parte das respectivas companheiras. A totalidade dos pais entrevistados descreveu a sua relação conjugal de uma forma extremamente positiva e idealizada. A situação de crise, determinada pelo nascimento prematuro e consequente internamento do recém-nascido parece também, em dois dos pais entrevistados, ter oferecido possibilidades de crescimento e mudança, constituindo-se como um elemento agregador do casal. Na opinião de Silva e Piccinni (2007), o bom relacionamento do casal pode também facilitar o envolvimento paterno e determinar que o pai esteja psicologicamente presente para os seus filhos, através do discurso materno. Por outro lado, verificou-se nos homens abordados algum distanciamento relativamente à restante família não nuclear, visto que apenas um dos cinco pais entrevistados salientou a importância do apoio familiar. Este facto poderá ser explicado pela existência de uma relação conjugal extremamente idealizada que não permite, mesmo numa altura difícil, a intrusão de qualquer outra pessoa. De acordo com Coutinho e Morsch (2006), a família pode ter um importante papel de suporte em caso de internamento. É, contudo, necessário que exista no seio da relação conjugal um desejo de participação e/ou um pedido de ajuda. Outro factor relevante e impeditivo de maior suporte familiar foi o distanciamento geográfico nomeado por dois dos pais entrevistados. O isolamento familiar e social caracteriza-se também como uma dificuldade à criação de uma matriz de apoio, fundamental no apoio e no suporte às necessidades específicas dos pais após o nascimento do bebê prematuro (Coutinho & Morsch, 2006).

O último factor corresponde às **Práticas institucionais** e representa as barreiras e os entraves institucionais ao exercício do papel do pai *versus* flexibilidade e compreensão por parte das mesmas instituições. Para Lamb (1992), as barreiras institucionais são as mais difíceis de contornar. Como já vimos anteriormente, o pai é, na maior parte das vezes, o primeiro a acompanhar e cuidar do bebé na unidade de cuidados neonatais. De acordo com Fegran et al. (2008), os pais são, nestas unidades, estimulados a contactarem e a envolverem-se com o bebé desde o seu nascimento. É, deste modo, encorajado não apenas o contacto visual e/ou vocal, como também o contacto corporal, pele com pele. A partir das entrevistas efectuadas foi possível verificar que todos os pais abordados destacaram o apoio proporcionado pela equipa médica da unidade de cuidados neonatais: “A ajuda aqui do pessoal tem sido espectacular ao nível dos enfermeiros, dos médicos... toda a gente tem sido muito, dá-nos apoio, falam-nos... nem que seja para nos dirigirem uma palavra amiga.” (Carlos). Parece existir no seio deste tipo de unidades um cuidado especial com a figura do pai, incentivando-o a participar e a envolver-se com o bebé. A presença do pai nos primeiros dias *versus* a ausência forçada da mãe parece acelerar este processo de incentivo e permitir que seja prestada uma atenção quase exclusiva à figura paterna.

De acordo com Lamb (1992), devem existir condições favoráveis em cada um destes níveis para que o envolvimento paterno seja possível e benéfico. Com base na análise dos quatro factores condicionantes do envolvimento de um pai com o filho realizada anteriormente, parecem estar reunidas as condições necessárias para que os homens entrevistados possam estabelecer uma relação de proximidade e envolvimento com seus bebés pré-termo. Parece existir igualmente uma divisão da responsabilidade no que diz respeito ao envolvimento paterno, sendo que dois dos factores abordados são inerentes e da responsabilidade do pai (Motivação e Autoconfiança), enquanto que os outros dois aspectos são extrínsecos à vontade e à capacidade do homem (Apoio e Práticas Institucionais). Apesar de todos os níveis serem igualmente importantes e interdependentes, é necessário destacar a motivação do homem em participar e se envolver. Este factor parece, deste modo, destacar-se como o ponto de partida para o estabelecimento de uma relação efectiva e afectiva entre pai e filho.

Procederemos, de seguida, à avaliação do envolvimento paterno. De acordo com Lamb et al. (1985), existem três aspectos que possibilitam a realização desta avaliação:

O primeiro aspecto é a **Interacção** e representa o contacto directo do pai com o filho. Todos os pais abordados parecem valorizar a importância do envolvimento paterno, principalmente a partir dos primeiros dias após o nascimento do bebé. Porém, para Silva e

Piccinni (2007), existe um conflito entre a paternidade ideal e a paternidade real, registando-se uma relevante lacuna entre o que os pais pensam relativamente ao seu papel e envolvimento, e o que efectivamente fazem com os seus filhos. No entanto, de acordo com a amostra recolhida, verifica-se que existe não só um desejo de contacto e proximidade com o recém-nascido, como também um efectivo envolvimento com a criança prematura. Para alguns dos pais entrevistados, este envolvimento parece ser mais fácil, coadjuvado pela condição inicial do bebé, bem como pelo próprio progresso da situação de internamento: “Faço aquilo que me deixam e o que não me deixam como se costuma dizer, não é, tento fazer sempre tudo o que eu posso.” (Carlos). Para outros, este processo revela-se mais difícil e moroso, denotando marcantes dificuldades do homem em contactar/interagir com uma criança diferente a nível visual, fragilizada pelo seu abrupto nascimento: “Ele é muito frágil, muito pequenininho, parecia um mosquitinho ali dentro, só tinha olho e mão... Agora já pego nele, já me sinto... mais à vontade” (João). Embora estes dois homens tenham sido pais de um bebé grande prematuro, encontram-se em fases completamente distintas do processo de internamento. Este facto, por si só, poderá ajudar a contextualizar e a justificar as diferenças encontradas. Segundo Pedrosa et al. (2005), as condições médicas iniciais do bebé podem ter efeitos no processo de adaptação parental, embora não influenciem o stress percebido e a reactividade emocional experienciada pelos pais.

O segundo aspecto de avaliação do envolvimento paterno é a **Acessibilidade**, e representa a disponibilidade física e psicológica do pai para a criança. Todos os homens entrevistados abordaram a felicidade como o sentimento predominante, tanto ao longo do processo gravídico, como também após o nascimento e primeiras interacções/contactos com o bebé. De acordo com a investigação de Pedrosa et al. (2005) sobre a prematuridade e a adaptação parental, o nascimento prematuro tem um impacto distinto sobre os progenitores. Verifica-se, deste modo, uma melhor adaptação à transição para a parentalidade no caso do homem, visto que este manifesta um maior grau de emoções positivas e um menor grau de emoções negativas. Assim, o homem parece estar, à partida, mais predisposto e preparado para a relação, demonstrando mais facilidade em interagir e se envolver com o bebé prematuro.

A partir das entrevistas efectuadas foi também possível verificar o contraste existente entre os sentimentos e as reacções iniciais dos pais após o nascimento e primeiros contactos/interacções com o bebé: “Com um nó no estômago. Aaaa... Apetecia-me chorar mas não chorei uma lágrima.” e as emoções actuais: “Bem... Estou desejoso que ele saia daqui, que ele recupere tudo e pronto... partir para outra fase. Largar o hospital e... começar, a sério.” (Nuno). Parece existir, deste modo, um efeito adaptativo a nível paternal, consequência do tempo passado com o bebé, que parece ter um impacto fundamental na motivação e de no desejo de envolvimento do homem com a criança prematura. Tal como

referem Fegran et al. (2008), o contacto próximo com os bebés parece ter um impacto positivo na forma como os pais se sentem relativamente à sua contribuição e influência, sendo que também atenua as preocupações relativas à situação e ao bem-estar do bebé. No entanto, e apesar das dificuldades apresentadas relativamente à condição inicial do bebé, os pais parecem estar, de imediato, disponíveis para a relação com o filho após o seu nascimento.

Com base nos testemunhos dos indivíduos abordados foi possível constatar que o conhecimento das características e dos comportamentos do bebé prematuro se limitam frequentemente a meras descrições físicas/corporais dos mesmos. O enfoque neste tipo de características parece advir da preocupação/inquietação dos pais relativamente à circunstância de cada criança. A apreensão referente à condição médica, como também o contacto com o bebé descrito por alguns dos pais entrevistados como insuficiente e restrito parecem, deste modo, influenciar o nível e o tipo de informações que os homens dispõem a respeito dos filhos. Ficou também patente a necessidade de um contacto e envolvimento mais próximos, não condicionado pelos aspectos médicos e instrumentais inerentes a uma unidade de cuidados neonatais. O condicionamento da interacção com os respectivos bebés originou identicamente relatos de sentimentos de impotência em alguns dos pais entrevistados. O despontar destes sentimentos parece ter sido determinado pela impossibilidade de uma participação activa, mais participativa, na recuperação das crianças. Os pais abordados parecem, deste modo, demonstrar-se acessíveis para os seus bebés, demonstrando porém dificuldades em lidar com o condicionamento da sua participação.

Por fim, o último aspecto implicado na avaliação do envolvimento paterno é a **Responsabilidade**. A Responsabilidade descreve o papel adoptado pelo pai na presença do filho. A partir das entrevistas efectuadas foi possível constatar que, tanto a nível da vontade/desejo de envolvimento, como também ao nível do envolvimento real/factual, este parece ser multidimensional. Estes resultados contrapõem várias investigações em que foi destacado o facto de os pais se mostrarem mais envolvidos em interacções sociais do que em outro tipo de actividades (Falceto et al., 2008). No entanto, a partir das suas investigações, Silva e Piccinni (2007) concluíram também que a interacção e o envolvimento dos pais estudados com os seus filhos é variada e não restrita a apenas um tipo de actividade. Os pais abordados parecem, deste modo, assumir a responsabilidade pelos seus filhos na unidade de cuidados neonatais, desenvolvendo com eles distintos tipos de actividades. O papel do homem alterna, desta forma, entre múltiplas funções tais como: prestador de cuidados, parceiro de brincadeira, companheiro a nível físico e emocional, entre outras.

Com base na amostra recolhida podemos concluir que a avaliação do envolvimento paterno pode ser classificada de forma positiva, na presente investigação. Apesar da

heterogeneidade dos cinco pais participantes, verificou-se também uma constante e intensa vontade dos homens em interagirem e se envolverem com o bebé prematuro. Todos os indivíduos abordados demonstraram-se ainda acessíveis e responsáveis pelas suas crianças. Apesar da homogeneidade ao nível das intenções e comportamentos dos pais abordados, torna-se equitativamente necessário enquadrar a especificidade do envolvimento paterno abordado. Se, por um lado, a situação de internamento consiste num momento de crise familiar com elevados riscos ao nível da perturbação da adaptação parental (Pedrosa et al., 2005) e, naturalmente, ao nível da capacidade de envolvimento dos pais com o bebé prematuro (Fegran et al., 2008), por outro, esta situação particular parece também oferecer ao pai condições específicas, potenciadoras do desenvolvimento da sua relação com a criança (Lindberg et al., 2008). Verifica-se, por conseguinte, a existência de um espaço comum e igualitário para o contacto e para a interacção dos pais com o recém-nascido, assim como também parece existir, neste tipo de unidades, uma atenção especial à figura paterna por parte da equipa médica. Deste modo, é prestado ao homem um suporte adicional, tanto em termos de apoio e incentivo à participação, como também ao nível de suporte psicológico prestado neste período inicial de transição para a parentalidade.

Antes de terminarmos é identicamente relevante referenciar que apenas um dos pais entrevistados abordou a necessidade de resguardar os seus próprios sentimentos de forma a dar suporte à sua companheira. De acordo com O'Leary e Thorwick (2006, cit. por Bornholdt et al., 2007), muitos homens não se permitem dividir a sua ansiedade e o seu medo durante este período por sentirem necessidade e/ou obrigação de protegerem a sua companheira. No entanto, a quase totalidade dos pais abordados admitiu sonhar frequentemente com o bebé e com a situação de internamento. O sonho parece, desta forma, apresentar-se como uma livre forma de expressão e elaboração onírica do receio, das dúvidas e do sofrimento paternal, não condicionada por aspectos e obrigações de uma vida real. Apesar de este facto ter sido enunciado exclusivamente por um dos pais abordados, verificou-se ao longo das entrevistas efectuadas, necessidades de partilha de sentimentos e elaboração da situação de internamento em todos os homens. Parece existir, deste modo, uma carência dos pais em serem ouvidos, expressa pela necessidade de falar e pela disposição em participar na presente investigação. De acordo com Tracey (2000 cit. por Pedrosa et al., 2005), a intervenção precoce junto da família de bebés prematuros pode ter uma importância fundamental, permitindo a recuperação possível e, conseqüentemente, uma melhor adaptação e aprendizagem em caso de parto pré-termo.

A condição de internamento por prematuridade parece, deste modo, evidenciar-se como uma situação que, embora se apresente difícil e sôfrega, oferece também possibilidades de contacto e de envolvimento do pai com o recém-nascido. Tal como referiu um dos pais

entrevistados, o período de internamento é um momento de pausa, de estabelecimento de uma relação difícil, mas também necessária e fundamental. Apesar do envolvimento precoce ser maioritariamente descrito como limitado e insuficiente, parece igualmente revelar-se como capital no posterior envolvimento do pai com o bebé após a alta hospitalar (Falceto et al., 2008).

### **Limitações do estudo**

O factor mais limitativo da investigação apresentada foi, com toda a certeza, a inclusão de apenas cinco estudos de caso. Deste modo, não nos foi possível fazer uma análise mais extensa e representativa do envolvimento do pai com o bebé prematuro. No entanto, somos da opinião que os casos abordados são bastante ricos e ilustram de forma clara e consistente a emergência de uma nova tendência: a vontade/desejo do homem em estar presente e envolvido com a sua criança, mesmo num delicado contexto de internamento por prematuridade.

Outro factor que pensamos ter sido também uma limitação foi a heterogeneidade da amostra recolhida. Não foi, desta forma, possível estabelecer comparações directas entre os indivíduos entrevistados, visto que todos os homens se encontravam em situações distintas e/ou em diferentes fases do processo de internamento.

Por último, parece-nos igualmente ser relevante apontar o facto de não ter existido possibilidade de complementar a entrevista efectuada aos pais com uma, ou mais, observações directas da interacção e do envolvimento paternos. Apenas desta forma seria exequível averiguar se, tal como dizem Silva e Piccinni (2007), existe uma real lacuna entre o que os pais pensam relativamente ao seu papel e envolvimento e o que efectivamente fazem com os seus filhos.

### **Investigações Futuras**

Na realização do presente trabalho de investigação surgiram múltiplas questões e ideias que poderiam trazer algum tipo de contribuição para o estudo do envolvimento paterno, num contexto de internamento por prematuridade.

Desta forma, pensamos ser pertinente a realização um estudo mais alargado, com um maior número de casos, de forma a possibilitar uma extensa comparação dos resultados obtidos. A utilização de critérios de selecção de participantes mais rigorosos poderá também contribuir para a efectivação de um trabalho de investigação pertinente e objectivo.

A realização de uma investigação com base na entrevista aberta complementada com períodos de observação directa será igualmente essencial no estudo do envolvimento paterno num contexto de internamento por prematuridade.

## Referências Bibliográficas

- Adamson-Macedo, E., & Arttree, J. (1994). TAC-TIC Therapy: The Importance of Systematic Stroking. *British Journal of Midwifery*, **2** (6): 264-269.
- Almeida, A. N., Guerreiro, M. D., Lobo, C., Torres, A., & Wall, K. (1998). Relações Familiares: Mudança e Diversidade. Em: J. M. L. Viegas e A. F. da Costa (orgs.), *Portugal, Que Modernidade?* Oeiras: Celta Editora.
- Almeida, J. F., Torres A., Machado, F. L., & Capucha L. (1995). *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Anton, I. (1998). *A Escolha do Cônjuge: Um entendimento Sistêmico e psicodinâmico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo*. 4ª Edição. Lisboa: Edições 70.
- Bouchard, G., Catherine, M. L., Asgary, V., & Pelletier, L. (2007). Fathers' Motivation for Involvement with Their Children: A Self-Determination Theory Perspective. *Fathering: A Journal of Theory, Research, & Practice about Men as Fathers*, **5** (1): 25-41.
- Bornholdt, E. A., Wagner, A., & Staudt, A. C. (2007). A Vivência da Gravidez do Primeiro Filho à Luz da Perspectiva Paterna. *Psicologia Clínica*, **1**: 75-92.
- Boss, P. (2002). *Family Stress Management – A Contextual Approach*. London: Sage.
- Bowlby, J. (2002). *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brazão, S. Pais, M., & Baptista, M. (1995). A Intervenção do Psicólogo na Consulta de Neonatologia e Desenvolvimento. *Análise Psicológica*, **1-2** (XIII): 131-138.
- Cabrera, N., Tamis-LeMonda, C., Bradley, R., Hofferth, S., & Lamb, M. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development*, **71** (1): 127-136.
- Camus, J. (2000). *O verdadeiro papel do pai*. Porto: Ambar.

- Camus, J., & Frascarolo, F. (2003). Introduction of the Special Issue of Fatherhood. *European Journal of Psychology of Education*, **XVIII** (2): 95-99.
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de Sintomas Psicopatológicos – BSI. In M. R. Simões, M. Gonçalves, L. S. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (II vol.), pp. 95-109. Braga: APPORT/SHO.
- Canavarro, M. C., & Pedrosa, A. A. (2005). Transição para a Parentalidade. Compreensão Segundo Diferentes Perspectivas Teóricas. In: I. Leal (ed.), *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Lisboa: Fim de século.
- Case-Smith, J., Butcher, L., & Reed, D. (1998). Parent's Report of Sensory Responsiveness and Temperament in Preterm Infants. *American Journal of Occupation Therapy*, **52** (7): 547-555.
- Coutinho, H., & Morsch, D. (2006). A Paternidade em Cuidados Intensivos Neonatais. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, **9** (1): 55-69.
- Cowan, C. & Cowan, P. (1995). Interventions to Ease the Transition to Parenthood: Why They are Needed and What They Can Do. *Family Relations*, **44**: 412-423.
- Diehl, A. (2002). O Homem e a Nova Mulher: Novos Padrões Sexuais de Conjugalidade. In: A. Wagner (ed.). *Família em Cena: Tramas, Dramas e Transformações*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Estêvão, A. H. (1995). Fantasias Paternas no Último Trimestre da Gravidez. *Análise Psicológica*, **1-2** (XIII): 195-202.
- Falceto, O. G., Fernandes, C. I., Baratojo, C., & Giugliani, E. J. (2008). Factores Associados ao Envolvimento do Pai nos Cuidados ao Lactente. *Revista de Saúde Pública*, **42** (6): 1034-1040.
- Faria, C. (1995). Aspectos Psicológicos da Inseminação com Esperma de Dador ou “Será que tem os Olhos do Pai?”. *Análise Psicológica*, **1-2** (XIII): 111-115.

- Fegran, L., Helseth, S., & Fagermoen, M. S. (2008). A Comparison of Mothers and Fathers Experiences of the Attachment Process in a Neonatal Intensive Care Unit. *Journal of Clinical Nursing*, **17** (6): 810-816.
- Figueiredo, B., Marques, A., Costa, R. A., Pacheco, A. P., & Pais, A (2005). Bonding: escala para avaliar o desenvolvimento emocional dos pais com o bebé. *Psychologica*, **40**: 133-154.
- Figueiredo, B. (2005). 'Bonding' pais-bebé. In I. Leal (Ed). *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp. 287-314). Lisboa: Fim de Século.
- Ford, J., Nalbone, D. P., Wetchler, J. L., Sutton, & Philip M. (2008). Fatherhood: How differentiation and identity status affect attachment to children. *American Journal of Family Therapy*, **36** (4): 284-299.
- Freeman, H., & Newland, L. A. (2008). Father Beliefs as a Mediator Between Contextual Barriers and Father Involvement. *Early Child Development and Care*, **178** (7-8): 803-819.
- Gomez, R. (2005). O Pai. Paternidade em Transição. Em: I. Leal (ed.), *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Lisboa: Fim de século.
- Gouveia, R. Baptista, M., Lopes, M., Lopes, A. I., Barreto, C., Lacerda, N., Torgal-Garcia, F., & Gomes Pedro, J. (1991). Cuidados do Pai Português nos Cuidados ao seu Filho no Primeiro Ano de Vida. *Revista Portuguesa de Pediatria*, **22**: 246-249.
- Griswold, R. L. (1993). *Fatherhood in America*. New York: Basic Books.
- Halme, N., Astedt-Kurki, P., & Tarkka, M. (2009). Father's Involvement with their Preschool-Age Children: How Fathers Spend Time with their Children in Different Family Structures. *Child & Youth Care Forum*, **38** (3): 103-119.
- Hofferth, S. (1996). Child Care in the United States Today. *The Future of Children: Financing Child Care*, **6** (2): 41-61.
- Jones, E (1999). *Terapia dos Sistemas familiares. Desenvolvimentos nas Terapias Sistémicas da Escola de Milão*. Colecção Sistemas, Famílias e Terapias 3. Lisboa: Climepsi Editores.

- Jotzo, M., & Poets, C. F. (2005). Helping Parents Cope With the Trauma of Premature Birth: Na Evaluation of a Trauma-Preventive Psychological Intervention. *Pediatrics*, **115**: 915-919.
- Justo, J. M. (1994). *A Evolução da Ansiedade e dos Mecanismos de Defesa ao Longo da Gravidez*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia Clínica. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Justo, J. M. (1997). Os bebés prematuros, as mães deles e os psicólogos de quem eles precisam. *Psicologia: teoria, investigação e prática*. **2**: 307-322.
- Lamb, M., Pleck, J. H., & Charnov, E., L. (1985). Paternal Behavior in Humans. *American Zoologist*, **25** (3): 883-894.
- Lamb, M. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica*. **1** (10): 19-34.
- Lamb, M., & Tamis-LeMonda, C. (2004). The role of the father: an introduction. Em: M. Lamb (ed.), *The Role of the Father in Child Development*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Leal, I. (2000). *Entrevista clínica e psicoterapia de apoio*. 2ª Edição. Lisboa: ISPA.
- Lebovici, S. (1987). *O Bebê, o Psicanalista e a Mãe*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Levy-Shiff, R., & Israelashvili, R. (1988). Antecedents of fathering: Some further exploration. *Developmental Psychology*, **24**: 434-440.
- Lindberg, B., Axelsson, K., & Ohrling, K. (2008). Adjusting to being a father to an infant born prematurely: experiences from Swedish fathers. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*. **22**: 79-85.
- MacBride, B. A., Dyer, W. J., Liu, Y., Brown, G. L., & Hong, S. (2009). The Differential Impact of Early Father and Mother Involvement on Later Student Achievement. *Journal of Educational Psychology*, **101** (2): 498-508.
- Maldonado, M. T., Dickstein, J., & Nahoum, J. C. (1997). *Nós Estamos Grávidos* (10 edição). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Matos, A. (2003). *Mais amor, menos doença: A psicossomática revisitada*. 1ª Edição. Lisboa: Climepsi.
- Mendes, R. (2004). À Procura de Novos Pais: Representações e Atitudes Perante a Paternidade. *Actas dos Ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia – Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção (Ateliers: Família)*. Braga 12-15 de Maio de 2004. pp. 124-129.
- Mendes, R. (2007). *A Parentalidade Experimentada no Masculino: As vivências da Paternidade*. Acedido em 5, 5, 2008, em <http://www.cies.iscte.pt/documents/CIES-WP22.pdf>.
- Moehn, D. G., & Rossetti, L. (1996). The Effects of Neonatal Intensive Care on Parental Emotions and Attachment. *Infant Todler Intervencion. The Transdisciplinary Journal*, **6**: 229-246.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A., & Vaughn, B. (2008). Envolvimento Paterno e Organização dos Comportamentos de Base Segura das Crianças em Famílias Portuguesas. *Análise Psicológica*, **3** (XXVI): 395-409.
- Moura-Ramos, M., Araujo, A., Oliveira, C., & Monteiro, S. (2005). A Adaptação Paterna na Transição para a Parentalidade. In *Actas de las comunicaciones y pósters presentados en el II Congreso Hispano-Portugués de Psicología*. Acedido em 5, 4, 2009, em [http://www.fedap.es/IberPsicologia/iberpsi10/congreso\\_lisboa/moura/moura.htm](http://www.fedap.es/IberPsicologia/iberpsi10/congreso_lisboa/moura/moura.htm)
- Neder, M., & Quayle, J. R (1996). O Luto pelo Filho Idealizado: o Atendimento Psicológico de Casais ante o Diagnóstico de Malformação Fetal Incompatível com a Vida. In: T., Féres-Carneiro. (eds.), *Relação Amorosa, Casamento, Separação e Terapia de Casal*. 1ª Edição. São Paulo: ANPEPP.
- Nkwake, A. (2009). Maternal Employment and Fatherhood: What Influences Paternal Involvement in Child-Care Work in Uganda? *Gender & Development*, **17** (2): 255-267.
- Owen, M. T., Easterbrooks, M. A., Chase-Lansdale, L., & Goldberg, W. A. (1984). The relationship maternal employment status and the stability of attachments to mother and to father. *Child Development*. **55**: 1894-1901.

- Paul, M. C. (1992). Factores de Risco Associados ao Nascimento Prematuro. *Psicologia*, VIII, 3, 393 – 402.
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Pedrosa, A. A., Matos, D., Canavarro, M. C., Oliveira, C. M., Moura-Ramos, M. M., & Monteiro, S. O. (2005). Prematuridade e transição para a parentalidade: comparação da percepção de stress e impacto emocional em mães e pais de bebés prematuros. In Actas de las comunicaciones y pósters presentados en el II Congreso Hispano-Portugués de Psicología. Acedido em 5, 4, 2009, em [http://www.fedap.es/lberPsicologia/iberpsi10/congreso\\_lisboa/araujo/araujo.htm](http://www.fedap.es/lberPsicologia/iberpsi10/congreso_lisboa/araujo/araujo.htm).
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2004). O Envolvimento Paterno Durante a Gestação. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 17 (3): 303-314.
- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal Involvement by U.S. Residential Fathers. Levels, Resources and Consequences. In M. E. Lamb (ed.), *The Role of the Father in Child Development* (pp. 222-306). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Premberg, A., Hellstrom, A., & Berg, M. (2007). Experiences of the first year as father. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 22: 56-63.
- Reis, N. (2003). De Feto a Bebê. In: E. Sá (ed.), *Psicologia do Feto e do Bebê*, 15-25. 3ª Edição. Lisboa: Fim de Século.
- Relvas, A. P., & Lourenço, M. C. (2001). Uma Abordagem Familiar da Gravidez e da Maternidade: Perspectiva Sistémica. In M.C. Canavarro (ed.), *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*, 105-132, Coimbra: Quarteto Editora.
- Ross, J. M. (1979). Fathering: A Review of Some Psychoanalytic Contributions on Paternity. *International Journal of Psychoanalysis*, 60: 317-327.
- Sá, E. (1993). *Psicologia dos Pais e do Brincar*. Lisboa: Fim de Século.
- Saraceno, C. (1992). *Sociologia da família*. 1ª Edição. Lisboa: Estampa.

- Saraceno, C., & Naldini, M. (2003). *Sociologia da Família*. 2ª Edição actualizada. Lisboa: Estampa.
- Segalen, M. (1999). *Sociologia da Família*. Edições. Lisboa: Terramar.
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a Paternidade e o Envolvimento paterno: Um Estudo Qualitativo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, **24**: 561-573.
- Talmi, A., & Harmon, R. J. (2004). Relationships between preterm infants and their parents: disruption and development. *Zero to three*, **24**: 13-20.
- Tamis-LeMonda, C. S., & Cabrera, N. (1999). Perspectives on Father Involvement: Research and Policy. *Social Policy Report, Society for Research in Child Development*, **XIII** (2).
- Teixeira, I., & Leal, I. P. (1995). Expectativas e Atitudes de Mães Primíparas com Filhos Prematuros. *Análise Psicológica*, **1-2** (XIII): 191-194.
- Torres, A., & Silva, F. V. (1998). Guarda das Crianças e Divisão do Trabalho entre Homens e Mulheres. *Sociologia – Problemas e Práticas*, **28**: 9-65.
- Torres, A., Silva, F. V., Monteiro, T. L., & Cabrita, M. (2005). *Homens e Mulheres entre Família e Trabalho*. 2ª Edição. Lisboa: CITE – Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Torres, A., Mendes, R., & Lapa, T. (2006). Famílias na Europa. Em: J. Vala e A. Torres (orgs.), *Contextos Sociais e Atitudes na Europa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mães na Família Contemporânea. *Psicologia. Teoria e Pesquisa*, **21** (2): 181-186.
- Wang, R., & Bianchi, S. (2009). Father's Involvement in Childcare. *Social Indicators Research*, **93** (1): 141-145.



# Anexos

a) Materiais



## **Guião de Entrevista**

### Caracterização Social e Demográfica dos Pais

1. Idade
2. Naturalidade
3. Estado civil
4. Constituição do agregado familiar
5. Religião
6. Escolaridade que atingiu
7. Profissão actual

### Caracterização da Gravidez, Parto e Peri-parto

8. Tempo de gestação
9. Paridade
10. Tipo de parto
11. Peri-parto

### Caracterização Social e Demográfica dos Bebés

12. Nome
13. Sexo
14. Peso à nascença
15. Estado neo-natal
16. Índice de Apgar

### Envolvimento Emocional

17. Como descreveria a sua relação com a sua companheira/mãe do seu bebé? Fale-me um pouco sobre isso. Como é a sua relação com o restante agregado familiar e/ou família?
18. Em que contexto surgiu este bebé? Gravidez planeada? Gravidez desejada?
19. Como se sentiu face à gravidez? Qual foi a sua reacção?
20. Como se sentiu face à perspectiva de vir a ser pai?
21. Como imaginou o seu bebé?

22. Como se sentiu quando o seu filho(a) nasceu?
23. Como se sentiu quando viu o seu filho(a) pela primeira vez?
24. Como se sente actualmente?
25. Quantas visitas já fez ao seu bebé?
26. Costuma sonhar com o seu bebé? Teve algum sonho durante a gravidez? Teve algum sonho desde que o seu bebé nasceu?
27. Fale-me do seu filho(a). Características, particularidades, etc.
28. Tem vontade de interagir e de se envolver com o seu filho(a)? De que forma?
29. Interage com o seu filho(a)? De que forma? Descreva-me o que faz num típico dia de visita ao seu bebé.
30. Como se sente enquanto pai? Qual a sua motivação para interagir e se envolver com o seu filho(a)? Por que razão acha que se envolve? Por que razão acha que não se envolve?
31. Como se caracteriza enquanto pai?
32. Qual a sua opinião sobre o envolvimento emocional paterno precoce?
33. Qual a opinião da sua companheira sobre o envolvimento emocional paterno precoce?

## Entrevistas

1ª Entrevista

20.02.2009

### Caracterização Social e Demográfica do Pai:

**Nome:** Nuno.

**Idade:** 29 anos.

**Naturalidade:** Lisboa.

**Estado civil:** Solteiro.

**Constituição do agregado familiar:** Nuno, companheira e o Diogo.

**Religião:** Católico. Não praticante.

**Escolaridade:** Frequência do último ano do curso de Arquitectura.

**Profissão actual:** Comercial

### Caracterização da Gravidez, Parto e Peri-Parto:

**Tempo de gestação:** 34 Semanas e 5 dias.

**Paridade:** Primeiro filho.

**Tipo de parto:** Parto eutócito com epidural.

**Peri-Parto:** Não existiram complicações.

### Caracterização Social e Demográfica do Bebê:

**Nome do bebê:** Diogo.

**Data de nascimento:** 14 de Fevereiro de 2009.

**Sexo:** Masculino.

**Peso à nascença:** 3,85kg.

**Estado neo-natal:** Internado por prematuridade. Teve uma infecção tratada com antibióticos.

**Índice de Apgar:** 8/9.

### Envolvimento Emocional:

**Como descreveria a sua relação com a sua companheira?**

Muito boa. Tranquila e... saudável.

**Fale-me um pouco mais sobre isso.**

Olhe, posso-lhe dizer que o bebé nasceu no dia em que fazíamos 13 anos de namoro e, por isso, só aí já quer dizer bastante coisa... Altos e baixos todos temos, claro, mas somos muito amigos e é isso que nos faz seguir em frente. Discussões temos algumas, é normal... Faz parte... Mas essencialmente, notamos do convívio com os amigos que há questões que vemos nos outros casais que a gente não liga absolutamente nada. Não nos causam qualquer tipo de incómodo. E é isso.

**Como é a sua relação com o resto da família, tanto da sua parte, como da parte da sua companheira?**

Ah! ... Muito boa... Um pouco mais... Se calhar um bocado mais distante da parte dela. Mais distante no sentido em que não nos vemos tantas vezes. Só isso...

**Em que contexto surgiu este bebé?**

Olhe... Ele surgiu... Não foi planeado mas foi muito desejado. Já há algum tempo que falávamos de ter um filho e eu tentava empurrar um bocadinho mais para a frente para ver se acabava o curso. Mas... não foi planeado, mas foi uma notícia fantástica...

**Como se sentiu face à gravidez?**

Normal. Não... Face à gravidez há situações que a manteve... Quando soube senti-me feliz, muito feliz.

**Qual foi a sua primeira reacção?**

Dei-lhe um abraço, dei-lhe um beijo e pronto... E daí para a frente foi recuperar, seguir tudo o que é normal. Ir ao médico, ver como as coisas se acompanham, ir às ecografias... essas coisas... E estar presente... o mais possível.

**Era importante para si estar presente neste período?**

Era... Era. Sim. Para a mãe e para o filho que já está estava na barriga e já sentia qualquer coisa.

**Como se sentiu face à perspectiva de vir a ser pai?**

Ainda tou... Ainda estou a cair um bocado na realidade porque enquanto a gravidez foi evoluindo... nós vamos sentindo que vamos ser pais mas só somos pais quando ele...já está nas nossas mãos. Aaaa... Se calhar um bocado nervoso... por saber que não estou ainda preparado. Ser pai não é só ter o filho nas mãos... Sinto que ainda tenho de aprender

muitas coisas... E não tem a ver com mudar fraldas nem isso! Tem a ver com educar, criar... e com outras situações que hão-de surgir.

### **Como imaginou o seu bebé?**

Não imaginei. Não... Ainda ontem tive essa conversa e na altura imaginava que seria... loirinho ou careca e afinal tem muito cabelo preto. Eeee... eu não imaginei. Só tinha a certeza que ele ia ter olhos claros. De resto, não criei uma imagem dele. Sabia que era provável que tivesse essa característica... Poderia ter olhos castanhos mas não seria tão normal.

### **Houve alguma altura em que tivesse tido algum sonho?**

Não... Desse tipo de situações não... Mais agora, mais de acordar nervoso e saber se ele está bem aqui no internamento. Durante o período de gravidez não. Pelo menos que eu me lembre...

### **Como se sentiu quando o seu filho nasceu?**

Muito feliz.

### **Quer-me falar um bocadinho mais sobre essa situação?**

Olhe foi, foi... a hora curta, como dizem. Foi realmente curta, aaa... A dilatação foi feita em 40 minutos... e... quando nasceu foi tentar apanhar aqueles momentos e guardá-los o mais possível. Foi muito rápido. Rapidíssimo... Nasceu, foi posto na incubadora, limpo e... Tivemos ali um total de, se calhar, 6 horas... e pareceram 10 minutos. Então o nascer foi 2 segundos! Foi muito rápido...

### **Como se sentiu quando viu o seu filho pela primeira vez?**

Com um nó no estômago. Aaaa... Apetecia-me chorar mas não chorei uma lágrima. Mas... de nervoso... Tinha vontade de chorar mas como a mãe estava um bocado aflita se calhar aguentei-me ali um bocado e tentei segurar um bocado... Se me desfizesse ali em lágrimas se calhar a mãe também depois... Senti necessidade de dar um suporte à mãe.

### **Acha que resguardou um pouco os seus sentimentos?**

Não foi resguardar... Pois, sim, se calhar foi... Acho que não foi de forma consciente. Apercebi-me... Até porque ele parou de respirar no início, quando nasceu por causa das secreções... e... aí foi um momento um bocado pior. Foi meio minuto mas aí pareceram que foram 20 minutos e aí tive de pensar realmente não ficar... que estava aflito mas não podia transmitir isso. E pronto foi só isso...

**Como se sente actualmente?**

Bem... Estou desejoso que ele saia daqui, que ele recupere tudo e pronto... partir para outra fase. Largar o hospital e... começar, a sério. Aqui estamos em pausa ainda... Vamos fazendo o que é possível, mudamos-lhe a fralda, dar uns mimos, mas estamos em pausa... Aqui estamos sempre com um nó no estômago porque vamos embora de noite e durante a noite não temos informação nenhuma. E... depois é acordar de manhã e vir para cá o mais depressa possível.... Chegar cá e ver que ele está bem, isso é óptimo. Estar a ver a evolução dele ao longo destes dias e ver que está tudo a evoluir no bom sentido.

**Quantas visitas já fez ao bebé?**

Venho todos os dias... Estou cá todos os dias.

**Costuma sonhar com o seu bebé?**

Que eu me lembro não. Aaaa, hoje em dia... durante a gravidez não... Hoje em dia não é sonhar mas acordo aflito a pensar como é que ele está... se estará tudo bem com ele. Aaaa... Acho que não... Não costumo lembrar-me daquilo que sonho. É muito raro.

**Fale-me do seu filho (características, particularidades...)**

Não gosta que lhe toquem. Não gosta muito... Agora já está a melhorar mas não gosta que o acordem, que lhe mexam... que lhe troquem as fraldas. Também porque está num estado e não está muito bem... não está a 100% e ainda está com alguma dificuldade em respirar... Parece-me ser calmo, transmite calma e... de momento, não lhe sei dizer mais... das características dele... Tem uma personalidade forte...É difícil... Só saiu ainda uma vez da incubadora, só com a mãe. Temos uma barreira de plástico ainda entre nós... e é difícil... É diferente do que tê-lo ao colo.

**Tem vontade de interagir, de se envolver com o seu filho?**

Muito. Muito...

**De que forma?**

Tudo. Brincar com ele, dar-lhe biberão, pô-lo a dormir... passear... Neste momento, são todas estas coisas que envolvem todo esse contacto. Vê-lo sorrir... Aaaa... Tratar ele se ele estiver a chorar... Em todos os momentos, não só os bons, se ele estiver a precisar, até porque aí sinto que sou o protector. Se estiver alguma coisa mal passo à frente de quem estiver ali para tentar ajudar. Naquilo que eu puder claro...

### **Interage com o seu filho?**

Sim... O máximo possível. Até a enfermeira disse para não o estimular e tudo o que for festas é estimular e se calhar o que ele precisa nesta fase é de um contacto mais calmo, mas não consigo... Vou-lhe dando umas festinhas... às escondidas... mas tenho necessidade de mais, mais do que isto, neste momento. Apesar de não poder ser muito mais porque ele é bebé e as respostas neste momento ainda são... pequenas mas mais do que estar ali e tocá-lo apenas através do plástico.

### **Sente resposta do seu filho quando toca nele?**

Aaaa... Não... Mais na gravidez, aqui não tanto. Não tanto porque também ainda não estamos à vontade, porque estão sempre pessoas à volta... Mas, durante a gravidez notava que, agora no final, havia uma grande resposta. Até a mãe dizia... Quando eu começava a falar sentia-se logo a bebé a dar pontapés fortes. Agora, vejo que ele já está a abrir os olhos, não é a ver porque ainda não vê como deve ser mas... parece que está a tentar reconhecer quem é que está ali e... interagir à maneira dele, uma resposta, um movimento...

### **Descreva-me o que faz num dia típico de visita ao bebé.**

... Estou com ele, Aaaa estamos com ele, estamos ao pé dele... Tentamos dar-lhe o nosso carinho através do nosso toque e tentamos tratar dele: mudamos-lhe a fralda, tentamos ajeitá-lo o melhor possível apesar de toda a gente aqui ser extremamente competente e impecável, muito carinhosos e pronto... Tentamos dar-lhe esse carinho mais que é possível e que... pelo menos não compete ao médicos e enfermeiros. Tentamos fazer o melhor possível e tentar sair daqui o mais tarde possível... Se pudéssemos não sair daqui não saíamos. Até porque neste momento temos tudo em pausa e é só ele que está à frente.

### **Como se sente enquanto pai?**

Eu não me sinto muito um pai a sério ainda. Eu estando aqui sou pai dele mas ainda não estou propriamente a tomar conta dele e vou fazendo o que me é possível. Estamos neste momento a tratá-lo... a mantê-lo, a manter o contacto e... Sair daqui... a preparar o caminho... para tudo o que se passa lá fora e em casa. O que queremos é sair daqui e podermos depois iniciar então a tarefa de ser pais.

### **Qual a sua motivação para interagir se envolver com o seu filho?**

A motivação que me leva... Acho que não tenho uma motivação pelo menos racional... Tem a ver com alguma motivação... Que nós não pensamos. É nosso filho e depois a partir daí se pararmos para pensarmos... Aaaa... Não lhe sei muito bem como lhe responder a essa pergunta. Deixe-me pensar só um bocadinho... A inicial é realmente se calhar uma

motivação física e intuitiva de, de... “é nosso filho e temos de estar”, mas depois perante a relação, a motivação, a motivação é torná-lo o mais feliz possível e... dar-lhe aquilo que pudermos, não coisas materiais que acabam por ser, sem dúvida, mas segui-lo, apoiá-lo, ser muito amigo dele e estar lá quando é preciso. Estar sempre presente. Não sair de casa e depois ir trabalhar e desaparecer... E ele que se crie sozinho... Isso não.

**Por que razão acha que se envolve dessa maneira? Por que razão acha que se quer envolver?**

Eu acho que sou assim... É difícil de explicar... Tem a ver um bocado com a minha maneira de ser, eu envolvo-me em tudo muito a sério. Quando faço qualquer coisa, seja o que for, envolvo-me muito a sério então... Mesmo coisas que às vezes não têm importância nenhuma eu envolvo-me muito a sério e tento dar o meu melhor, sempre... Neste caso aqui, tem de ser muito mais... é muito mais importante. Logo, o meu melhor tem de ser mil vezes superior... Ter muita atenção ao que ele precisa e ao que ele quer. Ouvi-lo quando ele quiser falar...

**Como se descreve enquanto pai?**

Epá... Essa é difícil... Penso que serei... sou... protector, amigo, carinhoso... Quero ter uma relação próxima com o meu filho, estar lá quando ele precisar... Penso que é isso...

**Qual a sua opinião sobre o envolvimento do pai desde tenra idade? Desde os primeiros meses do bebé?**

Eu acho que é muito importante para o desenvolvimento do filho e para o desenvolvimento do pai como pai. Aaaa, se calhar há uns anos atrás o pai, era pai, era o chefe da família, achava que tudo o que dizia respeito a trabalhos e serviços de criar um filho era responsabilidade da mãe e o envolvimento era assim um bocado distante, não é. Hoje em dia acho que esta questão já não se põe. O pai tem de estar presente, o pai tem de servir, se calhar, de modelo ao filho mas não numa posição distante. Se calhar não ser uma figura autoritária, ser um amigo, ser mais um amigo e uma figura mais próxima. Estar lá e sair com ele e passear com ele... Até ele querer porque depois há uma idade em que eles começam a dar com os pés... mas há-de ser mais lá para a frente.

**Qual a opinião da sua companheira sobre o envolvimento do pai com o filho desde tenra idade?**

A ideia que eu tenho é a mesma que... A ideia que eu tenho... em relação a isso.... Acho que ela tem a mesma opinião. Acho, tenho a certeza. Tenho, acho que... o pai é uma figura

muito importante... As crianças criam-se sem pais... Sem mãe é mais difícil... mas... a opinião dela é que o pai é muito importante nessa... na formação.

**Há alguma coisa que queira acrescentar?**

Não, se quer que lhe diga acho que tocámos nos assuntos chave... Esta é uma situação que é nova. O facto de ele estar aqui internado... Aaaa... Nunca pensei... Ninguém pensa. Nós vemos que a nossa vida agora é hospital-casa, casa-hospital e... às vezes é um bocadinho difícil se a pessoa tiver num estado, ou não tiver os pés bem assentes na terra... porque uma pessoa chega aqui de manhã e sai daqui à noite. E estamos ali naquela sala, estamos a vê-lo ali naquela caixinha e chegar a casa e digerir isto tudo e a relação às vezes dos pais também pode ficar um bocadinho difícil. Neste caso, temos estado a trabalhar tudo bem mas é uma situação diferente e que... e que é complicada. Quem disser que não está a mentir de certeza, ou então não está a tomar atenção nenhuma ao que se está a passar. Porque... é difícil mas nós não podemos fazer mais do que isto, aí temos a certeza. Temos que cá estar, tudo o resto não está nas nossas mãos. Estamos atentos, olhamos para a máquina, olhamos para ele, começamos a compreender o que se passa mas não podemos fazer mais do que isto. Isto é uma situação muito tensa e isso é o que é mais angustiante aqui. Além de o ver ali, não é... mas não podemos fazer mais. Por nós já estava em casa descansado e... pronto. É isso. De qualquer forma esperamos o que for preciso... Mesmo se forem um mês, dois meses... se precisar de estar dois dias tanto melhor para ele... É sinal que ele está bem... Melhor para ele e para nós!

2ª Entrevista

22.02.2009

Caracterização Social e Demográfica do Pai:

**Nome:** Carlos.

**Idade:** 34 anos.

**Naturalidade:** Belas, Sintra.

**Estado civil:** Casado.

**Constituição do agregado familiar:** Carlos, esposa, filha e o Miguel.

**Religião:** Católico, não praticante.

**Escolaridade:** 6º ano.

**Profissão actual:** Marceneiro Mecânico.

Caracterização da Gravidez, Parto e Peri-Parto:

**Tempo de gestação:** 24 semanas e 6 dias.

**Paridade:** Gemelar. O outro bebé (Fábio) acabou por falecer.

Segunda Gravidez. Os pais têm uma filha, de uma gravidez anterior, com 7 anos.

**Tipo de parto:** Cesariana.

**Peri-Parto:** A partir das 22 semanas a mãe de Miguel teve de ficar de repouso absoluto em casa.

Caracterização Social e Demográfica do Bebé:

**Nome do bebé:** Miguel.

**Data de nascimento:** 4 de Novembro de 2008.

**Sexo:** Masculino.

**Peso à nascença:** 710 gramas.

**Estado neo-natal:** Internado por prematuridade. Teve de ser operado a uma artéria do coração que não fechou no primeiro mês de vida. Teve também de ser operado aos olhos devido a uma retinopatia.

**Índice de Apgar:** 4/6

Envolvimento Emocional:**Como descreveria a sua relação com a sua companheira?**

Boa...

**Fale-me um pouco mais sobre isso.**

Hummm. Não... Pronto é assim... Foi difícil estes momentos, passámos momentos difíceis, complicados desde há quatro meses para cá. Tivemos... pronto... toda a gravidez até às 22 semanas tava tudo bem, a partir das 22 semanas foi complicado e a partir daí foi uma mistura de sentimentos, de... preocupação, o que é que podia acontecer, não é? ... E pronto, depois as coisas foram-se desenrolando e depois nasceram prematuros, com 24 semanas, e pronto. A partir daí tivemos momentos muito complicados, de ansiedade, de o que é que iria acontecer... E pronto, aconteceu o que aconteceu... E pronto... Houve aí uma altura em que andámos um bocadinho confusos e perdidos quase. Porque era... já tínhamos uma filha e pronto... Era tudo misturado e é um bocado complicado... Mas pronto, acho que é uma relação boa e... Acho que com isto tudo aprendemos muito e crescemos. E há coisas agora que são muito mais importantes do que eram há 4 meses atrás. Há

pequenas coisas que nos passavam ao lado e que agora nós preocupamo-nos muito mais com outras situações. Acho que é isso...

**Como é a sua relação com o resto da família, tanto da sua parte, como da parte da sua companheira?**

É uma relação boa, é uma relação normal, prontos... A família preocupa-se toda, tentam ajudar no melhor que podem e no que conseguem fazer e nós agradecemos. Tem sido uma relação bastante boa.

**Em que contexto surgiram estes bebés?**

Em que contexto? ... Surgiram de uma gravidez não... não... não calculada, portanto não planeada... prontos. Nós queríamos ter outro filho, aaaa... não tínhamos planos, olha... nem daqui a um ano nem daqui a dois anos, quando tivesse de acontecer... e foi o que aconteceu... de repente aconteceu. Foi uma gravidez que quando soube que estava grávida ficámos muito contentes... e prontos... foi sempre tudo muito desejado e tratámos sempre de tudo muito bem e nem tudo correu da melhor maneira... mas pronto, isso já é outros factores.

**Como se sentiu face à gravidez? Qual foi a sua primeira reacção?**

Fiquei feliz... muito feliz, muito contente. Quando soube que eram gémeos, ainda mais... Ao mesmo tempo ficámos preocupados... Pronto, a vida não está fácil, não é, é tudo um bocado complicado mas pronto como se costuma dizer, e como dizem os mais antigos: onde comem dois comem três. E prontos, foi o nosso pensar no momento foi esse e ficámos super felizes.

**Como se sentiu face à perspectiva de vir a ser pai?**

Muito feliz... aaaa... O que eu mais queria era que fosse um rapaz, pelo menos... porque já tínhamos uma menina, não é? ... E eram dois rapazes... e fiquei muito feliz, muito contente por... por realmente vir a ser pai novamente. Era um desejo que eu tinha... e se calhar mais rápido que a mãe, a mãe prontos queria as coisas se calhar mais bem estruturadas, deixar passar mais algum tempo e tudo isso mas eu acho que essas coisas não é preciso estar a marcar datas nem tempos... Quando tem de ser é e prontos. Não vale a pena planear muito e foram bem-vindos.

**Como imaginou o seu bebé?**

Como imaginei? ... Lindo... lindo. A primeira vez que eu o vi, apesar de ter nascido tão prematuramente, eu cheguei aqui e disse que ele era lindo! Porque sendo tão cedo de

nascer, não é? Com 24 semanas portanto... Eles nascem com 40, faltavam muitas semanas ainda e se calhar na minha imaginação podia vir a esperar chegar aqui e ver outra coisa... mas não... vi um bebé, em ponto pequeno, em miniatura mesmo, mas lindo! Completamente...

### **Mas antes dele nascer como o imaginava?**

Não... Acho que... parecido com o pai também, não é? Prontos... muito parecido com a irmã... realmente tem... tem, tem vindo a demonstrar que irá ser parecido com a irmã em... em muitos aspectos. Não fiz assim um plano ideal, para um filho ideal, não é... Queria é que viessem com saúde e perfeitos... Foi mais a minha preocupação mesmo, foi essa...

### **Como se sentiu quando o seu filho nasceu?**

Foi... Foi como eu estava a dizer... um turbilhão de... emoções, porque... é lógico que senti-me muito feliz porque... já tinham nascido mas estava também um bocadinho preocupado porque iam nascer muito cedo... Porque nós, o que tínhamos dito era que o ideal era nascerem depois das 26 semanas... tudo isso antes era um bocado complicado, prontos... realmente dá para mostrar que foi complicado... complicado para o Fábio... que era o nome do outro bebé... aaaa... mas prontos... é assim, é lógico... já que teve de ser fiquei super contente e... e quando vim cá o primeiro dia estava tudo a correr bem... prontos, apesar de muito terem dito que podia ser tudo muito complicado, mas prontos nós acreditamos, como pais, que não vai acontecer nada e que vai correr tudo bem...e que vai ser... prontos... da melhor forma mas... infelizmente para o Fábio não correu... mas é assim a vida e a gente tem de se conformar com isso.

### **Como se sentiu quando viu o seu filho pela primeira vez?**

Senti um orgulho enorme, como é óbvio, não é... fiquei orgulhoso mesmo... no princípio eram dois, não é, eram... muito parecidos, não eram gémeos verdadeiros mas prontos... tinham as suas parecenças, não é... tão pequeninos mas já dava para perceber que um era mais vermelho do que o outro mas prontos, acho que tanto um como o outro eram lindos... eram, fiquei radiante, fiquei... não sei... A nível de rosto e isso eram, digamos, muito idênticos, talvez por serem tão pequeninos, não é? Mas... portanto... o Miguel era mais moreno, tinha o cabelo mais escuro, as sobrancelhas... e o Fábio não, o Fábio era assim mais assim lourinho, era mais... Via-se que era mais clarinho portanto...mais claro.

### **Como se sente actualmente?**

É assim actualmente eu sinto-me... muito feliz porque... aaaa... estou... Quem sabe a uma semana de ir para casa, ao fim destes meses todos, portanto desde o dia 4 de Novembro

que estamos aqui... É muito tempo, é assim... temos tido muitas ajudas aqui, têm-nos ajudado imenso... a equipa... espectaculares, tudo isso mas agora sentimos aquela emoção de ir para casa... Enfim, vamos ver se corre tudo bem, não é... Vai correr tudo bem, e é assim, completamente feliz e acho que tou a chegar digamos... aaaa uma meta que supostamente comecei a caminhar a partir do momento que eles nasceram, as coisas não correram tão bem logo ao princípio... à medida que as coisas vão correndo, agora está estável, está muito bem, ta tudo bem e se Deus quiser vai continuar a correr... E é isso basicamente é isso...

### **Quantas visitas já fez ao bebé?**

Muitas... Todos os dias... Todos os dias... O primeiro mês estava cá de manhã à noite, porque tive licença de... paternidade... Depois não pude ter mais porque não dão mais, são 15 dias... mas depois vinha cá todos os dias, vinha cá todos os dias... todos os dias estou cá, a não ser que... prontos... lembro-me de uma vez, parece-me segunda-feira, porque a minha filha tem também Terapia da Fala e teve de fazer um tratamento, também é óbvio... De qualquer forma sábados, domingos, de segunda a sexta estamos cá sempre... o tempo que podemos não estar cá, também como temos a nossa filha temos de repartir com ela mas... prontos... tentamos estar cá o máximo de tempo possível. Mas pronto venho cá todos os dias.

### **Costuma sonhar com o seu bebé?**

Ah sim... já sonhei... bons sonhos, às vezes não tão bons... porque... prontos... talvez derivado de tudo isto... sonho muito, sonho muito. Na altura da gravidez também me lembro que cheguei a sonhar. É assim... não sei se foi um sonho assim tão agradável como isso... se calhar foi na altura, no momento em que as coisas já não estavam a caminhar tão bem, mas... sonhei... prontos com dois bebés mas não... prontos não foi um sonho assim tão cor-de-rosa, como se costuma dizer... foi assim um bocado assim... aqueles sonhos que a gente tem e que não sabe às vezes explicar muito bem e pronto... eu vi o bebé ao colo da mãe mas assim um bocado... Sentia que alguma coisa não estava bem... A preocupação dela estar em casa deitada, não se podia levantar, o meu inconsciente já estava tipo... podia correr qualquer coisa mal ou assim e se calhar foi por isso mas prontos...

### **Teve algum sonho desde que os seus bebés nasceram?**

Tenho, é assim... Às vezes sonho mas é coisas normalíssimas que eu acho prontos... dele ir para casa, de... andarmos a passear, esse tipo de sonhos assim, nada de mais... é um reparo.

**Fale-me do seu filho (características, particularidades...)**

Do Miguel? ... É assim...é um bebé...como é que eu hei-de explicar? ... É um bebé lindo, prontos... aaaa... Acho que sai muito a mim, muito ao pai, muito refilão... aaaa... Gosta de muita atenção já... aaaa... O que é que eu posso dizer mais... É comilão, é como ao pai... éééé... prontos, acho que tem muito a ver comigo. A minha mãe diz que quando eu era pequenino também era muito refilão, tinha muitas cólicas e ele tem vindo a demonstrar que também é assim, tirando aqueles momentos em que ele tá sossegadinho e isso...quando está refilão, é mesmo de refilão, ta ali mesmo... tem de se pegar nele ao colo porque não pára. É mesmo de refilão. Acho que é tudo, o que eu conheço assim dele...

**Tem vontade de interagir, de se envolver com o seu filho?**

Sim, completamente. Faço aquilo que me deixam e o que não me deixam como se costuma dizer, não é, tento fazer sempre tudo o que eu posso...

**E de que forma interage com o seu filho?**

Dando-lhe biberão, dando-lhe colo, mudando a fralda, tratando dele... prontos esse tipo de cuidados que todos têm... que nos deixam fazer aqui... dar banho, prontos... tudo... tudo um bocadinho... A única coisa que nunca fiz aqui foi tipo aspirá-lo e isso porque prontos isso é para quem sabe, não é... Mas tudo o resto desde mudar fraldas, dar comida, tentamos fazer o máximo possível de tudo.

**Descreva-me o que faz num dia típico de visita ao bebé.**

Um típico... Era como eu estava agora a dizer... Chegamos cá portanto, preparamos... quando vai tomar banho preparamos o banho dele, portanto prepara-se a roupa, tira-se a tensão, tira-se a temperatura, vê-se o depósito depois dá-se banho né, veste-se, limpa-se os olhos, mete-se soro no nariz, prontos... Os cuidados normais de um bebé, e nós aqui fazemos isso e graças a Deus deixam-nos fazer isso aqui no hospital... E fazemos tudo que se faz a um bebé normal, prontos... Actualmente eu e a mãe partilhamos, uma faço uma coisa a mãe faz outra e assim vamos dividindo as tarefas.

**Como se sente enquanto pai?**

Aaaa... Feliz e realizado... Completamente.

**Qual a sua motivação para interagir se envolver com o seu filho? Por que razão acha que se envolve dessa maneira?**

Por ser meu filho, como é óbvio... É assim não... é assim a partida é aquela explicação tenho uma filha, tem sete anos, sempre foi muito agarrada ao pai, tudo isso, prontos não

sei... A maneira de nós sermos... portanto eu tento ser o melhor pai do mundo com ela, nunca lhe bati... nunca lhe fiz... portanto... ralho com ela e ponho-a de castigo se for preciso mas nunca, nunca foi uma criança de levar uma palmada ou isso. Deus me livre de fazer uma coisa dessas... porque eu não gosto de ver crianças a chorar... acho... acho... mete-me muita confusão... aaaa e com ele é a mesma coisa. Vou tentar ser o melhor pai do mundo e tento portanto fazer aquilo que eu sei, o melhor que eu sei e é isso que acho que é isso que me leva... É lógico que sendo ele meu filho, longe de mim de... é assim vou fazer de tudo o que está ao meu alcance e não está para que ele tenha uma vida completamente bem e que esteja sempre tudo bem com ele.

### **Como se descreve enquanto pai?**

Como pai? Aaaaa... Muito carinhoso, atencioso... quero o melhor para os meus filhos, tento fazer tudo aquilo que eles gostam também de fazer, dentro do possível... Ela pede algumas coisas e temos tentado dentro do possível... e que nós achamos que faz falta e que ela tem de ter e ter o máximo de actividades com ela, de estar com ela para estar interligado... para ela realmente sentir que estamos com ela e somos, somos... O pai e mãe, como se costuma dizer... e com ele vai ser igual, portanto espero que um dia quando ele precisar de falar com alguém não vá ter com um amigo e vá ter com o pai ou com a mãe porque acho que lhe vou dar esse à vontade para ele ter um à vontade completo com o pai e com a mãe porque algum problema que tenha, futuramente, não, penso que o meu intuito será sempre esse, será sempre estabelecer uma relação muito forte com os meus filhos e esperar que eles retribuam, como é óbvio... para mim também, não é.

### **Qual a sua opinião sobre o envolvimento do pai desde tenra idade? Desde os primeiros meses do bebé?**

Aaaa, é assim, acho que tem de ser, neste caso aqui, não é, tem de ser um envolvimento muito grande porque... tal como os senhores enfermeiros nos dizem, é assim, eles são pequeninos, estão ali dentro na incubadora mas eles conhecem o pai e mãe e por mais que elas tenham amor e carinho para lhes dar, não é... estando o pai e a mãe eles conhecem, conhecem o nosso, o nosso tacto, tacto quando tocamos neles, a falar, tudo isso... e é assim... nós tentamos fazer prontos... tentar fazer uma ligação uma ligação muito forte e eu acho que... desde o momento em que eles nasceram, é assim... Nós... foi que nós tentamos mesmo fazer, ao estar aqui hoje... Vimos cá sempre e estamos o máximo de tempo com ele para ele realmente sentir que esta aqui com o pai e a mãe, não está sozinho, não é... Acho que... desde o princípio foi isso que me levou a... prontos ter um maior tempo disponível para estar aqui no hospital, a estar com eles para poder... para eles realmente sentirem que estamos aqui, estamos aqui ao pé ao pé deles, no fim não podemos fazer

nada, nós não percebemos nada disto, não é? Mas estamos aqui sempre, sempre nos melhores momentos, nos piores momentos estamos cá sempre a tentar dar a maior força, prontos, como dei à bocadinha... Aquilo que nós pudermos fazer fazemos e temos tentado sempre fazer isso.

**Qual a opinião da sua companheira sobre o envolvimento do pai com o filho desde tenra idade?**

Acho que é... mesmo boa. Já por vários momentos, por várias vezes disse que prontos... que tem... que sentiu e que sente que tem realmente um ombro em que prontos, derivado de tudo o que nós passámos prontos, digamos nós vivemos isto tudo muito os dois, porque passámos aqui muito tempo. Ela passou aqui muitas horas, muitos dias, não é... Eu digamos que... com o meu horário tentei também passar o máximo de tempo possível e tirei o tempo todo que tinha direito de tirar para estar aqui nos primeiros, no primeiro mês pronto... e é assim eu acho que ela tem uma boa... impressão, ela própria já me disse que realmente, prontos, entre eu e ela tentamos fazer tudo o melhor possível e acho que a nível como pai, acho que sim, que tenho... tenho... digamos... como é que eu hei-de dizer? Aaaa, portanto... ela dá-me os créditos... estou a tentar achar a palavra correcta mas ela não sai... a mãe, aaaa... dá-me, digamos... também conforto e dá-me, portanto ânimo para que se calhar seja assim um bocado, aquele aspecto de ter... realmente... porque é assim desde o princípio que... É assim, se calhar há pessoas que não pensam logo em ser pai e ser mãe. Eu desde muito cedo pensei, não, eu quero.

Quero ter filhos e uma família, tudo isso e se calhar tudo isso levou a que eu fosse um pouco mais ligado... pronto não sei se é bom se é mau se... Eu acho que é bom, porque é sempre bom não é... mas sempre quis ter uma família, sempre quis ter esse tipo de situações, e sempre olhei para isso, sempre lutei para isso e acho que tenho tido uns bons resultados. Penso eu... Acho que ta respondido.

**Há alguma coisa que queria acrescentar?**

Eu acho que... basicamente falámos mais ou menos de tudo... É como eu lhe disse tive, tivemos aqui bons e maus momentos, prontos... muitas vezes pensamos... é lógico que todos os dias nesta... neste... nesta unidade e... lembro-me do outro não é, meu filho, não deixa, não deixa de ser meu filho... aaaa... prontos foi uma situação que nunca me passou pela cabeça vir aaaa... passar, prontos... É este tipo de situações que a gente achamos que só acontecem aos outros, não é? Mas prontos visto nós... mas visto que eles tinham nascido e estava tudo bem, sempre acreditei que eles iam conseguir... Chegámos aqui, mostraram-nos muitas situações, e montes de bebés que prontos... conseguiram superar e prontos... Mas infelizmente... com o Fábio não foi assim, se calhar prontos... Não vou dizer

que... É lógico que... como é que eu hei-de dizer? ... Quando eles nasceram, quando a minha filha nasceu... nós tivemos uma ligação mais... apegada logo desde o momento em que nasceu, nasceu uma criança normal, nasceu dentro do tempo, não é... aaaa, ao fim de... ela nasceu no sábado, no domingo já estava com ela ao colo, andamos montes de tempo... e é assim com ele já não foi assim, com eles os primeiros dias quase que não tocávamos nele, estávamos só ali a vê-lo... É claro que a ligação pai e filho, não vou dizer que foi igual, naquele momento em que os vi, à da minha filha, como é óbvio... não é aquela ligação logo... mas é assim, desde o primeiro momento em que eu os vi, prontos é lógico que depois nós começámos, cada dia, cada movimento que eles fazem é lógico que começamos a ganhar aquele afecto, o afecto que eu tenho hoje pelo Miguel não é o mesmo que eu tinha... no terceiro dia em que nasceram, os dois, o Fábio... eu tentei fazer tudo o que foi possível fazer para o Fábio... Os doutores, prontos viram que realmente não havia nada a fazer e ele... com o andar de... ele teve dois pneumotorax, parece-me e depois teve a hemorragia, e depois teve outra... prontos aquilo tudo, dia a dia, hora a hora foi-se agravando e ele acabou, acabou por... falecer, é lógico que eu tentei estar o máximo de tempo ao pé dele, estive com ele ao colo, quase mesmo até ao fim, de ele estar a respirar... prontos, é lógico que... custa-me dói-me... É assim não vou dizer que...de vez em quando... tipo estou em casa e penso: amanhã quero lá ir ao Fábio e vou, vou-lhe fazer uma visita porque sinto que... sinto aquela falta mas é lógico que aquele afecto de tipo de...mas é lógico que se acontecesse alguma coisa agora iria ser bem mais difícil de passar, já há uma ligação, um afecto que nós vamos ganhando, quando nós... quando nós estamos com alguém, à medida que o tempo vai passando nós vamos ganhando aquele afecto, se estivermos dois ou três dias com uma pessoa é lógico que... passa-nos um bocadinho ao lado, se calhar depois e com o bebé não é passar ao lado mas o afecto que nós temos, ou que eu tenho pela minha filha de sete anos, é lógico que não é o mesmo que eu tenho pelo Miguel agora, não é? Cada vez mais, cada dia que passa vou ganhando o afecto porque vai-me dando uns sorrisos, vai-me dando momentos que... nós vamos recordando e vamos tendo uma ligação maior com eles, prontos... Futuramente vai ser igual, acho eu, né... à medida que os anos vão passando nós vamos ganhando aquele afecto, que temos com as pessoas que nós amamos e gostamos e com o Fábio foram só três dias de... aqui, depois ao fim do quarto dia, acabou por, por... falecer, aaaa, é lógico que chorei muito, estive aqui nesta sala montes de tempo, ficámos completamente desesperados sem saber o que ia acontecer com o Miguel porque prontos, depois da situação do Fábio, aquele mês... portanto eles nasceram no dia quatro, o... Fábio faleceu no dia... sete... Depois de dia sete, até ao final do mês foram uns dias, de... verdadeira angústia, de verdadeiro medo, depois também havia a situação do canal, e nós... para nós isso também nos fazia muita confusão porque poderia acontecer o mesmo que aconteceu ao irmão, né... nós ficámos ali...

Digamos que o primeiro mês foi vivido intensamente, aqui... Estávamos aqui quase 24 horas por dia, de manhã à noite, sempre aqui de volta das incubadoras, um bocado depois, estávamos com medo, estávamos sempre a perguntar, mal aquilo apitava nós... ficávamos! Aquilo apitava muito, como é normal... Aaaa, mas depois com o tempo foi passando e nós ficámos... Ou seja depois começa-se a ganhar o tal... eh... digamos um bocadinho mais de conforto. Prontos as coisas estão a correr bem... a gente prontos, aconteceu o que aconteceu, prontos, agora vai correr bem e não havia nada que nos indicasse que não fosse assim, os doutores dizem-nos... Os primeiros três dias são muito importantes para um bebé daqueles e foi, realmente, nos primeiros três dias, prontos foi quando aconteceu tudo... Fez um pneumotorax, depois fez outro, depois teve uma hemorragia, depois teve outra e... prontos... foi logo nos primeiros dias. Com o Miguel as coisas foram... depois foi já com aquela sensação de medo que acontecesse alguma coisa a ele não é... hoje em dia já nem pensamos nisso... Pelo menos eu não penso nisso, não é, aaaa... Fico preocupado, ele agora vai para casa, não é, a gente aqui tem um monitor, olhamos para ali e vemos que ele está bem e em casa não vamos ter um monitor mas pronto... Ele tem sido um bebé muito estável, mediante aquilo tudo o que passou... Era o que eu estava a dizer ontem, mesmo assim ele tem sido uma criança que tem tido uma passagem muito ao de leve... Tem, tem... tem passado as dificuldades todas que vão surgindo... tem passado todas muito bem e isso é muito bom para uma criança... daquela idade... E para nós também nos dá, ao mesmo tempo nos dá, ao mesmo tempo, nos dá um descanso e um alívio que realmente não há nada que nos indique que possa vir a andar para trás. Prontos, há aqui situações de bebés que um dia estão bem, o outro dia não estão bem, no outro dia estão um bocado desorientados... E ele não, tem sido uma criança mais regular, muito regular, muito estável e isso dá-nos um conforto e um descanso muito grande... Como ele agora, em princípio esta semana vai para casa, ainda não sabemos bem o dia mas está para breve... aaaa... É lógico que a primeira semana, se calhar vai ser uma semana... digamos... foi como a minha filha. A primeira semana quando ela foi para casa, é assim, eu e a mãe a gente que quase não dormia a manhã. A noite, a tarde passava e nós não dávamos conta... parecia que o mundo parou e era só a nossa filha... Eu acho que vai acontecer o mesmo com ele, embora tenhamos de ter cuidado com a filha, levá-la à escola e essas coisas, mas prontos vai ser um bocado vigiar atentamente se ele está bem, a dormir, à noite e tudo isso... Eu acho que vai ser um período de adaptação... Acho que vai ser uma semana... Não dou mais do que isso... E de resto acho que vai correr tudo bem, e é assim... Pronto isto é uma experiência um bocadinho grande e forte... Por mais do que as pessoas nos falem, que nos digam: Ah e tal! As pessoas não têm noção! Eu não tinha noção... Já tinha ouvido falar neste tipo de situações de crianças, mas uma pessoa não tem noção, é diferente. Se calhar ouvem-me falar e passa um bocadinho ao lado, ou prontos... a pessoa compreende... Mas quem vive e

está aqui durante quatro meses, como nós estamos, quase... a viver os problemas deles, mas é assim, nós não podemos fazer nada... É porque tem a PCR elevada, é porque baixa as saturações, é porque há coisas que é assim... nem passam pela cabeça que existiam eeee... coisas que você vive aqui, coisas que acontecem, os problemas dos pais dos outros bebés, porque ao fim ao cabo nós vamos estamos, aqui, vamos convivendo, vamos vivendo os problemas dos outros bebés, embora se calhar um bocadinho diferente porque não nos toca a nós... mas prontos tivemos uma situação preocupante... de estarmos preocupados com eles... mas acho que tudo isso faz com que nós, digamos, tenhamos uma aprendizagem grande de tudo isto, e é assim, é como uma enfermeira, que aliás hoje está aqui, que nos disse, logo para aí no segundo dia em que eles nasceram e que ela virou-se para nós e disse que nós não íamos voltar a ser as mesmas pessoas que éramos... E acredito perfeitamente nisso... era como eu estava a dizer, há pequenas coisas do dia-a-dia, nosso, lá fora, aahhhh... coisas que nos passam... que nós tipo... coisinhas pequeninas, muito pequeninas comparadas com uma situação destas, nós se calhar ligávamos muito lá fora e se calhar hoje passam-nos completamente ao lado, porque... Porquê coisas tão insignificantes quando há coisas realmente importantes, coisas que realmente... nos preocupam e que nos fazem ver a vida de outra maneira, não é? E acho que realmente ela tinha razão e acho que vamos ter...para eles, tanto para ele, como para a irmã, acho que vamos ter uma maneira diferente de... tudo... o que... se calhar coisas que a gente pensava que eram importantes para ela e... realmente achamos que não é importante agora, porque são coisas que ela pode viver muito bem sem elas por não é isso... que lhe faz falta, ou coisas assim... Eu acho que tudo isso faz com que nós, realmente, crescemos mais um bocadinho e vimos as coisas de outra maneira... Mas prontos, eu acho que é assim... Se Deus quiser, é assim, vou... vou... é assim, já sei que me vou embora e acho que vou ter saudades ao fim ao cabo disto, porque são quatro meses aqui, não é? Portanto, vivendo aqui o dia-a-dia, falar com as pessoas que estão aqui e tudo isso digamos que...já faz parte do nosso... da nossa rotina, portanto... Embora esteja há quatro meses, mas faz parte da nossa rotina e agora até a gente se habituar outra vez ainda vai demorar um bocadinho. Ele teve... enquanto lhe tratavam da vista, saiu e foi para o Amadora/Sintra e teve lá três dias... e... para nós pareceu uma eternidade. E porquê? Porque lá não conhecíamos ninguém e agora já tínhamos a nossa vida, a nossa rotina do dia-a-dia... Já sabíamos que era... Se não chegássemos ao meio-dia e chegássemos às 14h...nós sabíamos que ele estava bem... Enquanto lá a gente não conhecia ninguém. Pronto essas coisas que nós vamos se calhar... daqui agora quando sairmos, vamos estar uns dias assim se calhar tipo, estamos em casa, mas será que lá está tudo bem? E como é que está lá o pessoal? Pronto, aquelas coisas, mas eu acho que prontos, depois tipo havemos de vir cá regularmente, porque temos consultas cá e também para mostrar o Miguel. Mas pronto eu acho que é assim... foi

umaaa... foi uma experiência de vida que se calhar eu nunca pensei em passar e que... prontos... passei. Infelizmente as coisas não correram da melhor maneira possível para o Fábio, porque realmente aconteceu o que aconteceu... E é assim. Também foi o que nos disseram e realmente é verdade... entre isso ou ele ficar... numa cadeira de rodas, ou ficar completamente... uma criança a depender de nós, se calhar também era muito... era muito pior... e assim, prontos custa-nos, doeu-nos muito... prontos... aqueles primeiros dias depois do que aconteceu foi muito complicado porque... é como eu estava a dizer há bocadinho, tive o medo que acontecesse o mesmo... e pronto acho que o tempo... o tempo é o melhor remédio para estas situações e que com o tempo a gente agora vai andando, vai passando, recordando e há coisas que ficam na memória e vão ficar, mas prontos acho que o tempo vai-nos ajudar e... acho que futuramente, acho que... tudo desta experiência vai ficar como ummm... digamos uma aprendizagem que se tem, de outro lado da vida digamos, de outra parte diferente e eu acho isso muito importante. Não vou dizer que toda a gente devia passar por uma situação destas como é óbvio, não é? Mas prontos, acho que já que uma pessoa tem de passar eu acho que, há que retirar portanto... alguma coisa disto tudo, porque faz-nos realmente ver as coisas e pensar e ver coisas que realmente se calhar não víamos e não ligávamos e se calhar há coisas bem importantes na vida que... não são assim tão... tão... digamos para nos deixar passar ao lado, vivê-las mais intensamente, aqui... Acho que é isso...Acho que se calhar também já estou para aqui a falar, acho que já respondi a tudo, e da melhor maneira e pronto sinceramente eu acho que isto tudo vai acabar por correr bem... E se Deus quiser eu vou-me embora e vou recordar isto tudo... para o meu futuro, como é óbvio não vou esquecer, mas acho que vou ter boas... vou levar dali um campeão, como eu costumo chamar, um lutador, sem dúvida nenhuma porque aquilo que ele passou, ele teve duas anestésias gerais... prontos coisas que realmente a pessoa... como é possível que uma criança tão pequenina conseguir... É assim ele chegou a pesar 548 gramas... É assim, eu nunca imaginei um ser vivo, um humano como nós, pesar esse peso porque é assim... uma pessoa tão pequenina... Não sei, só mesmo vendo prontos. É só mesmo vendo, porque uma pessoa tenta explicar, ou tenta... tenta falar mas as pessoas não têm noção, não têm ideia do que é que é uma criança realmente... pequenininha com 540 gramas, como é que é possível estar cá tudo, não é? Estar tudo no sítio e pesar assim tão pouco... Pronto já está com dois quilos e... quase meio, já está ali um homem, muito mais crescido, já ultrapassou tudo, a vista está a correr muito bem... Ontem teve cá a Doutora e ela viu... e diz que está cinco estrelas, só precisa de uma consulta para ver se as coisas estão realmente a correr bem, para confirmar, mas em princípio está tudo bem e se Deus quiser não vai me vai dar mais... digamos tantas dores de cabeça... Não que ele não possa vir para aqui outra vez, ou ter uma recaída, porque estes bebés, é o que a Doutora nos diz, são bebés que vão ter, têm de ter outros cuidados,

não é como a minha filha, nasceu, foi para casa, prontos... Foi muito normal e com ele se calhar vamos ter de ter outros cuidados mais... mais atenção às mudanças de temperatura porque... os pulmões dele são pulmões muito... muito frágeis, após dois anos serão sempre uns pulmões muito, muito complicados e prontos... São nessas coisas que se vão desenrolando e se Deus quiser... Vai correr tudo bem e prontos... É assim a vida... A vida prega-nos estas partidas e nós, às vezes pensamos, isso só acontece aos outros e ouvimos falar, ah e tal é ao outro e não é a mim, e tal mas às vezes se calhar... É assim, se calhar, a minha mulher esta a demorar um bocadinho mais... para ultrapassar toda esta situação deve demorar mais algum tempo, porque ela é muito... muito mais preocupada, e o que é que vai acontecer e será que vai estar bem... E eu se calhar eu se calhar não sou bem assim. Sou mais: vai correr tudo bem! Porque é que não há-de correr tudo bem? E prontos... Se calhar no meu... inconsciente eu penso que se calhar realmente poderá acontecer, poderá ter uma recaída... mas não vou estar a pensar nisso já, não é? Porque, é o que eu disse há bocado... Eu tenho de viver o dia-a-dia, à medida que ele vai passando as coisas que vão surgindo a gente logo vê, não vamos já pensar no que pode acontecer... E se calhar eu passo melhor este tipo de situações do que ela, porque ela na altura em que aconteceu o que aconteceu ao... Fábio ela ficou, prontos... muito, muito trans... Como é normal, não é? ... e começou a culpabilizar-se, a dizer que ela é que era a culpada. Prontos foi uns meses um bocado complicados... Mas prontos, nós conseguimos passar com a ajuda aqui do pessoal que tem sido espectacular ao nível dos enfermeiros, dos médicos... Toda a gente tem sido muito, dá-nos apoio, falam-nos... Nem que seja para nos dirigirem uma palavra amiga... uma palavra fora daquele contexto a que estamos habituados do pai, da mãe, das tias, do irmão, parece que não mas ajuda e nós ficamos mais confortados e acho que tudo isso vai ajudar e nós vamos conseguir! Vamos conseguir passar.

3ª Entrevista

22.02.2009

#### Caracterização Social e Demográfica do Pai:

**Nome:** João.

**Idade:** 28 anos.

**Naturalidade:** Mato Grosso, Brasil.

**Estado civil:** Solteiro.

**Constituição do agregado familiar:** João, companheira e o Lucas.

**Religião:** Não tem (ateu).

**Escolaridade:** 11<sup>o</sup> ano.

**Profissão actual:** Empregado de Balcão.

Caracterização da Gravidez, Parto e Peri-Parto:

**Tempo de gestação:** 27 semanas e três dias.

**Paridade:** Primeiro filho.

**Tipo de parto:** Cesariana.

**Peri-Parto:** No fim da gravidez, a mãe de Lucas apresentou perdas de sangue e esteve de baixa 10 dias. Antes da baixa terminar foi internada no hospital visto que a bolsa rompeu.

Caracterização Social e Demográfica do Bebê:

**Nome do bebê:** Lucas

**Data de nascimento:** 31/01/09

**Sexo:** Masculino.

**Peso à nascença:** 774 gramas.

**Estado neo-natal:** Internado por prematuridade. Teve uma infecção e foi necessário administrar antibiótico. Dificuldades respiratórias. Foi necessário realizar uma intervenção cirúrgica para fechar uma artéria.

**Índice de Apgar:** 6/7/8

Envolvimento Emocional:

**Como descreveria a sua relação com a sua companheira?**

Muito boa... Muito boa mesmo. Diálogo perfeito, trabalho normal, nada de stresse, nada de brigas, perfeito... Melhor é impossível.

**Como é a sua relação com o resto da família, tanto da sua parte, como da parte da sua companheira?**

A minha família é afastada, não é... A família mora no Brasil, desde quando eu vim para cá, nenhum deles se propôs a vir para Portugal, só eu é que vim sozinho. Já moro aqui há oito anos. A nível de família eles estão lá, tento matar saudade através de telefonemas... Fora isso, quando posso, vou lá visitá-los. Mas nunca eles vieram cá por motivo financeiro, porque a passagem é muito cara, eles não vieram. Ela a mesma coisa, ela tem a mãe que mora na cidade dela... que era da Roménia, mora lá também e a mesma coisa... situação, quando ela pode vai lá visitar, mas a mãe nunca esteve aqui em Portugal. Mora lá

também... Não pode vir aqui constantemente... Só através de telefonemas é que ela tenta matar um pouco da saudade com a mãe. O pai já é falecido, tanto o dela como o meu, então por isso nós não temos pais. Irmãos ela tem também, está na Grécia, o outro está na Espanha e o outro nos Estados Unidos. E o meu... ficou tudo no Brasil.

### **Em que contexto surgiu este bebê?**

Olha... não foi uma gravidez programada, foi uma gravidez que surgiu, mas é claro, desde o momento em que ela opta... ia ser mãe eu acolhi ela na minha casa, porque a gente tava só namorando, a gente nem sequer morava junto... Eu acolhi ela na minha casa... a gente passou a morar junto, passou a constituir uma família... Claro que foi depois de ela dizer que estava grávida... Foi uma gravidez... sim, desejada, porque eu sempre quis ser pai... ela também tinha esse sonho de ser mãe, mas é claro... Todo o mundo, a gente... faz programações, programar que ele ia nascer, nove meses dentro dela, que ia estar tudo bem, isso a gente programou só que ele... veio nascer antes... antecipou tudo. Então ela estava trabalhando, e o que é que aconteceu com o trabalho dela? O patrão soube que ela estava grávida, mesmo ela estando trabalhando em risco, ela para não perder o trabalho continuou indo... Mas o patrão dela mandou ela embora na mesma... Assim que acabou o contrato dela, foi quando ele nasceu, ela ainda estando de baixa, mandou ela embora, recebeu a carta de despedimento em casa, dizendo que o contrato dela já tinha acabado, mesma ela estando de baixa por ter ganhado o Lucas, mesmo assim recebeu essa carta em casa. No momento, só eu estou trabalhando e ela está um pouco triste né, chateada por esse lado, mas por outro lado, ela está contente porque o Lucas está bem... sobrevivendo... A cesariana dele foi uma cesariana complicada, não é uma cesariana simples porque é uma criança de seis meses praticamente... Então tem os seus problemas. Eles tentaram de tudo para salvar ele, que é um recém-nascido, um bebê que está frágil, então não prestaram, totalmente... para ela os devidos cuidados... Não fizeram limpeza, não viram se tinha alguma coisa lá dentro, fizeram a cesariana dela, costuraram ela e mandaram ela para o quarto. Primeiro dia teve muita febre. Segundo dia febre... terceiro dia febre e quarto dia febre e eles não sabiam de onde é que vinha aquela febre. Então, deram muito medicamento para ela para ver se cortava a febre, enquanto estava sendo medicada, a febre baixava mas não acabava... Assim que terminava a medicação... voltava... e então ela agora foi fazer a primeira ecografia, nada mostrou, nada mostrou... e essa febre nada de parar... No outro dia, na segunda ecografia... estava lá a placenta lá dentro ainda... placenta, sangue, coágulos... Então eles não tiveram o cuidado de limpar ela quando fizeram a cesariana... Então... ela teve que ser, novamente, sedada, ou seja, com o gás e eles fizeram sucção para tirar porque não podiam fazer uma nova cesariana. Então fizeram uma limpeza... com um tubo... de sucção tiraram as coisas todas... E outra... quando ela

estava lá em baixo, para fazer a cesariana, de cesariana, teve o acompanhamento todo... e tinha muitas pessoas estagiando nesses dias. Então, em vez de um médico profissional, aí... pronto dar assim, aplicar o soro correctamente, tava deixando com que eles, os estagiários... para aprender, como se deve fazer, tomassem a iniciativa de ir lá fazer... mesmo assim os estagiários, como não sabiam como administrar correctamente o soro, tinham uma pessoa que furou ela cinco vezes para achar a veia, pá introduzir o soro... e ela sentindo muita dor, que é uma mãe muito frágil porque o filho nasceu de 6 meses, prematuro, é normal uma pessoa estar frágil, é normal uma pessoa que está desejando uma gravidez normalmente, estar frágil, não é? E... ser cobaia dos outros acho que ninguém quer, ainda mais na situação dela, está entendendo? Estar ali a ser tocada por outras pessoas que não têm conhecimento necessário, eu acho que é um pouco negligente da parte deles. Deveriam fazer isso, claro que todo o mundo tem de aprender na área de medicina, mas que procurasse... determinadas pessoas que não tivesse... com esse sofrimento, agravado... Eu acho que dessa parte eles tiveram um pouco de negligência. E da parte também de ter deixado lá algumas coisas... a placenta, sangue, coágulos e essas coisas todas, também foram negligentes. Da outra parte, eu... na minha parte vejo que estão fazendo de tudo para o melhoramento do meu filho, desde que ele nasceu, até agora. Só que da parte dela deixou um pouco a desejar... É o meu relatório disso que se passou com ela... Fora isso foi bem atendido, sempre que eu precisei... me deram informações, nunca me esconderam nada, desde quando ele nasceu me explicaram as coisas... e só. A nível disso está melhorando, aumentando o peso, devagar, está tendo um bom desenvolvimento, até agora... claro que os médicos, eles, nunca vão assumir total responsabilidade de uma criança... o que eles me passam é assim: hoje está bem mas nunca se sabe o dia de amanhã. Como todo o médico, como todo o profissional não vai ficar com a responsabilidade e dizer: Ah está tudo bem, não ele vai-se safar e amanhã acontece uma tragédia e as pessoas caem em cima desse médico, então você me disse que ele estava bem e hoje aconteceu essa tragédia? Então, por isso, para tirar a total responsabilidade da situação dele, também compreendo, eles dizem assim: Hoje está ótimo, mas nunca se sabe o dia de amanhã. Por esse motivo também concordo com eles, é ter a responsabilidade de uma coisa que nem sabem se vai acontecer amanhã.

### **Como se sentiu face à gravidez?**

... Fiquei muito feliz! É o meu primeiro filho, sempre desejei ser pai, nunca... até ela já sabia antes de ela ter mesmo... Antes de ter ficado grávida ela já sabia que eu sempre quis ser pai. Nesse momento, primeiro foi festa, alegria total, como todo o pai que deseja uma criança faria.

**Como se sentiu face à perspectiva de vir a ser pai?**

Festa, alegria total... Claro que a gente deseja de uma gravidez normal, sem esses controversos todos que teve... Isso acho que todo o pai quer um moleque sadio, quer que saia daqui e dois dias com a gente em casa, acho que todo o sonho de um pai é esse. Apresentar logo para os amigos e fazer aquela festa toda... fiquei um pouco chateado por não... por esse lado, por nascer prematura, estar aí ainda... é um bocado cansativo estar aqui e acompanhar isso tudo mas, por outro lado estou ansioso que ele saia daqui, melhore... brincar, levar ele para ver os amigos, é assim... Meus amigos todos querem conhecê-lo, querem fazer festa, já programou... só que por enquanto... tem de se aguardar.

**Como imaginou o seu bebé?**

Acho que a gente cria... uma imagem de um filho... que tenha tudo... Sadio, que brinca, que faz de tudo... Acho que... um super filho. Acho que todo o pai desejaria isso. Desde o momento de uma gravidez, até ao nascimento só fica pensando nisso... Nossa vai ser um molecão, no outro dia está brincando comigo, jogando à bola... Acho que todo o pai fantasia um pouco... Claro que tem depois aquele cuidado todo: levantar cedo, o moleque está chorando, acordar duas, três, quatro, cinco vezes durante a noite, o moleque está chorando, tem de procurar fralda. Acho que o pai não mentaliza o lado ruim da coisa. Mentaliza só o lado bom, quer ser pai, quer tar ali, quer cuidar, quer mimar, fazer carinho... só o lado bom. O lado ruim claro que todo o mundo passa... mas a gente não... a gente acaba por nem esquecer... Porque tem momentos bons que supera aquele... trauma. É claro levantar de manhã, oh... cansado de tar ali... É um bocado stressante mas por outro lado tem aquele lado bom... Fantasia de ser pai é muito bom... Acho que todo o mundo que ainda não foi, no dia que for vai ver... como, como é que é, que não é como viver uma vida sua... Não é um sonho que você mentaliza, que vai acontecer. Claro que pode acontecer erros, pode acontecer também, como no meu... Ele nasceu... não foi aquele o trajecto que eu imaginei... Foi um trajecto totalmente reverso. Mas desde o momento em que ela começou... e estava grávida... em que eu nem sabia se era homem ou mulher, eu fantasiei logo que era... eu sempre quis ser pai, não importa se era homem ou mulher mas... já fantasiei aquela história... de ter um super filho, do meu lado, brincando e... que... no meu trabalho tem quatro pessoas que tiveram filho este ano... Então eu vejo a alegria dos pais quando estão lá, e levam o menino lá, parece que é tipo assim: É meu, tá vendo? Fui eu que fiz... Olha é a minha cara, é o meu sangue... e é engraçado que eu brinco com os filhos deles lá, nossa é legal, se sente bem então imagina com o meu... Andar com ele, passear, e ver a cara... O pai dele fica bobo né, por causa do filho, então é a reacção que todo o mundo quer ter... É essa.

**Como se sentiu quando o seu filho nasceu?**

Senti triste... porque a fatalidade que aconteceu... Senti muito triste... nunca imaginei que acontecesse isso, nem eu, nem ela... Chorei muito, ela também... por aconteceu o que aconteceu mas... a gente temos de superar tudo de uma vez, né? Melhor assim ele estar vivo do que ter nascido faleceu... então... agradeço muito a Deus, aos médicos, por isso, porque ainda tem chance de vida, então a gente está sempre pensando no lado positivo... Eu senti triste.

**Como se sentiu quando viu o seu filho pela primeira vez?**

Chorei bastante eu... Porque ele é muito frágil, muito pequenininho, parecia um mosquitinho ali dentro, só tinha olho e mão... por isso fiquei muito triste. Nunca imaginei o meu filho ser daquele tamanho, tão pequenininho, tão frágil ali dentro daquele... daquele aquário ali... incubadora... senti muito ruim... nem quis pegar nele, sei lá...uma coisa ruim, não foi como eu imaginei.

**Como se sente actualmente?**

Ah, agora já... estou mais calmo, né? Relativo a ele já me sinto bem melhor... Já pego nele, já me sinto... mais à vontade... Claro que ainda tem aquele receio de que alguma coisa aconteça amanhã mas, estou preparado, ela também, a gente conversa muito sobre isso. Então deixamos tudo na mão de Deus, Deus sabe o que faz, se ele achar por bem... que ele vive, a gente... temos que... tá na mão dele, a decisão é dele. Estamos preparados para tudo o que vier... Se ele sair daí hoje e tiver bom a gente leva ele para casa e sobreviver, não é? Mas se sofrer uma fatalidade, também estamos preparados para tudo. Claro... O impacto forte logo no início foi grande, a gente nunca... estava imaginando isso mas a gente agora está mais calmo... né... mais conscientes do que o que aconteceu é normal e tudo... E estamos melhor, estamos mais confortáveis... Ainda mais que ele só tem vindo a melhorar, depois dessa cirurgia, depois de tudo isso, então ele só tem vindo a melhorar. Então a gente está mais aliviada nesse aspecto... Claro que qualquer recaída, a gente sente logo também, não é... é normal...

**Quantas visitas já fez ao bebé?**

Eu não posso vir todos os dias porque, porque eu trabalho muito... Eu não tenho horário estável. Quanto mais horas eu fizer, mais horas extra mais eu ganho. E no momento... que ela está agora... recebeu esta carta, eu já estou pensando no futuro, estou pensando na questão financeira. O lado mais, mais materno e paterno está na questão da mãe porque está de licença, pode vir quantas vezes quiser... O horário dela é um horário ilimitado, se ela não está aqui ela está em casa sozinha, então ela prefere estar mais na companhia dele.

Claro que eu me preocupo sempre, eu estou no trabalho mas... Fujo um bocadinho para agarrar no telefone perguntando se está passando alguma coisa, se está tudo bem, se ele já comeu, quanto quilo ele tem, se já fez alguma coisa... Mas através dela que está aqui diariamente, todos os dias ela vem tirar leite, então ela está fazendo o papel de fiscalizar e de me passar todo o tipo de... problemas ou melhoramento. Por isso é que eu também não estou vindo aqui, porque se ela vem, ela já me passa que ele está bem, que está acontecendo coisas boas...então eu já fico mais aliviado. Claro... quando eu posso, eu venho. Hoje saí... saí quatro horas e vim, mas tem dias em que eu saio oito, nove, dez horas da noite. Quanto mais horas eu fazer, melhor para mim, final do mês maior será o meu salário... claro que não é tão grande! Mas já ajuda.

### **Costuma sonhar com o seu bebê?**

Ah, nos primeiros dias eu tive pesadelo... Não foi nem sonhos, nos primeiros dias... aquele choque, aquele impacto, agora não, agora já costumo dormir normal. Mas antes nem conseguia dormir direito era só sonhos, pesadelos, era horrível mas agora estou melhor! Agora, é assim, não vou dizer que sonho com ele às mil maravilhas mas já consigo ter um sonho melhor. Muitas das vezes nem sei o que sonhei, mas já não é aquele sonho... o acordar assustado, olhar para o lado... no começo é assim. Quando... O sonho é reflexo do seu dia-a-dia, se você está estável, está tudo bem na sua vida, você tem um sonho calmo, se você está perturbado por qualquer tipo de problema, seja financeiro, seja familiar, o seu sonho não é um sonho bom, o seu sonho é um sonho perturbado. Você tem pesadelos, você tem insônia, você não consegue descansar. O essencial: você dorme e no outro dia você acorda mais cansado, mais problemático, mais triste, mais deprimido que o outro dia anterior. Porquê? Porque o seu dia não correu tão bem. Se você tiver um bom dia, o seu sonho vai ser um bom sonho. Se tiver um péssimo dia, garanto que você não vai descansar nada. Vai fechar os olhos mas os problemas vão estar na sua mente ali 24h, no outro dia você vai acordar péssimo, isso se conseguir dormir, né? Então no meu caso com ele foi isso... Não esperava isso que aconteceu com ele né, nasceu muito pequenininho... ver aquele mosquitinho ali dentro ali... fogo choca qualquer pai. Então, os primeiros dias foi sempre olhar para ele, ver aquilo, chegar a casa e ter problemas com isso.

### **E durante a gravidez chegou a ter algum sonho com o Lucas?**

Ah, quando ele estava lá dentro e eu estava a imaginar ele a crescer, a jogar futebol comigo, a brincar. Aí já era uma fantasia que a gente criava na mente... e acabava por sonhar com isso, né? Um filho... 100%... Mas quando ele nasceu foi diferente... só isso...

### **Fale-me do seu filho (características, particularidades...)**

Eu acho que ele... vai ser muito alto porque ele tem os membros muito grandes. Tanto o pé, como a mão, como os braços. Primeira coisa que eu notei foi isso, logo. Ele nasceu de seis meses então durante os seis meses... que uma criança fica dentro da barriga da mãe ela desenvolve bem os membros, braço, perna, orelha nariz... depois do sexto mês, até um ano ela vai ganhar peso e corpo... corpulência. Vai ganhar muita massa, vai engordar, vai crescer sadio... esses três meses finais da gravidez é para ele engordar. Então, ele só desenvolveu... os membros, o braço, nariz e nasceu... faltou lá... o fundamental que é o desenvolvimento da massa, que é ele engordar, ganhar peso e ficar enorme. Então, os outros três meses que faltou agora ele está ganhando fora da barriga dele, dentro da maternidade, dentro de uma incubadora. Ele nasceu com os braços e com as mãos muito grandes, você olha assim, ele parece um mosquitinho mas, as outras coisas são grandes, braço, mãos... Eu gravei até um vídeo, no primeiro dia ele estava já gesticulando, com braço enorme, perna grande... mas enfim, era pequeno, né? Normal não é um bebezão, um super bebê, é um bebê normal só que tem mais desenvolvimento nessas partes. Creio por isso que ele vai ser um pouco alto, um pouco grande... porque tem esses membros maiores que desenvolveu durante os seis meses. Claro que agora ele, ali dentro, pode desenvolver os outros membros que é o corpo, a cabeça, os olhos, a boca e desenvolver... futuramente tudo... junto.

### **Tem vontade de interagir, de se envolver com o seu filho? De que forma?**

Sim muita... Já faço muitas coisas com ele... já brinco, já falo, um montão de coisas... tudo...

### **Interage com o seu filho?**

Ah, eu brinco com ele, já pego nele, já converso com ele, ele fica olhando para mim, já abre os olhos... Quando eu chego perto dele ele já abre os olhos, já conhece, já sabe quem é que está ali. Já ri! Tem uma força ele! Claro que a mão dele só segura um dos dedos não é... mas ele já segura com força. Sabe que a gente está ali e que a família dele é aquela. Claro que tem interação com os outros também, com os médicos e todos mas... eu, no meu caso eu sinto que... ele sente que eu estou ali presente. E a mãe dele também... a mãe dele até falei para ela: pára de chorar que ele está olhando para você e realmente... quando ela começou a chorar perto dele, ele olhou logo para ela e arregalou os olhos. Eu falei: tá vendo, ele está vendo você chorar, é melhor você parar de chorar porque ele está sentindo. Depois que ela ficou mais calminha e meteu a mão na incubadora e começou a falar com ele, ele ficou mais calmo e dormiu. Eu acho que ele sente. Todas as crianças acho que sente sim.

**Descreva-me o que faz num dia típico de visita ao bebé.**

Ah, procuro saber de tudo. Como é que ele tá, peso, quilo, como é que ele se portou durante a noite, se ele tá melhor, se ele tá pior. Comunico com ele, meto a mão lá dentro, mexo nas mãozinhas, nos pezinhos... Tento tocá-lo ao máximo possível... claro que eu não posso ficar muito tempo a tocar nele por que o ar sai, o ar quente... tem uma temperatura... como se fosse na barriga da mãe dele, tem de ter uma temperatura certa. Se eu ficar lá muito o ar sai e fica um bocado frio... Mas brinco com ele, tento perguntar para os médicos se está tudo bem... mesmo eu já sabendo, um dia que eu não venho cá, que ela me transmite que está tudo bem, eu chego em casa à noite e ligo para cá... Para saber se teve alguma coisa e tal... A gente tem uma ligação... A gente pode ligar 24h se quiser, tem um número específico para ligar e perguntar as coisas que tá se passando com ele... mas... além dela me passar as coisas, que eu já sei, que ele tá bem e tudo, ainda ligo para ver se aconteceu alguma coisa.

**Como se sente enquanto pai?**

Ah cara... não dá pá descrever... No começo você sonha, você fantasia, mas depois, quando você cai na real é totalmente diferente. Ainda mais na minha situação em que ele nasceu prematuro, não é... Se ele tivesse nascido normal seria, nossa... Eu estava alegre e agora estava saltando fogos... Mas enquanto ele está correndo risco de vida, eu não posso nem dizer nada... porque amanhã depois acontece uma tragédia, então... eu não posso estar comemorando agora... uma coisa que eu ainda não sei. Quando ele estiver um pouquinho maior e eu puder levar ele para minha casa... que eu tiver a certeza a 100% que não vai agravar nada a situação dele, aí eu posso te falar que é... 100% de alegria... porque eu sei que o meu filho vai sobreviver, vai crescer, vai ficar grande, não é... Enquanto não tenho essa certeza... ééé constantemente você está preocupado com uma coisa: se vai sobreviver, se não vai, se vai morrer, se vai ficar vivo... se vai melhorar, se vai piorar... então você nunca está feliz, completamente... você tem 60% de felicidade, 40% de tristeza... Você está em casa e começa a imaginar as coisas que pode acontecer com ele... mesmo que não acontece, mas você... Todo o ser humano ele tem de mentalizar o bom e o mau, nunca pode mentalizar só o lado bom, positivo, porque chega lá na frente e acontece alguma coisa e... fica deprimido, acontece depressão, suicídio, morte. Qualquer pessoa que pense só positivo, quando acontece qualquer coisa de errado, ele vai abaixo, ele vai lá ao fundo... ele fica deprimido. Então a pessoa tem de pensar o seguinte: 60%... positivo... 40% negativo... Olha aqui... Sempre pensar um pouco mais de positivo, mas se der errado, você também pensou o lado errado. Você nunca pode estar com os dois pés num degrau só, se degrau cair você cai com os dois pés. Se tiver um no sim e um no não, já fica controlado. Então o que eu faço é o seguinte: é viver cada dia... É claro sonhar que ele melhore... mas

também não posso comemorar já. O médico sabe que ele ainda é muito pequenininho, é muito frágil, pode acontecer muitas coisas, como já aconteceu com outros pacientes, pode acontecer... O meu também não está 100% salvo... Por isso é que eles dizem assim, hoje está bem, mas quem sabe amanhã... Por isso eu nunca estou 100% alegre. É claro, tou alegre, tou alegre porque sou pai... mas por outro lado ainda estou triste... por não ter essa certeza. Tão... não é 100% alegria, tou alegre mas... 60% de alegria, 40% de tristeza... por eu não saber ainda o certo, tudo ainda... em relação a ele.

### **Qual a sua motivação para interagir se envolver com o seu filho?**

Ah, eu sempre tive essa vontade de ser pai, acho que desde pequeno, acho que pai é uma coisa muito boa, eu acho que é isso... Não saberia quando ia ser pai, mas... tinha uma coisinha dentro de mim assim que... no dia em que eu fosse ia mudar totalmente a minha vida para o lado... bom, para o lado positivo... interagir com o meu filho nesse aspecto... Então eu fui criado, o meu pai não me deu muito carinho porque eles tiveram separados desde muito cedo, era muito pequeno. Então não fui criado com a presença do meu pai, nem na minha casa... na casa da minha mãe... mas também nunca fui maltratado, nunca foi nada disso... Então essa ausência talvez do meu pai presente, eu não quero passar isso para o meu filho... Então eu acho que o mais forte de um pai é presente no crescimento e desenvolvimento do filho. Depois de uma certa idade talvez não porque eles ficam independentes. Costuma ser aos 15/16 anos já pensa que são uns... podem mandar e fazer o que quiserem... mas até essa idade, que é uma idade problemática, uma fase em que você precisa muito dos seus pais... estar ali tipo escudo protector... Então eu acho que é isso que me motiva mais a cuidar dele agora porque... porque poh, ele é muito pequenininho, está ali, está frágil, então eu tenho de me dar ao máximo possível para ajudar ele... em tudo! Seja no carinho, seja na atenção, seja no alimento, eu já estou pensando em comprar coisa para ele... deixar de comprar coisas para mim... Estou a pensar já em poupar... para ele. Eu já falo lá no trabalho, isso aqui é para meu filho, não é mais para mim, que agora já nasceu o meu filho, já digo assim o meu filho... Primeiro não. Primeiro eu falava assim: vou comprar isso para mim... Agora não, é para ele, tudo em prol dele. A minha vida totalmente agora é para ele. Então, eu acho que é assim: ser pai é a melhor coisa do mundo... e ser pai... não é só fartura de fazer, cuidar, estar ali presente... porque tem muitos que não tão nem aí, engravida, xau, fui... Acho... isso não é ser o pai, dizer ah sou o pai, não! O pai é o cara que se preocupa, o cara que está ali e interage com a família, interage com o filho... Isso é ser um bom pai, é claro que... há pais e pais... o meu não foi tão bom para mim... traiu a minha mãe, a minha mãe também não... não entre aspas não gostava de ser traída né... Mesmo gostando dele não levou avante, não. Colocou ele para

fora de casa mesmo, virou o barraco... Como todas as pessoas não gostam de ser traídas, a minha mãe também não gostou... Então foi isso que aconteceu...

### **Como se descreve enquanto pai?**

Ah eu vou dar o melhor... sem dúvida... O que eu puder fazer... melhor, eu faço. Pensando no bem-estar dele, sempre... no meu trabalho em casa, onde eu estiver, vou dar o meu melhor para ele...

### **Qual a sua opinião sobre o envolvimento do pai desde tenra idade? Desde os primeiros meses do bebê?**

Muito importante. Eu acho que a criança precisa muito de carinho e afecto. Logo nos primeiros dias de vida melhor ainda. Vai dar mais confiança... só vai trazer o benefício da criança... está ali, está pegando, está tocando, está brincando... está fazendo aquela criança evoluir... E logo desde o início evolui, tudo melhor para a criança...

### **Qual a opinião da sua companheira sobre o envolvimento do pai com o filho desde tenra idade?**

Ahhh, sempre... Sempre, ela falou que jamais ia ter um filho, já que vai ter um filho jamais teria o filho sozinha. Ela quer sempre o pai do lado, sempre. Nunca pensou em ter um filho sozinha, não importa se você é o pai e agora vou criar sozinha, não. Sempre quis que eu me envolvesse do lado dela. Cuidando dele, ajudando nas coisas, em casa mesmo, ajudando, cuidando... Isso ela sempre teve esse prazer. Colocou sempre essa questão. Tem muitas mulheres que hoje em dia são independentes, não tá nem aí... engravidou olha, vai viver a tua vida, deixa ficar eu com o meu filho, não se importa contigo, mas ela não, ela é totalmente contra isso, ela quer que eu esteja presente, então juntou duas coisas, eu quero estar presente e ela quer que eu esteja... Então juntou-se as duas coisas juntas... Se ela não quisesse... Eu, eu pela minha parte, como queria ser pai, eu me impo, me impor a ela. Eu sou pai e vou tar, vou batalhar por ele, queira você ou não... Agora já que ela quer melhor ainda porque eu também quero. Os dois querem a mesma coisa.

### **Há alguma coisa que queira acrescentar?**

Não, eu acho que está ser bem cuidado, dou os meus parabéns aos médicos aí, aos enfermeiros que estão cuidando dele... Estão fazendo de tudo o que podem, né? Claro que ninguém pode dar a vida a um ser humano... se for a vontade de Deus que ele viva com certeza ele vai viver... Mas para isso há muitas coisas e eles estão, estão cuidando bem dele... Estão sempre confortando a gente quando a gente está meio triste... mas foi bom.

4ª Entrevista

01.03.2009

Caracterização Social e Demográfica do Pai:

**Nome:** Paulo.

**Idade:** 39 anos.

**Naturalidade:** Espírito Santo, Brasil.

**Estado civil:** Casado

**Constituição do agregado familiar:** Paulo, esposa e a Paoula.

**Religião:** Católico praticante.

**Escolaridade:** 12º ano.

**Profissão actual:** Assentador de pisos.

Caracterização da Gravidez, Parto e Peri-Parto:

**Tempo de gestação:** 33 semanas.

**Paridade:** Primeiro filho.

**Tipo de parto:** Parto Eutócito.

**Peri-Parto:** Descolamento da placenta aos dois meses. Teve de ficar em repouso um mês.

Caracterização Social e Demográfica do Bebê:

**Nome do bebê:** Paoula.

**Data de nascimento:** 25/02/09.

**Sexo:** Feminino.

**Peso à nascença:** 1,830 kg.

**Estado neo-natal:** Internada por prematuridade.

**Índice de Apgar:** 7/9

Envolvimento Emocional:

**Como descreveria a sua relação com a sua companheira?**

Óptima! ... Que mais eu posso dizer... de muita compreensão, de muita amizade, de... enfim, tudo o que eu acho que é necessário para um casal... poder viver bem e... constituir família... E agora com a vinda da Paoula então só vem agregar mais um monte de qualidades assim... É muito interessante, é até de ruim para descrever... o facto... do

nascimento da nossa bebé até... com palavras é um pouco complicado, o sentimento, só de quem... só quem vive a situação para poder... saber melhor... mas em relação ao casamento é muito bom.

**Como é a sua relação com o resto da família, tanto da sua parte, como da parte da sua companheira?**

Penso que boa... Acho não, tenho a certeza. Damo-nos bem...

**Em que contexto surgiu este bebé?**

Na ocasião, onde foi, ou coisas desse tipo? ... Quer dizer...foi uma gravidez planeada, a Pricila já queria muito, eu também e... enfim, quando nós fomos ao carnaval no Brasil, no carnaval... não, foi esse ano, em Junho, tinha festas lá na cidade e nós fomos para a praia como nós queríamos e graças a Deus, ele abençoou, ela está aqui. Foi uma altura planeada em que já desejávamos a Paoula.

**Como se sentiu face à gravidez?**

...É você fica... Como eu me senti... Feliz, numa série de coisas, você já começa... dali já muda muito o seu pensamento... Tudo o que você pensava para você, e para a sua esposa, já muda. Você já pensa para a sua filha, é tudo para a sua filha, desde o momento da gravidez. Já existe preocupação, porque você já pensa no futuro dessa criança, em termos de escola, em termos de educação, em termos de saúde, em termos de tudo, enfim... Aí você... O seu pensamento já muda muito, você já começa a pensar como pai... E é por aí... Algumas coisas que você pensava para você, você já deixa de lado, é tudo secundário, a prioridade é a sua filha... a prioridade é a sua filha.

**Qual foi a sua primeira reacção?**

.... Epá, eu fiquei passado, assim... Por mais que você deseje aquilo tudo, você fica assim: caramba, está grávida... É a nossa filha que está vindo por ali... É, é surpresa, é surpresa, uma felicidade muito grande, é até difícil de explicar. Você fica realmente muito surpreso e... feliz, muita felicidade. É uma mistura, fica tudo muito junto.

**Como se sentiu face à perspectiva de vir a ser pai?**

Como eu me senti... É... eu me senti obviamente bem e me senti que a responsabilidade que já viria por ali, que eu deveria ser mais, não que eu não seja responsável, mas que eu deveria ser mais responsável... e... é um sentimento... A pessoa para... todas as vezes que o meu pai conversava comigo sobre, sobre ser pai e mãe, ele falava você só vai ter total... conhecimento da coisa quando você for... mas antes falar agora porque às vezes, enfim...E

então é... a emoção é... muito emocionado, é uma sensação assim que... é difícil para descrever, como te falei, é muito difícil, é muito difícil, então até agora, até agora, eu ainda fico mais ou menos, fico pensando é a minha filha que tá ali... É difícil de descrever, bastante... Você fica meio passado, meio bobo. É muito forte, é muito grande...É de um tamanho que você não tem nada, nada mais importa... É muito grande...

### **Como imaginou o seu bebê?**

Como imaginei? Como... Que ela se parecesse realmente como a mãe... Eu queria que ela fosse exactamente como a mãe dela... No início eu, quando ela falou que estava grávida, eu... ah se for um menininho, lógico eu quero que seja como... se for um menino quero que se pareça bastante comigo. Mas no caso da menina, e como eu estou tão feliz, tão feliz eu queria que realmente ela nascesse exactamente como a mãe. E ela é realmente como a mãe, os traços bastante, a fisionomia, tudo...eu acho que vai ser como a mãe.

### **Como se sentiu quando o seu filho nasceu?**

Caramba... Como me senti? ... É... É difícil para falar... o sentimento... é eu acho que talvez 20 minutos ainda é pouco para eu te dizer tudo... você, você... a partir dali você... a partir dali você dá mais vontade de viver, mais vontade de trabalhar, mais vontade de tudo! Tudo em prol da sua filha... Agora eu tenho uma família de verdade, eu, a minha esposa e a minha filha... Então... Então é, o sentimento daquele momento ali é... ah caramba é muito forte, é... quando você joga futebol e faz um golo, é muito legal... Então você não tem como, não tem como comparar isso aí... é uma dimensão totalmente diferente... Alguma coisa com mérito que você conquista. Talvez você acordou, você é formado em psicologia e tal... Uma coisa que deu muito prazer na altura em que você se formou, com o seu canudo e tal... é uma coisa muito grande... O seu filho é muito maior do que tudo isso... É superior a todas as conquistas. É uma conquista... jamais... Tudo o que você fizer na sua vida não vai ter nada igual.

### **Como se sentiu quando viu o seu filho pela primeira vez?**

Realização... Realização... Total felicidade sem ser contida... você, você... você chora, você ri, você... É um sentimento forte, você fica realizado... Qualquer tipo de problema que você tiver, deixa de ser problema... Acho que tudo na vida você vão encarar com mais facilidade, vai ponderar mais, você vai tudo... enfim, problemas existem problemas. A partir do momento que você tem sua filha, você tem de viver para a sua filha. E os problemas, qualquer tipo de problema, qualquer tipo de vaidade fica para trás, fica de lado, qualquer tipo de loucura fica de lado. E... a realização total... de ser pai é... bem bacana.

**Como se sente actualmente?**

Actualmente eu tou ainda... a ficha está caindo ainda, eu tou ainda me assentando ainda... perante a situação... mas eu sou pai. Mas ainda não estou assim... Parece que você ta um pouco sonhando ainda... É quando você dorme, você... você olha o bebé, vem aqui vem aqui ver o bebé, você, você, eu ainda não consegui assim assimilar essa coisa toda. Estou a adaptar ainda, ainda está um pouco... recente, tá bem que já fez 3 dias, 4 dias... Mas demora algum tempo antes de você... por mais que você...é maravilhoso, é óptimo... maravilhoso e tudo mas eu acho que é normal, é um sentimento normal, é uma coisa normal, não é um sentimento mau. Até que você comece... até a ficha cair realmente você está ali e você é pai. É complicado de responder, difícil de responder... mas dá para sentir.

**Quantas visitas já fez ao bebé?**

Desde que ela nasceu, dia 25. Todos os dias eu estou aqui.

**Costuma sonhar com o seu bebé?**

Até acordado. Já desde a gravidez. Eu disse a ela, eu quero ser um pai muito presente desde a gravidez é... desde quando Pricila falou que estava grávida a gente sempre foi bem... unido assim, e já...sonhava bastante com a bebé e tudo.

**Lembra-se de algum sonho em particular?**

Ah Caramba... Muito de estar com ela. Quando a gente vai para o carnaval, de férias no Brasil... de estar com ela, com os meus familiares, com os familiares da Pricila... Estar na praia com ela, com os brinquedos, enfim, essas coisas todas que só se sabe quando se é pai, né? Passeando, essas coisas todas.

**Desde que a sua bebé nasceu teve algum sonho?**

...A gente já está vivendo um sonho! Nós estamos a viver um sonho que graças a Deus estamos realizando então... Nós vivemos com ele e sonhamos todos os dias com ela e é assim... Costumo sonhar bastante, como te falei, é inevitável, é inevitável, até porque até porque daqui para lá agora você tem...uma série de responsabilidades que vem junto... Começamos a pensar, desde quando ela nasceu, e a gente começa a pensar daqui, tudo bem... eu não estou acreditando mais eu... começa a pensar vários anos... então quer dizer, quando você dorme... ai já sonha, quando ela tiver de namorar, quando, essas coisas todas de pai... Então você sonha isso tudo, você sonha, você imagina, até mesmo acordado como te falei... E obviamente quando você dorme, essas coisas vêm, aparecem e você acaba... às vezes até falo, a Pricila fala... que a dormir eu falo, converso e tudo... e é assim.

**Fale-me do seu filho (características, particularidades...)**

Ela... Já pensei que ela vai ser muito convencida... É que ela ri muito! Ela é um bebezinho tão pequeno e já está sorrindo bastante. E... talvez assim como a mãe, talvez um pouco stressada como a mãe, não stressada no sentido de stresse mas... assim muito... activa, a mãe dela é muito activa. E já percebo nela que... deve ser como a mãe também. E que tipo de características mais... a nível físico acho que ela vai parecer bastante com a minha família, as mãos são compridas, ela já é grande e comprida, as pernas... Acho que essa parte física acho que vai puxar mais aos meus familiares, isso é facto... mas a fisionomia e isso tudo deve ser mais com a mãe dela, provavelmente. Espero que ela não seja tão stressada como a mãe dela. Ela é muito impulsiva... Queria que a minha filha não fosse tão... Porque às vezes as pessoas com esse tipo de comportamentos... às vezes acho que tanto stresse é ruim... As pessoas têm que ser stressadas mas também... têm de ter um tempero, mas eu acho que às vezes é ruim porque... acaba se atrapalhando um pouco por não pensar antes de fazer... e às vezes Pricila é assim. Ela pensa, faz! Antes de pensar. Eu queria que ela não fosse assim, fosse mais contida como eu, mais calma, mais ponderada... calma, depois faz, pensa primeiro e depois faz. A Pricila não, faz primeiro para depois pensar. Eu queria que ela fosse mais assim... eu não sei mas ela também não tem de ser... A mão assim comprida como a minha, o corpo... Eu acho que ela vai ser como a minha família. Só eu é que sou pequeno, meu pai e meus irmãos são grandes. E é assim...

**Tem vontade de interagir, de se envolver com o seu filho?**

É...lógico, óbvio!

**De que forma?**

Sinceramente eu não pensei ainda. Mas é óbvio, é necessário, eu quero ser um pai presente, como te falei quero ser um pai presente para tudo... em tudo, então vai ter de ser desde cedo. Desde que quando ela... é... até porquê desde quando ela estava na barriga de Pricila, estava em gesta... em período de gestação, eu já conversava muito com ela. Conversava, cantava, brincava... fazia tudo o que eu acho que é preciso para ter um relação bacana com o seu filho. Todas as vezes que eu conversava com ela, chegava do trabalho ela, ela já mexia muito... Quando eu chegava perto da barriga da Pricila, conversava e... a bebé já entende que é o pai que está ali e então... ela já mexia, ela já... eu penso que já sentia isso aí. Era o pai que estava aí, que está perto dela.

**Como se sentia com essa reacção?**

Ahhh... Você fica muito feliz, né... Você fica muito feliz... Você vê que é... já tem uma resposta positiva para o que você está fazendo, para o que você tá... Você está se

engajando a fazer... para o bem da sua filha, é uma coisa que... é uma realização muito grande... você tá tendo a resposta que esperava que tivesse... não é? É bem bacana.

### **Interage com o seu filho?**

Sim é óbvio... Converso... Faço como antes, mas agora a coisa é mais real, eu estou vendo, eu estou vendo... Embora ela não tenha certa... ela ainda não entenda... mas agora... quando ela está aí comigo e a gente conversa... que ela sorri, enfim que tem uma resposta, que ela abre o olho e olha para mim... Eu acho que é resposta... e eu já desde quando nasceu... a primeira vez... quando a Pricila teve a bebé eu já comecei a ter aquilo com a bebé... E assim vai.

### **Descreva-me o que faz num dia típico de visita ao bebé.**

O que eu faço... A primeira coisa que eu faço é olho e abençoar sempre... e acariciar, beijar, o normal, essas coisas... Conversar bastante... Eu falo muito... é normal. É muito gratificante... O facto de ela olhar... puxa... é como falei você fica meio bobo... fica bobo cara, fica bobo... é muito bom.

### **Como se sente enquanto pai?**

Como eu me sinto enquanto pai... Eu me sinto... Eu me sinto o homem mais feliz do mundo... Eu me sinto extremamente agradecido assim... Todo o tipo de... de... de... como eu vou-me sentir... eu me sinto muito bem... É difícil de descrever... sentimento é ruim de explicar. Eu acho que só com o passar do tempo assim eu vou estar assimilando melhor para estar respondendo melhor... Essas coisas que... acho que está muito recente... O sentimento de felicidade é tão grande e você fica tão feliz... É complicado para estar passando para as pessoas, as pessoas vêm e vê que você tem aquela coisa, aquele sentimento, aquela coisa bacana que está acontecendo. Que ninguém tem como sabê-lo, só quem é pai... Então é assim... Eu me sinto extremamente bem, extremamente feliz, extremamente realizado.

### **Qual a sua motivação para interagir e se envolver com o seu filho?**

A minha motivação? ... É o facto... É o facto... É o facto de ela ter sido... ter sido... gerada...pela Pricila, que é uma pessoa que eu gosto muito, que eu amo muito... Que nós passámos por uma experiência dura na vida... e Deus nos ter presenteado com a Paoula... Eu acho que... essa é a motivação maior... que eu acho... mais do que justo, que seja com a Pricila... que... viesse a ter aquele bebé... a motivação vem toda por ali...

**Por que razão acha que se envolve dessa maneira? Por que razão acha que se quer envolver?**

Porque eu acho que me envolvo com a minha filha? ... É uma pergunta que a outra responde... Porque eu acho... Porque eu amo a minha filha, porque eu amo muito a minha filha! Eu amo muito, muito ela... E é normal que eu tenha esse sentimento assim, que eu queira estar... que eu esteja motivado para estar presente... sempre... sempre... feliz por estar junto com ela... é normal...

**Como se caracteriza enquanto Pai**

É... compreensivo... amigo... um pai presente, como te falei... É...para qualquer tipo de assunto, é como eu vou ser com a minha filha... Eu sei que ela vai crescer, óbvio e que vai chegar a um ponto, a um ponto em que vai ter de seguir o caminho dela... E é assim... compreensivo, amigo... são as características que o pai tem de ter sempre. Estar presente sempre que ela precisar... independente de momento, de horário, do que for.

**Qual a sua opinião sobre o envolvimento do pai desde tenra idade? Desde os primeiros meses do bebé?**

O envolvimento do pai desde que... desde que o bebé nasce ali, é importantíssimo porque... Acho que os filhos dependem muito dessa protecção dos pais. Acho que todo o pai pensa assim. E que age dessa forma. Tudo bem que tem muitos pais que não fazem assim e que os filhos se perdem ao longo do tempo e tomam os caminhos da droga, prostituição e essas coisas ruins assim... Mas acho que... o pai é fundamental... é importante na criação dos filhos... quanto mais o pai é amigo dos seus filhos, quanto mais presente ele estiver, quanto mais próximo estiver, evita com que tenha outros ruins na vida. Em todos os momentos. Tem de ser amigo em todos os momentos do filho, para tudo, passar tudo para o pai, independentemente do que seja... independente do que seja, tem de passar tudo para evitar essas coisas desagradáveis que acontecem na vida. É assim...

**Qual a opinião da sua companheira sobre o envolvimento do pai com o filho desde tenra idade?**

A opinião? A opinião dela é que... Do meu envolvimento com a criança? ... Ela julga que é preciso, fundamental, ela pensa da mesma forma do que eu. A Pricila e eu pensamos de uma forma só... Existe confiança então... Ela acha fundamental e preciso que seja assim. Eu e a Pricila somos duas pessoas com muita coisa em comum. É assim... A gente encaixa-se bem.

**Há alguma coisa que queira acrescentar?**

Não, não tenho mais nada a dizer... Eu...o facto de ela estar aqui é... É preciso pelo facto de ela ter nascido prematura, mas ela está bem... e logo, logo vai estar connosco em casa e isso é que é importante.

5ª Entrevista

01.03.2009

**Caracterização Social e Demográfica do Pai:**

**Nome:** Pedro.

**Idade:** 38 anos.

**Naturalidade:** Oeiras.

**Estado civil:** Casado.

**Constituição do agregado familiar:** Pedro, esposa, dois filhos e o Martim.

**Religião: Católica:** Não Praticante.

**Escolaridade:** 9º ano.

**Profissão actual:** Agente da PSP.

**Caracterização da Gravidez, Parto e Peri-Parto:**

**Tempo de gestação:** 32 semanas.

**Paridade:** Segundo filho do pai (tem um rapaz de 6 anos). Terceiro filho da esposa (tem também uma filha de 14 anos de um casamento anterior).

**Tipo de parto:** Cesariana.

**Peri-Parto:** Tensão alta durante a gravidez. Diabetes Gestacional no final da gravidez.

**Caracterização Social e Demográfica do Bebê:**

**Nome do bebê:** Martim.

**Data de nascimento:** 22/02/09

**Sexo:** Masculino.

**Peso à nascença:** 2,625 kg.

**Estado neo-natal:** Internado por prematuridade. Padeceu de anemia e teve de ser submetido a duas transfusões de sangue.

**Índice de Apgar:** 7/8

### Envolvimento Emocional:

#### **Como descreveria a sua relação com a sua companheira?**

Muito Boa. É muito boa. Confiamos um no outro e isso é importante... Damo-nos bem... Não há mais nada... Não há mais nada para dizer...

#### **E com os seus filhos?**

É boa... Damo-nos bem... Estou muito presente... hummm... Prefiro estar com eles do que ir para outro lado...

#### **Como é a sua relação com o resto da família, tanto da sua parte, como da parte da sua companheira?**

Ah! ... Isso já varia um bocado! Depende... Na minha família... eu dou-me bem com todos... mas há... da parte da minha mulher há outros que... não se dão bem uns com os outros... Para mim... Eu dou-me bem com toda a gente, não vale a pena fazer guerras com ninguém... Eles são sete irmãos, depois também têm a mãe doente... da parte da minha mulher, têm a mãe doente, depois é o empurra, vai para tua casa, vai para a dele, vai para aquele. Mas não é nada de mais, é mais isso...

#### **Em que contexto surgiu este bebé?**

Contexto? Bem planeado... Muito bem planeado e mais tarde... o outro já tem seis anos mas como não dá para ter dois no... infantário teve de se esperar que o outro fizesse seis anos, o outro sai do colégio, vai para a escola fica... e este fica... fica no colégio. Tivemos de planear muito bem... E mais, tinha de nascer antes do outro sair para aproveitar a vaga no infantário, depois também é difícil pô-lo no infantário, como tem lá o irmão é mais fácil. Foi muito bem planeada e desejada também.

#### **Como se sentiu face à gravidez? Qual foi a sua primeira reacção?**

Muito contente... Era o que eu queria para mim... Fiquei muito contente... Não sei...

#### **Como se sentiu face à perspectiva de vir a ser pai?**

Pfff... Eu... Sempre quis ter dois filhos... Não tenho mais... Não tenho palavras para descrever... É difícil... Não se consegue explicar, não consigo. Fiquei muito satisfeito.

#### **Como imaginou o seu bebé?**

Não imaginei. Não gosto dessas coisas... Depois faz-se muita expectativa e depois... cria-se um problema... Como ele vem, vem... Não penso nessas coisas... Mesmo antes de

saber qual era o sexo do menino, estavam: é um menino, tu preferes um menino. Não prefiro nada, que venha perfeito. Não vale a pena, depois apanhamos a pior desilusão. Assim... todo o dia apanho... Não nada. Qual ele viesse, gostava dele na mesma.

**Como se sentiu quando o seu filho nasceu?**

...Senti-me bem... Aliviado por causa da situação por ter nascido antes do tempo... mas contente.

**Quer-me falar um bocadinho mais sobre essa situação?**

Fiquei preocupado. Queria que corresse tudo bem, correu tudo bem. Fiquei feliz.

**Como se sentiu quando viu o seu filho pela primeira vez?**

Muito orgulho, muito contente...

**Como se sente actualmente?**

Bem... Contente... Contente porque ele está melhor. Satisfeito porque ele está a melhorar... Está tudo a correr bem.

**Quantas visitas já fez ao bebé?**

Eu estou cá todos os dias desde que ele nasceu...

**Costuma sonhar com o seu bebé?**

Sim, todas as noites... Quase nem durmo... Sonho com imensas coisas...

**Lembra-se de algum sonho em particular?**

As máquinas a apitar... Isto fica na cabeça... Muitos sonhos... O internamento, a preocupação... Tenho tido dificuldade em dormir... Ele está aqui e não está em casa...

**Durante a gravidez costumava sonhar?**

Não... Não sonhei... Estava tudo bem... Os sonhos bons não me recordo, só os maus... e... não me lembro de nenhum...

**Fale-me do seu filho (características, particularidades...)**

É... Tem umas orelhinhas pequeninas, os olhos...são claros...que...são todos olhos castanhos, da minha família já têm todos olhos claros mas ele... ele vai ficar com olhos claros também... É a particularidade maior... e tem umas mãos grandes. Tem também muito cabelo, mas isso o outro também já tinha também. O que eu noto mais de diferença

são as mãos. O outro tinha as mãos mais pequenas e este tem as mãos bem grandes. E é os olhos, mais importante, os olhos que são mais clarinhos... É um bebé agitado, muito agitado, muito...

**Como se sente relativamente a agitação do seu bebé?**

Um bocado preocupado. Queria que ele dormisse mais, descansasse mais... Era melhor...

**Tem vontade de interagir, de se envolver com o seu filho?**

Sim, sempre...

**De que forma?**

No... tudo, tudo, em tudo. Seja passear, mudar a fralda, lavá-lo... tudo, tudo, tudo...

**Interage com o seu filho?**

... Com o Martim? Sim... Já, já mudei a fralda, já lhe dei leite... faço... o que me deixarem fazer, faço...

**Que outro tipo de interação tem com o seu filho?**

Agora não posso fazer muito mais... É estar com ele ali um bocadinho...Estar ali, dar-lhe um bracinho, a mão, uma festinha, não posso fazer muito mais...Estar com ele ao colo também...

**Como é que sente quando o Martim está a dormir ao seu colo?**

Bem... Muito bem... É muito bom...

**Descreva-me o que faz num dia típico de visita ao bebé.**

Venho, vou vê-lo... Estou lá, ele está a dormir, deixo-o estar a dormir, quando ele acorda, depois de três em três horas ele tem a muda de fralda, tem de dar leite... Eu ajudo, mudo a fralda, dou o leite... A minha esposa, vamos dividindo as tarefas, eu também gosto, e é assim que passamos o dia... Estamos ali um bocadinho com ele... e é isto... também não podemos fazer muito mais do que isto...

**Como se sente enquanto pai?**

Sinto-me bem... sinto-me bem...

**Qual a sua motivação para interagir se envolver com o seu filho?**

A minha motivação é dar... o melhor para ele, quanto mais eu participar mais ele vai sentir-se apoiado... não... vai cair na... desgraça... É simples, quanto mais afastado a gente está mais eles fazem o que querem e o que bem lhes apetece... Mais velhos... agora, não é só agora, vai acabando. Se não acompanhar nos estudos eles desistem e não fazem nada... Acompanho sempre os meus filhos, o máximo possível, só quando vou trabalhar é que não posso... Estou sempre com eles, quando estou de folga, trabalho por turnos... quando estou de folga vou buscar o meu filho à creche e fico com ele, seja o dia que for. Também há dias de fim-de-semana que não posso porque estou de serviço... É assim, quando posso, o máximo possível...

**Por que razão acha que se envolve dessa maneira? Por que razão acha que se quer envolver?**

Porque... Porque gosto... e quero... Para o ajudar... Também ajudar a minha mulher também... Ela não vai fazer as coisas sozinha... também é muito importante ajudar...

**Como se caracteriza enquanto Pai?**

Acho... Acho que sou bom pai, agora as outras pessoas é que podem dizer... É um bocado difícil de eu dizer como é que é... Tranquilidade e estou muito presente...

**Qual a sua opinião sobre o envolvimento do pai desde tenra idade? Desde os primeiros meses do bebé?**

Acho que deviam ser mais. Muito pais... não dão importância nenhuma aos... bebés... só começam aos dois, três, quatro anos... e mesmo assim... Deixam tudo para as mães... Eu não, eu divido tudo, e gosto de fazer. É muito importante porque depois o bebé vai também sentir o afecto do pai... Daí também é muito importante ele sentir isso...

**Qual a opinião da sua companheira sobre o envolvimento do pai com o filho desde tenra idade?**

Queria mais! ... Não, não está bem... ela... não há problema com ela... A gente divide tudo. Acha que envolvimento do pai é muito importante também.

**Há alguma coisa que queira acrescentar?**

É assim... Todos deviam participar mais, os homens deviam todos mais participar... nas tarefas do... bebé que muitos não... conheço muitos que fazem e que depois deixam-nos ao cantinho... mas de resto... eu não sou assim, eu ajudo... Há quem não faça isso. Cada um é como é... A minha opinião é esta, posso estar errado, não sei, posso estar certo, também

não sei. Eu penso que estou bem, os outros... Cada um é como quer. Pode vir aqui um homem dizer: eu faço assim e é assim que deve ser... Para mim deve ser a gente a interagir... Ajudar o máximo possível... de resto...

**E considera importante essa ajuda de que fala?**

Acho muito importante... Faço porque quero fazer e porque me dá satisfação. É sempre o nosso filho que estamos a criar e a cuidar, não é como um estranho, quanto mais próximos estivermos melhor para ele, mais saudável ele cresce, menos, menos problemas de cabeça ele tem... Provavelmente, a maior parte dos miúdos que andam na escola têm pais divorciados... 80% dos pais são pais divorciados... Têm só problemas... Os miúdos só são problemas... depois influencia as notas, a nível do comportamento, em tudo... Miúdos que tenham os pais juntos tem 100% de eficácia na escola... O que eles têm é problemas em casa, senão vai logo por água abaixo, até fica mal. Eu quero dar o melhor para os meus filhos por isso... tenho de ser muito participativo.

## Quadro Síntese das Entrevistas aos Pais

	<b>1ª Entrevista Nuno (20.02.2009)</b>	<b>2ª Entrevista Carlos (22.02.2009)</b>	<b>3ª Entrevista João (22.02.2009)</b>	<b>4ª Entrevista Paulo (01.03.2009)</b>	<b>5ª Entrevista Pedro (01.03.2009)</b>
<b>Relação com a companheira/mãe do bebé</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muito boa</li> <li>- Tranquila</li> <li>- Saudável</li> <li>- Muito amigos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Boa</li> <li>- Momentos difíceis/complicados desde o nascimento dos bebés</li> <li>- Mistura de sentimentos (confusos/perdidos)</li> <li>- Aprendizagem e crescimento após o internamento dos bebés</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muito Boa</li> <li>- Diálogo perfeito</li> <li>- Trabalho normal</li> <li>- Nada de stresse</li> <li>- Nada de brigas</li> <li>- Perfeita</li> <li>- Melhor é impossível</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ótima</li> <li>- Muita compreensão</li> <li>- Muita amizade</li> <li>- Tudo o que um casal precisa</li> <li>- Nascimento da bebé contribuiu para o intensificar da relação</li> <li>- Muito boa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muito boa</li> <li>- Confiança mútua</li> <li>- Damo-nos bem</li> <li>- Não há mais nada a dizer</li> </ul>
<b>Relação com a restante família</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muito Boa</li> <li>- Mais distante (família materna)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Boa</li> <li>- Normal</li> <li>- Apoio é importante</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Afastados a nível geográfico</li> <li>- Nenhum se propôs a vir a Portugal</li> <li>- Saudade</li> <li>- Contacto através do telefone</li> <li>- Pai falecido</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Boa</li> <li>- Damo-nos bem</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Varia um bocado</li> <li>- Pai dá-se bem com todos</li> <li>- Existem conflitos na família materna</li> </ul>
<b>Contexto em que surgiu o bebé</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não foi planeado</li> <li>- Muito desejado</li> <li>- Uma notícia fantástica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não foi planeado</li> <li>- Muito contentes</li> <li>- Muito desejado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não foi planeado</li> <li>- Gravidez desejada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Planeado</li> <li>- Desejado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Bem planeado</li> <li>- Desejado</li> </ul>

<b>Reacção e/ou sentimentos face à gravidez</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Normal</li> <li>- Muito feliz</li> <li>- Abraço</li> <li>- Beijo</li> <li>- Recuperar (pressupõe choque)</li> <li>- Desejo de acompanhar toda a gravidez</li> <li>- Estar presente (para a mãe e para o filho)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muito feliz</li> <li>- Muito contente</li> <li>- Preocupação</li> <li>- Super felizes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muito feliz</li> <li>- Desejo de ser pai</li> <li>- Festa</li> <li>- Alegria total</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Feliz</li> <li>- Mudou o pensamento</li> <li>- Preocupação</li> <li>- Começar a pensar como pai</li> <li>- Surpresa</li> <li>- Difícil de explicar</li> <li>- Mistura de sentimentos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muito contente</li> <li>- Desejo de ser novamente pai</li> <li>- Não sei</li> </ul>
<b>Sentimentos face à perspectiva de ser Pai</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A cair na realidade (pressupõe dificuldades)</li> <li>- Um bocado nervoso (pressupõe ansiedade)</li> <li>- Não preparado</li> <li>- Necessidade de aprendizagem</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muito feliz</li> <li>- Desejo de um rapaz</li> <li>- Muito contente</li> <li>- Filhos foram bem-vindos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Festa</li> <li>- Alegria total</li> <li>- Um pouco chateado pelo nascimento prematuro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Bem</li> <li>- Responsabilidade – ser mais responsável</li> <li>- Muito emocionado</li> <li>- Difícil de descrever</li> <li>- Muito forte</li> <li>- Nada mais importa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desejo de ser novamente pai</li> <li>- Sem palavras/dificuldade e em descrever</li> <li>- Satisfeito</li> </ul>
<b>Bebé imaginário</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não imaginei</li> <li>- Loiro ou careca</li> <li>- Olhos claros</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lindo</li> <li>- Parecido com o pai</li> <li>- Parecido com a irmã</li> <li>- Não fez “plano ideal de filho ideal”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Filho que tenha tudo</li> <li>- Sadio</li> <li>- Que brinca</li> <li>- Que faz tudo</li> <li>- Um super filho</li> <li>- Um molecão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Parecido com a mãe</li> <li>- Exactamente como a mãe</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não imaginei – Não gosto dessas coisas (“Não vale a pena, depois apanhamos a pior desilusão”)</li> </ul>

<b>Sentimentos relativos ao nascimento do filho</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muito feliz</li> <li>- Muito rápido</li> <li>- Necessidade de guardar toda a situação na memória</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Turbilhão de emoções</li> <li>- Muito feliz</li> <li>- Preocupado</li> <li>- Apreensivo</li> <li>- Super contente</li> <li>- Conformação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Triste</li> <li>- Muito triste</li> <li>- Incapacidade para imaginar o nascimento prematuro (pressupõe apreensão)</li> <li>- Choro (pressupõe tristeza)</li> <li>- Necessidade de superar (pressupõe dificuldades)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Difícil para falar</li> <li>- Mais vontade de viver, de trabalhar, de tudo</li> <li>- Muito forte</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Bem</li> <li>- Aliviado</li> <li>- Contente</li> <li>- Preocupado</li> <li>- Feliz</li> </ul>
<b>Sentimentos face à primeira vez que viu o bebé</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Nó no estômago (pressupõe choque)</li> <li>- Nervoso</li> <li>- Vontade de chorar</li> <li>- Necessidade de não se mostrar triste/aflito</li> <li>- Necessidade de dar suporte à mãe</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Orgulho enorme</li> <li>- Radiante</li> <li>- Não sei</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Choro (pressupõe tristeza)</li> <li>- Muito triste</li> <li>- Incapacidade para imaginar o filho tão pequeno (pressupõe apreensão)</li> <li>- Uma coisa ruim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização</li> <li>- Total felicidade, não contida</li> <li>- Choro (pressupõe emoção)</li> <li>- Riso</li> <li>- Sentimento forte</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muito orgulho</li> <li>- Muito contente</li> </ul>
<b>Sentimentos actuais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desejo de recuperação e alta hospitalar</li> <li>- Necessidade de avançar/começar a sério</li> <li>- Nó no estômago (pressupõe receio)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muito feliz</li> <li>- Emocionado por ir para casa</li> <li>- Apreensivo</li> <li>- Completamente feliz</li> <li>- Estável</li> <li>- Muito bem</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mais calmo</li> <li>- Bem melhor</li> <li>- Mais à vontade</li> <li>- Receoso</li> <li>- Preparado para tudo</li> <li>- Impacto forte no início (pressupõe choque)</li> <li>- Mais consciente</li> <li>- Mais confortável</li> <li>- Mais aliviado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Necessidade de adaptação perante a situação que ainda é recente (pressupõe apreensão)</li> <li>- Felicidade</li> <li>- Normal</li> <li>- Não é um sentimento mau</li> <li>- É complicado para responder/dá</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Bem</li> <li>- Contente</li> <li>- Satisfeito com os progressos do bebé</li> </ul>

				para sentir	
<b>Sonhos com o bebé</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não</li> <li>- Acordo aflito a pensar como ele está</li> <li>- É muito raro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sim</li> <li>- Bons sonhos</li> <li>- Maus sonhos</li> <li>- Sonho mau durante a gravidez – premonição (pressupõe preocupação e culpabilidade)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sim</li> <li>- Pesadelos nos primeiros dias (pressupõe choque)</li> <li>- Muitas vezes não sabe o que sonha – acorda assustado</li> <li>- Durante a gravidez imaginou o filho a crescer e a brincar – um filho 100%</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sim, bastante (desde a gravidez)</li> <li>- Estar com ela</li> <li>- Brincar</li> <li>- Passear</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sim, quase todas as noites – muitos sonhos</li> <li>- Máquinas a apitar</li> <li>- Internamento</li> <li>- Preocupação</li> <li>- Dificuldade em dormir</li> <li>- Não sonhou durante a gravidez – Apenas recorda sonhos maus</li> </ul>
<b>Características e/ou particularidades do bebé</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não gosta que lhe toquem</li> <li>- Não gosta que o acordem</li> <li>- Não gosta que lhe troquem as fraldas</li> <li>- Dificuldade em respirar</li> <li>- Calmo</li> <li>- Personalidade forte</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É como o pai</li> <li>- Muito refilão</li> <li>- Gosta de atenção</li> <li>- É comilão</li> <li>- Muitas cólicas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Membros muito grandes</li> <li>- Não é um bebezão</li> <li>- Não é um super bebé</li> <li>- É um bebé normal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ri muito – vai ser muito convencida</li> <li>- Stressada/muito activa – como a mãe</li> <li>- Parecenças com a família do pai – a nível físico</li> <li>- Mãos compridas</li> <li>- Grande/Comprida</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Orelhinhas pequeninas</li> <li>- Olhos castanhos/claros</li> <li>- Mãos grandes</li> <li>- Muito cabelo</li> <li>- Bebé muito agitado – falta de repouso induz preocupação no pai</li> </ul>
<b>Vontade de interagir e de se envolver com o bebé</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sim, muita</li> <li>- Brincar</li> <li>- Dar-lhe biberão</li> <li>- Pô-lo a dormir</li> <li>- Passear</li> <li>- Vê-lo sorrir</li> <li>- Tratar dele em todos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sim, completamente</li> <li>- “Faço aquilo que me deixam e o que não me deixam fazer”</li> <li>- Vontade de fazer tudo o que é possível</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sim, muita</li> <li>- Brincar</li> <li>- Falar</li> <li>- Muitas coisas</li> <li>- Tudo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sim, lógico, óbvio</li> <li>- Não pensou</li> <li>- É necessário</li> <li>- Vontade de ser um pai presente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sim, sempre</li> <li>- Tudo</li> <li>- Passear</li> <li>- Mudar a fralda</li> <li>- Lavá-lo</li> </ul>

	os momentos, bons e maus - Ajudar				
<b>Interacção com o filho</b>	- Sim -Festas - Necessidade de uma maior proximidade/contacto	- Sim - Biberão - Colo - Mudança de fralda - Tratando dele - Banho	- Sim - Brincar - Pegar - Conversar	- Sim, óbvio - Converso - Faço “como antes” (gravidez) – agora é mais real	- Sim - Mudar a fralda - Dar leite - “O que me deixarem fazer faço” - Não posso fazer muito mais - Estar com ele - Tocá-lo - Estar com ele ao colo
<b>Dia típico de visita ao bebé</b>	- Estar com ele - Dar carinho - Tratar dele - Mudar a fralda - Ajeitá-lo o melhor possível - Fazer o melhor possível - Tentar sair o mais tarde possível	- Preparação do banho - Preparação da roupa - Medição da tensão - Medição da temperatura - Depósito - Banho - Vestir - Limpar - Cuidados normais de um bebé - Divisão de tarefas entre pai e mãe	- Saber tudo: como está e como passou a noite - Comunicar com ele - Tocar o máximo possível - Brincar	- Olhar - Abençoar - Acariciar - Beijar - O normal - Conversar bastante	- Vê-lo - Deixar dormir - Mudar a fralda - Dar leite - Divisão de tarefas entre pai e mãe - Estar um bocado com o bebé - Não é possível fazer muito mais
<b>Sentimentos relativos à paternidade</b>	- Incapacidade para se sentir um “pai a sério”, por enquanto - Fazer o que é possível	- Feliz - Realizado	- Não dá para descrever - “Quando você cai na real é bem diferente” - Impossibilidade de	- Feliz - Extremamente agradecido - Muito bem - Difícil de	- Bem

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tratá-lo</li> <li>- Mantê-lo</li> <li>- Manter contacto</li> <li>- Preparar caminho</li> <li>- Necessidade de sair do hospital e iniciar a tarefa de ser pais</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>comemorar (pressupõe apreensão e receio)</li> <li>- Preocupado</li> <li>- Incapacidade para estar completamente feliz (60% de felicidade, 40% de tristeza)</li> <li>- Alegria</li> <li>- Tristeza</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>descrever</li> <li>- Fase de adaptação</li> <li>- Extremamente bem</li> <li>- Extremamente feliz</li> <li>- Extremamente realizado</li> </ul>	
<b>Motivação para interagir e envolver-se com o bebé</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inexistência de motivação racional/pensada</li> <li>- Motivação física e intuitiva</li> <li>- Torná-lo o mais feliz possível</li> <li>- Segui-lo</li> <li>- Apoiá-lo</li> <li>- Ser amigo dele</li> <li>- Estar lá quando é preciso</li> <li>- Difícil de explicar</li> <li>- Maneira de ser</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Por ser meu filho”</li> <li>- Maneira de ser</li> <li>- Para ser o melhor pai do mundo</li> <li>- Fazer aquilo que sabe e que está ao alcance</li> <li>- Para o bem-estar do filho</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ter pai presente é uma coisa muito boa</li> <li>- Vontade de contrariar o modelo do seu próprio pai – pai ausente e não participativo</li> <li>- Estar presente no crescimento e desenvolvimento</li> <li>- Dar o máximo e ajudar em tudo</li> <li>- Ser pai é a melhor coisa do mundo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser filho da sua esposa/mulher que ama</li> <li>- Fruto do amor e símbolo do ultrapassar de uma dificuldade</li> <li>- Amor à filha</li> <li>- É normal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dar o melhor ao filho</li> <li>- Para que ele se sinta apoiado e não caia na desgraça</li> <li>- Porque gosto e quero</li> <li>- Para ajudar a minha mulher – “É muito importante ajudar”</li> </ul>
<b>Caracterização enquanto pai</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Protector</li> <li>- Amigo</li> <li>- Carinhoso</li> <li>- Necessidade de estabelecimento de uma relação de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muito carinhoso</li> <li>- Atencioso</li> <li>- Bem-intencionado</li> <li>- Apegado</li> <li>- Necessidade de estabelecimento de uma</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vontade de dar o melhor</li> <li>- Atento ao bem-estar do filho</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreensivo</li> <li>- Amigo</li> <li>- Presente sempre que ela precisar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Bom pai</li> <li>- Difícil de dizer</li> <li>- Tranquilo</li> <li>- Presente</li> </ul>

	proximidade com o filho	relação de proximidade com o filho			
<b>Opinião sobre o envolvimento emocional paterno precoce</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muito importante para o desenvolvimento do filho e para o desenvolvimento do pai como pai</li> <li>- O pai tem de intervir</li> <li>- O pai tem de servir de modelo</li> <li>- Não ser figura autoritária, distante</li> <li>- Ser um amigo, próximo do filho</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tem de ser um envolvimento muito grande</li> <li>- Tentar fazer uma ligação forte desde cedo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muito importante</li> <li>- Tem de dar carinho e afecto desde os primeiros dias</li> <li>- Dá confiança</li> <li>- Beneficia a criança</li> <li>- Faz a criança evoluir</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Importantíssimo</li> <li>- Filhos dependem da protecção dos pais</li> <li>- Fundamental</li> <li>- Importante na criação dos filhos</li> <li>- Orientador do percurso dos filhos</li> <li>- O pai tem de ser amigo em todos os momentos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Deviam ser mais</li> <li>- Importância da divisão de tarefas</li> <li>- Importante para o bebé sentir o afecto do pai</li> </ul>
<b>Opinião da companheira sobre o envolvimento emocional paterno precoce</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mesma opinião do pai</li> <li>- O pai é uma figura muito importante</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Boa</li> <li>- Considera o pai um apoio importante e valoriza o seu envolvimento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sempre</li> <li>- Considera o pai um apoio importante e valoriza o seu envolvimento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Preciso</li> <li>- Fundamental</li> <li>- Mesma opinião do pai</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desejo de um maior envolvimento</li> <li>- Muito importante</li> </ul>
<b>Comentário Final</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não</li> <li>- Situação nova</li> <li>- Situação difícil</li> <li>- Situação diferente</li> <li>- Situação complicada</li> <li>- Impotência</li> <li>- Situação muito tensa, angustiante</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Bons e maus momentos</li> <li>- Lembranças do filho que faleceu – situação difícil de conceber e contornar</li> <li>- Necessidade de acreditar na recuperação dos dois bebés</li> <li>- Comparação com a</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não</li> <li>- Está tudo a ser bem tratado</li> <li>- Recurso à religião como forma de justificar o que aconteceu ao bebé e que poderá acontecer</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não</li> <li>- Necessidade de internamento por prematuridade</li> <li>- Antecipação de uma rápida recuperação e ida para casa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Todos os homens deviam participar mais nas tarefas do bebé</li> <li>- Importância da ajuda mútua e divisão de tarefas</li> <li>- Elaboração do</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desejo de uma rápida recuperação</li> </ul>	<p>situação da outra filha que nasceu de termo – relação de proximidade estabelecida</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Dificuldade em estabelecer relação imediata com o bebê prematuro</li> <li>- Recordar da situação e sentimentos relativamente ao filho que faleceu</li> <li>- Recordar do medo/receio relativamente ao que poderia acontecer a Miguel</li> <li>– vivências intensas</li> <li>- Posterior ganho de confiança, conforto e tranquilidade</li> <li>- Preocupação continua presente</li> <li>- Reforço dos progressos e estabilidade de Miguel</li> <li>- Antecipação da ida para casa e das várias adaptações necessárias</li> <li>- Experiência grande e forte</li> <li>- Incapacidades de as outras pessoas perceberem a situação</li> <li>- Aprendizagem e crescimento – implicam mudança de visão e</li> </ul>	<p>no futuro (pressupões medo/receio relativamente ao falecimento de Lucas)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Importância do confortar dos médicos e enfermeiros quando os pais estão tristes – “foi bom”</li> </ul>		<p>seu papel enquanto pai – certo vs errado</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Dar o máximo possível enquanto pai</li> <li>- Satisfação em ajudar e participar nas tarefas do bebê</li> <li>- Importância de uma relação participativa de proximidade e confiança com o filho</li> </ul>
--	--	---	---	--	--

		<p>prioridades</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Antecipação das saudades relativas à unidade e ao pessoal que ali trabalha</li><li>- Experiência de vida</li><li>- Necessidade de retirar alguma coisa de toda a situação</li><li>- Antecipação do futuro e da boa recuperação de Miguel</li><li>- Maior dificuldade da mulher para ultrapassar esta situação – mãe é mais preocupada, pai é mais positivo</li><li>- Recordação das dificuldades e culpabilização da mulher relativamente a Fábio</li><li>- Elaboração do medo/receio em relação ao futuro</li><li>- Necessidade de acreditar na futura recuperação e bom desenvolvimento de Miguel</li></ul>			
--	--	--	--	--	--

### Quadro Sumário das respostas dos pais (resultados)

<b>Relação com a companheira/mãe do bebé</b>	<p>Relação muito boa, algo idealizada, pelos cinco pais que responderam à entrevista. Apenas dois dos pais identificam a existência de momentos difíceis a partir do nascimento, e respectivo internamento, do bebé. Dois dos entrevistados referem que a presente situação contribuiu para a aprendizagem e para o crescimento da sua relação com a companheira.</p>
<b>Relação com a restante família</b>	<p>Relação classificada, pela maioria dos pais, como boa. Apenas um dos entrevistados aborda a importância do apoio familiar. A existência de conflitos na família é mencionada apenas por um dos pais entrevistados. Por fim, dois dos entrevistados abordam o distanciamento geográfico como justificação da ausência de uma relação presente, de apoio, continuada no espaço e no tempo.</p>
<b>Contexto em que surgiu o bebé</b>	<p>Bebé desejado para todos os pais, mas não planeado para três dos cinco pais entrevistados. Nos restantes casos (dois), verificou-se também a existência de planeamento no que se refere à gravidez.</p>
<b>Reacção e/ou sentimentos face à gravidez</b>	<p>O sentimento de felicidade foi mencionado por todos os pais entrevistados. Três dos entrevistados enfatizam o desejo de ser pai e acompanhar todo o processo gravídico. Dois dos cinco pais entrevistados referem sentimentos de preocupação face à gravidez. Por fim, um dos entrevistados enfatiza a necessidade de recuperar (pressupõe choque).</p>
<b>Sentimentos face à perspectiva de ser Pai</b>	<p>Quatro dos cinco pais entrevistados abordaram de imediato o desejo de ser pai e o sentimento de felicidade despertado face à perspectiva apresentada. Um dos entrevistados enfatizou, no entanto, as dificuldades e a ansiedade despertadas por esta situação, reforçando a necessidade de uma maior preparação/aprendizagem relativamente à futura tarefa de ser pai. Apenas um dos entrevistados manifestou sentimentos negativos face ao nascimento prematuro do seu bebé.</p>

<b>Bebé imaginário</b>	Dois dos pais entrevistados abordaram de imediato a sua incapacidade de imaginação do bebé. Um dos pais, após alguma insistência, apontou apenas algumas evidências físicas. Nos restantes três pais entrevistados parece ter-se verificado uma idealização do futuro filho. Em dois dos casos a idealização é efectuada com base na perspectiva de um filho quase perfeito, no outro a idealização do bebé tem por referência a própria idealização da companheira e as semelhanças que o bebé terá com a sua mãe.
<b>Sentimentos relativos ao nascimento do filho</b>	Quatro dos cinco pais entrevistados referem sentimentos de felicidade e alegria face ao nascimento do bebé. No entanto, um dos pais manifesta, de imediato, a sua decepção e tristeza face ao nascimento prematuro do seu filho. Três dos cinco pais entrevistados manifestaram também sentimentos de apreensão e preocupação relativamente ao nascimento do filho. Por fim, a necessidade de superar os problemas e de conformação face à situação foi também abordada por dois dos cinco pais entrevistados.
<b>Sentimentos face à primeira vez que viu o bebé</b>	Três dos cinco pais entrevistados abordam sentimentos positivos face à primeira vez que viram o seu bebé (felicidade e orgulho). Os restantes dois entrevistados enfatizam sentimentos negativos como a apreensão, a tristeza e a ansiedade. Um dos pais sentiu também a necessidade de resguardar os seus próprios sentimentos de forma a poder dar suporte e tranquilizar a sua companheira.
<b>Sentimentos actuais</b>	A satisfação e a felicidade são os sentimentos mencionados pela maioria dos pais entrevistados (três). Nos restantes pais (dois) verifica-se ainda, apesar do desejo de recuperação e da necessidade de adaptação, alguma apreensão e receio face à situação de internamento e face ao futuro do bebé.
<b>Sonhos com o bebé</b>	Quatro dos cinco pais entrevistados referem, de imediato, sonhar frequentemente com o seu bebé. Três destes quatro pais relatam também sonhos durante a gravidez. Dois dos pais entrevistados têm apenas pesadelos relativamente à situação de internamento/futuro do bebé, um tem apenas sonhos agradáveis em que realiza várias actividades com o bebé, enquanto outro pai alterna entre pesadelos e sonhos agradáveis. O pai que refere não sonhar admite, no entanto, que por vezes acorda assustado durante a noite.
<b>Características e/ou particularidades do bebé</b>	A totalidade dos pais opta por fazer referência a características físicas que permitem a identificação com um dos progenitores. Três dos pais abordam o grande comprimento dos membros superiores dos filhos como um factor positivo de desenvolvimento. Apenas dois pais mencionam características psicológicas e/ou de personalidade para descrever o seu bebé. Nestes dois últimos casos é dado maior ênfase ao que o bebé não gosta e não pode fazer. Desta forma é efectuada a diferenciação entre o bebé idealizado e o bebé real.

<b>Vontade de interagir e de se envolver com o bebé</b>	Todos os pais confessaram ter muita vontade de interagir e de se envolver com os respectivos bebés. Os cinco pais demonstraram vontade de participar em todas as actividades relacionadas com os filhos, tanto ao nível da dinamização de actividades lúdicas, como ao nível da prestação de cuidados. Ficou patente a necessidade de “estar presente”.
<b>Interacção com o filho</b>	Ao nível da interacção com os respectivos filhos todos os pais responderam de forma afirmativa. Destacaram, deste modo, a realização de actividades/tarefas que alternaram entre tarefas relacionadas com a prestação de cuidados e as actividades relacionadas com a necessidade de um envolvimento mais próximo, de carácter emocional. Dois dos pais entrevistados abordaram o sentimento de impotência por não poderem fazer mais, enfatizando a necessidade de uma maior proximidade/contacto com o bebé. Um dos pais estabeleceu o paralelo entre a interacção com o filho durante o período de gravidez e a interacção actual, mais “real”.
<b>Dia típico de visita ao bebé</b>	O dia típico de visita ao bebé reflecte a interacção realizado pelos pais com os seus filhos. Existe, desta forma, e em todos os pais entrevistados, uma alternância entre a realização de tarefas de prestação de cuidados e as actividades de carácter mais lúdico e de envolvimento emocional com o bebé. Dois dos pais entrevistados sublinham também a necessidade de pai e mãe dividirem as tarefas a realizar com o bebé.
<b>Sentimentos relativos à paternidade</b>	Três dos pais entrevistados referiram estar satisfeitos com o sentimento de paternidade. Um dos pais, apesar de referir que está “extremamente feliz” acrescenta também que está a viver uma fase de adaptação. Os restantes pais (dois) enfatizaram, por um lado a incapacidade de estarem completamente felizes na presente situação e, por outro, a incapacidade de se sentirem pais completos e realizados durante o período de internamento.
<b>Motivação para interagir e envolver com o bebé</b>	Na resposta a esta questão todos os pais salientaram que a motivação para interagir e se envolverem com os respectivos bebés foi a vontade e o desejo de estarem presentes e participarem diariamente na vida e no desenvolvimento dos filhos. Dois dos pais entrevistados abordaram também a sua própria maneira de ser como responsável pela motivação. Os restantes três pais apresentaram também razões complementares mas distintas entre si: diferenciação em relação ao modelo perpetuado pelo seu próprio pai, ausente; bebé como fruto do amor de uma relação amorosa, extremamente idealizada; e por fim, como forma de ajudar a companheira.
<b>Caracterização enquanto pai</b>	Todos os cinco pais entrevistados se caracterizaram como pais presentes, com necessidade de estabelecer uma relação emocional, de proximidade, com os respectivos bebés.

<b>Opinião sobre o envolvimento emocional paterno precoce</b>	Em relação a esta temática, todos os pais entrevistados referem que o envolvimento emocional paterno precoce é muito importante para o desenvolvimento do bebé. Um dos pais enfatizou a importância do estabelecimento desta relação também para o seu próprio desenvolvimento enquanto pai.
<b>Opinião da companheira sobre o envolvimento emocional paterno precoce</b>	Todos os pais entrevistados referiram que as suas companheiras valorizam o envolvimento emocional paterno precoce, classificando-o como muito importante.
<b>Comentário Final</b>	Quatro dos cinco pais entrevistados aproveitaram este espaço para fazer uma retrospectiva do internamento do bebé, das difíceis situações por que passaram e dos vários sentimentos experienciados. Ficou também patente o medo/receio de que algo pudesse ainda acontecer aos respectivos bebés. Por outro lado, foi também evidente o forte desejo de recuperação e alta hospitalar dos seus filhos. O restante pai entrevistado optou por focar o seu discurso na elaboração do seu papel enquanto pai, não abordando a situação de internamento.